MARQUEZ DE JACOME CORRÊA

Da Sociedade de Geographia de Lisbôa,
da Associação dos Archeologos e do Instituto de Coimbra

A
ILHA DA MADEIRA

IMPRESSÕES E NOTAS ARCHEOLOGICAS, RURAES, ARTISTICAS E SOCIAES

ESCRIPTAS DE

JANEIRO A MAIO DE 1925

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1927

Aos Senhores Carlos Azevedo de Menezes e Padre Fernando Augusto da Silva offerece este livro o auctor com a homenagem mais sentida da sua admiração e do seu reconhecimento, pois que é a elles e ao Elucidario Madeirense *que deve a grande parte dos conhecimentos historicos adquiridos.*

Ao seu Ex.mo Amigo o Padre José Cabral Lindo vae um agradecimento profundo. Foi o seu cicerone *e o companheiro das excursões e portanto estas notas de viagem pertencem-lhe, porque só a elle a redacção foi devida, contribuindo para que ellas se fizessem e agora appareçam publicadas, retendo o auctor no Funchal quatro mezes quando elle contava permanecer cinco dias.*

MARQUEZ DE JACOME CORREA.

Coimbra, Setembro de 1926.

PARTE I

A ARTE NA MADEIRA

I

O Funchal Archeologico

Não é percorrendo as ruas do Funchal que sob o criterio archeologico se encontram manifestações d'arte que agradem á nossa vista.

A Sé, esse enorme edificio que parece pertencer á architectura romana do seculo XIII d'ordem militar, pelo seu torreão ameado; e que se transforma em aspecto gothico pela rosacea do oculo, pela ogiva do arco do portal grande e pelas janellas da frontaria e pela agulha pyramidal elevando-se do eirado; edificio que de religioso só tem a cruz aplicada na crista do frontão e os mostradores circulares de marmore do relogio presos nas ameias; edificio que nem correcto é na armação das fachadas, principiadas a silharia nos esconsos e acabadas a reboco caiado no resto das paredes; a Sé no seu estylo hybrido e despido, não é um monumento cuja architectura ampla de cathedral apresente manifestações artisticas.

Tão pouco nenhum outro templo, nenhum outro monumento se impõe como tal na Cidade: e a arquitectura civil e religiosa dos tempos passados não tem como nos Açôres uma representação que se possa

agrupar entre monumentos archeologicos de belleza esthetica.

Percorrendo-se, contudo, as ruas do Funchal, pelas montras dos estabelecimentos do commercio depara-se com diversos objectos de manufactura moderna que são dignos do nome d'artisticos e sente-se que se está n'uma terra praticamente commercial ou industrial alheia ás preocupações da produção obreira eurythmica.

O mobiliario de vimes é certamente uma arte manufactureira e não foi por os economistas a considerarem uma industria e avaliarem-lhe a producção, o consumo local e a exportação, que essa arte na Madeira deixou de ser arte, para constituir uma industria.

Desde que na mão-d'obra ha originalidade, harmonia de linhas, belleza ou graciosidade de contornos ou formas, quando o aspecto geral deleita o espirito; seja qual fôr o trabalho, n'esse trabalho existe arte.

É o que se dá na floricultura de papel ou de pennas que decoram os andores das procissões ou os vasos dos altares das egrejas; era o que se manifestava nos doces; ambas industrias conventuaes e desaparecidas; é a que se constata nas decorações horticolas quando os cachos floridos das glycineas pendem pelos muros abaixo das quintas ou dos quintaes dos *chalets* nos bairros extremos da Cidade, e mesmo dentro do Funchal; é enfim o que se mostra nos bordados, nas caixas e mezas d'embutidos, nos objectos de madeira e nas talhas dos retabulos dos altares.

Mesmo no indumento popular mantido na tradicção, conservado nos usos e nos costumes, por mais antiga que seja a sua moda, e por mais intactos que estejam guardados os seus modelos; se ha alli esthetica

nos cortes, harmonia nas côres, ellegancia nas peças que os compõem, é porque a arte manifesta-se no seu conjuncto ao primeiro golpe de vista, agradando, deliciando, encantando. O tafulismo dos trajos madeirenses femininos, se é um pouco á moda do Minho, provém de uma data remota — principios do seculo xvi — pelo colete decotado apertado a fita na frente deixando ver a camisa de linho que na Saxonia era vestido commum como em França fôra moda um seculo antes entre a nobreza, na cota que foi abandonada pela vasquinha da renascença: e os saxões d'essa epocha cobriam-se egualmente com boinas no genero das actuaes bascas, não tão rodadas como se veem em França, pela Bretanha, mas mais largas das afuniladas a carrapito, da Madeira.

Esta afirmação nem é precipitada nem é phantasiosa, existindo o figurino modelo religiosamente guardado na Sé presente aos olhos de todos.

Uma das ultimas taboas da base do retabulo do Altar Mór representa um vodo, que deve ser pintura de Lucas Cranach ou d'algum dos seus discipulos que o imitaram no humorismo e n'essa realidade de representação de costumes e de vida publica e domestica que tornaram celebres os pintores hollandezes do seculo xvii; n'essa taboa, d'um colorido severo mas d'uma inspiração ridente, veem-se os corpetes de sirgo, alguns d'elles adamascados, polychromos, sobre os quaes desfralda-se o manteu, que são no estylo em que as camponezas da Madeira vestem os seus corpetes de serguilha vermelha lavrada, sobre os quaes aperta na cintura, como a vertugada senhoril da mesma epocha da cota, a saia de carda lambellada, no trajo de pouca

cerimonia, ou lavrada de bordados na de galla, ás barras ensartadas de missanga e avellorios, ou a retroz e *crochet,* matizadas de varias côres e muito vivas, predominando o amarello, o vermelho e o verde.

Nas taças das mezas de marchetaria desenham-se ás vezes um d'esses casaes de villões (camponezes) em passo de dança, embutido, o homem com os seus calções apertados no joelho e botas rasas de cano baixo acanhoado de pelle de cabra sem lustro. Em geral, a incrustação da scena principal é feita em medalhão central, e rodeia-o uma facha florida em toda a volta da meza, acabada a primor com bocadinhos de madeira a côres naturaes. Desde remotos tempos data a arte de marchetaria na Madeira e o cadeirado da Sé da nave central tem uns açafates incrustados em taboa de vinhatico ou amarello do Brazil, antigos bastante para pôr os trabalhos d'esta natureza na Ilha no seculo xvii ou principios do xviii.

Os modelos actuaes d'embutidos são variados e a este citado da facha circular para a meza a medalhão que é um modelo de desenho e de coloração, apresentam-se outros representando estrellas, carros puchados por bois, cestos do monte empurrados por homens, e muitos outros assumptos proprios da phantasia pictoresca dos costumes insulares.

Na Escholla Industrial do Funchal recae a directriz orientadora dos processos d'ensino da arte empregados modernamente, e o Snr. Passos Aguiar, chefe e professor da Officina de marcenaria do Instituto da rua João Tavira, tem sido a alma d'esses cursos. Mas a industria é antiga e ha numerosos centros marcheteiros que abastecem ha muitos annos as casas de commercio

d'estes objectos, que vendem tambem á mistura bordados e a obra de vime.

A obra de vime é simples e em nada a sua arte é comparavel com a opulencia e com a luxuosa ornamentação das talhas religiosas, consistindo ella apenas n'uma eurythmia de linhas submetidas á esthetica de mobiliario confortavel. *Rocking chairs,* canapés, poltronas, offerecem assentos commodos e um aspecto ellegante, recortados alguns moveis com bellos estrellados, bonitas fachas, bem lançados braços. O bordado molda-se um pouco n'esses desenhos da obra de verga, nos seus pontos abertos que não são mais que espaldares de moveis transportados para os pannos de linho e transformados em ricas toalhas ou em ellegantes centros de meza; e os desenhos utilizados na factura dos assentos dos sofás de vimes são, com pequenas variantes, os empregados n'uma blusa de rapariga ou no corte de uma saia de senhora.

Uma exposição industrial que se organisou em 1850 na Cidade foi o ponto de partida para o desenvolvimento da industria dos bordados, que 12 annos depois reunia mais de um milhar de bordadeiras e vendia para cima de cem contos; e em 1923 exportou pela Alfandega 3.077 contos e 23.073 contos pelo correio em encommendas postaes.

Quando a exportação vinicola não excede 8.100 contos e o mobiliario de vime 239 contos, vê-se a prosperidade a que chegou a arte de bordar.

A madeira em obra não accusa na Alfandega uma sahida maior do que dez contos em valor, isto é, menos do que o preço de um só objecto de luxo que fosse encommendado, podendo ser executado no decurso de

um anno por qualquer officina bem montada: mas a arte da marchetaria só abastece o commercio do Funchal, que vende avulso ao *touriste*, e só um inquerito nas casas de venda ou nos *ateliers* dos artifices poderia fornecer, com precisão, um real valor dos objectos comprados no decurso da Estação pelos estrangeiros de passagem que vizitam a Ilha da Madeira, e que teem n'esses bellos trabalhos exemplares de recordação local, nos necessarios de costura, nas caixas a varios usos, em facas de papel, em mezas, em taboleiros de xadrez e damas, etc.

O embutido da Ilha da Madeira differe muito de certos trabalhos industrialisados do mesmo genero, d'apparencia tão minuciosa, mas que de facto não exigem nem a personalidade artistica do operario, nem a curiosidade natural do processo obreiro: o embutido do Funchal é assente com pedaços de madeira que não foram mergulhados em infusão corante e recortes executados especialmente para cada objecto exigindo um desenho proprio e uma incisão especial. Não se trata, portanto, duma obra industrial executada sobre um modelo unico a reprodução multipla, por meio de armação fundida sobre a qual se assentem as marchetas já preparadas e cortadas aos milhares e coloridas, applicadas depois formando as figuras delineadas nos moldes d'estanho.

Os bocados de til preto, os barbuzanos e as nogueiras castanhos, os fustetes ou ameixieiras d'espinho amarellos, as urzes roseas, as murtas cinzento-avermelhadas, os perados verdes, os piornos castanho-avermelhados; com amarellos a varios tons de buxos, de vinhaticos ou de larangeiras, ou os avermelhados do

cedro ou do teixo; são recortados especialmente para formarem e colorirem os objectos a representar; e o encrustamento na taboa de barbuzano, de cedro, de tilia, de nogueira ou de vinhatico é executado com incisão e recorte tambem particulares a cada peça.

Está-se, pois, em frente d'um d'esses objectos marchetados da Ilha da Madeira, d'uma arte perfeitamente caracterisada, se bem que a exploração tenha decahido em prospera pequena industria; e a razão porque as grandes peças se não executam, explica-se talvez n'essa crise da arte que se manifesta na decoração religiosa moderna dos interiores das Egrejas.

Tenho presente na memoria as maravilhosas scenas marchetadas, do Envangelho, que vi nos coros da Cathedral d'Arezzo e na Capella do palacio da Senhoria de Senna, executadas pelo mesmo artista, que recebeu o cognome de «do Côro» pela factura da primeira d'essas obras: e quando se destapam os madeirados do pavimento da Cathedral da patria de Piccolomini e se contemplam as passagens da Biblia desenhadas nos marmores por este mesmo processo a graffiato com pós da mesma pedra a côres differentes, em que tantas gerações de pintores e canteiros se notabilisaram e em que Beccafiume se celebrisou; então realisa-se o movimento que se chamou Renascença e explica-se como a Italia se tornou o paiz da arte por excellencia.

O gosto a predominar nos sentimentos, a belleza a influir na alma, o interesse a mover a iniciativa, a educação a agrupar a collectividade, o senso d'economia a unir as classes; e todas essas noções de progresso juntas á vontade de capitalisar e á aspiração de civilisar pelo embellezamento, transformaram um paiz no

centro educador das artes plasticas da Europa moderna.

Ora precisando os sentimentos que inspiraram em arte os madeirenses na decoração, não é á architectura que se irá buscal-a; não sendo sufficiente o exemplar de cantaria gothica da platibanda do terraço, do exterior da abside da Sé, na grilhagem estrellada, nas cristas gommadas, nos pinaculos espiralados. Não! e pode-se afirmar, sem erro, que as obras de cantaria não avultam nos conventos antigos ou grandes edificações de residencia privada alem de alguns portaes interessantes, mas simples e despretenciosos, do seculo xvii e xviii, ou sarapaneis cairelados de tumulos mortuarios, que não offerecem confronto com as obras do mosteiro da Conceição e do Collegio de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel, ou mesmo d'outros templos dos Açôres; aonde a lavoura no bazalto constituiu desde o 2.º quarteiro do seculo xvi uma arte local que prosperou. O mesmo, porém, não sucede para as obras em madeira nas talhas dos retabulos das capellas interiores das egrejas, que, sobretudo na 2.ª metade do seculo xvii, floresceram no Funchal por forma a se evidenciarem sobre quaesquer das mais bellas dos centros artisticos de Portugal, incluindo Porto e Braga.

A talha da Madeira religiosa tem de notavel, alem da perfeição dos cortes, a audacia da apropriação dos motivos do renascimento, misturados em feliz assortimento n'uma eurythmia luxuriante. Para se chegar a esse objectivo não receiaram os artistas d'introduzir motivos bastardos, assumptos fóra dos propositos tradiccionaes das ordens architectonicas, d'addicionar ornamentos ineditos, de quebrar os processos classicos,

enfim, de innovar, por uma reforma de ornamentação, a arte da talha doirada dos revestimentos dos altares, creando um assumpto proprio muito dos symbolos da egreja, para com elle accentuar a obra e dar-lhe uma feição propria que se tornou autochtona e geral a um estylo distincto que se poderia chamar madeirense, ainda que nas talhas das egrejas do Continente se encontrem exemplares interessantes d'elle, como na de S. Roque de Lisbôa.

O seu auctor ainda não foi resuscitado dos archivos parochiaes em busca chronologica, escolhido entre os mais antigos entalhadores de capellas d'este estylo, que desde a sua construcção inicial apenas tivessem sido retocadas atravez dos tempos; mas a talha profusa e d'execução primorosa data do seculo XVII e é conhecido do periodo florescente o nome de Braz Fernandes como o esculptor da Egreja do Collegio. A data mesmo da mais rica esculptura é de 1660, recortada ao lado direito do sacrario do Altar Mór; e são provavelmente d'esse periodo as capellas de Santo Antonio e de S. Miguel, certamente os mais bellos exemplares d'esse estylo prendido que foi o caracteristico do barrôco insular.

As flores apparecem nas columnas dos retabulos dos altares, presas e enroscadas aos torços em principios do seculo XVII; o prostylo simulado da architectura grega arma o altar com quatro columnas, entre as quaes se dispõe o tryptico, simplesmente, no seculo XVI: mas nos principios do seculo XVII, e é possivel que mesmo nos fins do seculo anterior, entalhavam-se já nas pequenas peças os frontões e os fustes d'esses prostylos (capella do Esmeraldo de Santo Espirito em Ponta do Sol e a capella de S. Pedro Gonçalves no Funchal).

Essa decoração de fustes já é um barrôco caracteristico, prendendo-se as flores á maneira de trepadeiras; flores que apresentam um aspecto estylisado em modelos de uma campanulacea ou fuchsacea á mistura com pequenos capitulos a 6 petalas em forma d'heliantos sahidos d'haste commum, e que se tornarão para o futuro nas peças esculpidas do estylo e nas quaes não entram ainda a vinha, os animaes e as figuras, os modelos classicos nas applicações columnares.

E é possivel que no ultimo quarteiro do seculo XVI já florescesse na Madeira o barrôco em todo o seu explendor se, como tudo leva a crer, são d'essa epocha os dois altares do cruzeiro da Egreja de S. Pedro, em que as imagens se anicham muito originalmente em oculos abertos em oval, a moldura avolutada: n'elles os ornatos são renascença, predominando a voluta, mas veem-se a concha e os revestimentos floridos das columnas.

O retabulo grande do altar mór da Sé, que é dos principios do seculo XVI, é egualmente a fundo folhado avolutado na facha da base, mas nas outras fachas que emolduram os 13 retabulos de que é composto, é caracteristicamente gothico-romano a arcaria vasada harmonisando-se com o estylo architectonico do edificio.

O estylo barrôco tem sido muito censurado para que o deixemos passar sem commentario n'esta occasião d'apreciar a talha da Madeira, visto que o estylo a que ella se submette foi esse mesmo dos processos barrôcos d'apropriação de todos os assumptos usados nas ordens architectonicas consideradas as puras, ou das linhas classicas da sua armação, e a que foi incluida toda a sorte de phantasia e de confusão de assumptos,

velhos e novos, grandes e pequenos, harmonicos segundo a tradição ou desharmonicos.

Essa mutilação dos estylos classicos pode agradar ou desagradar na sua forma particular mesmo quando offereça um exemplar caracteristico; porque na architectura o barrôco não se illustrou como o estylo da renascença por grandiosas obras a esculptura rendilhada na decoração profusa d'assumptos e scenas em que os esculptores recorriam á imaginação como no gothico; mas isso não impede que na decoração e no mobiliario, em França com Luiz XIV e em Portugal durante o reinado de D. Pedro II, o barrôco na talha não tivesse excedido em belleza a cantaria da epocha, mais fraca e menos ellegante de forma e de motivos; se bem que no sul d'Italia existam bellos exemplares construidos sobre bases de grandiosas figuras esculpidas que á maneira de Atlantes e de Cariathides sustentam as architraves ou os frontaes dos templos.

O barrôco no seculo xvii foi pois como estylo o periodo aureo da decoração religiosa portugueza e será sempre modelar no conjuncto dos seus motivos como o manoelino tivera sido o da cantaria no seculo xvi. Os decoradores e entalhadores portuguezes usaram-no em todos os estylos, quer no D. João V quer no D. Maria I, correspondentes aos Luizes e Imperio em França (exemplo: Palacio das Necessidades).

Nos dois altares do Transepto da Sé o barroco madeirense do seculo xviii nos retabulos apainelados, é uma forma decadente em qua o ornato entra d'uma maneira simples: excluindo as grandes peças que caracterisam o estylo e que são as grossas volutas d'acantho enrolado que servem de cartelas, as columnas,

os ornatos dos fustes, os anjos utilisados como acroterios e os arcos partidos, sobre os quaes esses anjos assentam, do frontão circular rebaixado; assim como o nicho da primeira imagem de Santo Antonio, assente n'um portal a arcaria dupla d'archivolta romana, em que o lavor é abundante e florido; a esculptura passa a ter uma importancia subalterna, submetendo-se a simples moldura de paineis, decoração de medalhões e cornijas, fundos d'almofadas, e sem se acumular, guarda acentuadas formas dos assumptos da renascença nas folhagens serpeantes, caras d'anjos, flores e entrançados para cahir nos dentilhados romanos da architectura pagã. Mas explendidos exemplares de grande esculptura em purissimo tosco que associam essa ideia do barrôco ás perolas da India, ás esmeraldas e ao oiro do Brazil, veem-se na egreja do Collegio, cujos altares parecem que estavam acabados no fim do seculo XVII, trazendo o do altar mór a data de 1660.

Se a peça mais trabalhada da egreja do Collegio é o retabulo d'esse altar mór, os mais puros exemplares patenteiam-se nos altares de S. Miguel e de Santo Antonio, os segundos de cada lado da entrada do templo, executados pelo mesmo artista sem duvida e datando da mesma epocha.

O Padre Antonio Franco, que escreveu no fim da primeira metade do seculo XVIII, diz que foram instituidas essas capellas pelo Reverendo Padre Miguel Pereira a de S. Miguel e pelo Doutor Antonio Espinola a de Santo Antonio.

Em ambas essas capellas os altos relevos da decoração envolvem, sobrecarregam e sobrepujam o retabulo a tal ponto que as linhas do architravado da

architectura attica, em que se baseia a armação do altar são absorvidas e mal se definem. A obra de talha, sendo das mais finas em golpe e aperfeiçoadas na escavação, é grosseira pela grandeza e pela largueza dos desenhos, e ainda mais rocócó nos adornos vasados que decoram os torços dos grossos fustes das columnas.

Não ha ahi nada dos ornamentos simples guarnecedores das impostas ou dos entablamentos das ordens architectonicas, nem besantes, nem bollões, nem rosarios, nem ovulos, nem denticulos, nem ondas, nem palmetas: são florões, são folhagens avolutadas, são fitas enroladas que se destacam em alto relevo do fundo do madeirado em ornamentos vasados e applicados.

Pelas columnas da capella e do nicho predomina o processo madeirense da ornamentação barroca: nas primeiras, á cepa vasada nas concavidades do salomonico, preza e esculpida nas convexidades do torso, pendem os cachos da uva parabolica d'entre parras em estylisação vivida; os fustes do portal do nicho são floridos de fuchsaceas, de lirios, de rosas pronunciadamente esculpidas em relevo e vasadas tambem cobrindo os fundos espiralados.

O santo, uma d'essas bellas imagens da epocha, a roupagem theatral ampla imitando o brocado preto, repousa na sua expressão seraphica e quieta, n'aquella densa sebe doirada, tufada dos ininterruptos altos relevos que mesmo nas almofadas resaltam em grossa folhagem serpeante entrelaçada com palmetas, fitas enroladas, florões e volutas acanthadas, repousando o retabulo todo sobre cartélas ornamentadas dos mesmos assumptos e dispostas á forma de capitel de columnas

imaginarias, sustentando a primeira architrave base do altar.

A egreja do Collegio, não só pelos seus azulejos do seculo XVII como pelas decorações do tecto e muraes a pintura, é inteiramente bem um modelo do templo de D. João V da primeira metade do século XVIII, não lhe faltando mesmo o mosaico e as volutas de marmore alabastrino italiano nas guarnições das chaminés da Sachristia.

II

Vestigios da colonisação do Funchal

Entre as ruas do Sabão e do Esmeraldo, não longe da Sé, na travessa de Colombo, ainda se via em 1875 uma casa a cantaria lavrada datando do seculo xv, aonde se suppõe ter morado Colombo, que depois foi demolida mas que ainda existe em lithographia e gravura publicada em varias revistas por diversas vezes e sobretudo por occasião do centenario da Descoberta da America, e em certos postaes que se compram no Funchal avulso, em collecção exclusiva do assumpto.

Essa casa que se perdeu, se era historica por ter sido residencia do navegador genovez, ainda era mais valiosa como documento architectonico portuguez do seculo xv, e madeirense da epocha da colonisação. Hoje apenas no Palacio Ornellas se encontram algumas peças truncadas e mutiladas das guarnições lavradas, columnellos, filetes, arcos e nervuras do edificio, que era d'alvenaria, de dois andares, com balconetes no interior e cirados no tecto, offerecendo na photographia de João Camacho um aspecto de construcção de feição caracteristicamente portugueza no alvorecer de uma nova era architectonica. Com effeito, n'esse hybridismo

d'assumptos extrahidos da arte constructora dos italianos, inspirados do bysantino, adaptados do arabe, em que se presente uma intenção consciente de conjugação d'estylos, denuncia-se o plano de habitação delineado por alguem que se aprazia na ostentação e que pretendia adaptar ao conforto da vida insular as commodidades e as condicções dos edificios modernamente construidos que vira pela Italia, na Hespanha, em Portugal ou em Marrocos.

Á maneira dos castellos medievaes, havia na casa que João Esmeraldo construia ou ampliava ou acabava em 1494, uma enorme salla de guardas, aquecida por uma ampla lareira aberta n'uma das paredes; dentro, n'um pateo interior, servia uma escada curta um balconete ou terraço que dava accesso para uma camara por uma porta d'arco levemente ogival; em ogiva tinha sido armado o arco de uma das portas d'entrada da fachada principal, mas a portada principal ou nobre era pleno cintro, puro romano, assentando a archivolta sobre uma architrave que corria emoldurando-a, sustentada por dois systemas de fartas canneluras dispostas em chanfro á maneira de columnellos dos portaes gothicos. Romanos eram egualmente os arcos cairelados das janellas geminadas, juntando-se e elevando-se d'um capitel e columna central; e essa janella na base fechava em angulo, de cujo vertice partia o fuste estriado sustentando o capitel lavorado de trevos, entre os quaes se lê (o capitel e peças truncadas da cantaria da casa de Colombo estão no Palacio Ornellas) *Maria* e a data *1494*, egualmente incisos na pedra.

Essa janella, profundamente rasgada de alto a baixo, pareceria uma janella de galleria, pela magestade das

proporções, se não fosse a sua caprichosa forma angular da base inferior e se não offerecesse um commodo parapeito da mesma pedra, bem peninsular, passando por de traz do fuste e que resguardava, que sem duvida descia pouco acima uns centimetros do nivel do sobrado interior do quarto que recebia a claridade e o ar d'ella.

Com um pouco d'imaginação vê-se, evocando uma scena de domingo ou dia santo de procissão solemne, as colgaduras de lambel cahirem do parapeito d'essa janella geminada, ondulando com a aragem, e duas formosas mulheres debruçarem-se ao parapeito, animando a monotonia da unidade colorida do reboco da fachada do edificio, com sua vasquinha de sirgo ou de sendal de côres vivas e seu manteu d'almafega.

Fructuoso nas *Saudades da Terra,* em que falla n'essa casa e no seu constructor, por signal com deficiencia d'informação, tomando o basalto por marmore e suppondo a nacionalidade do picardo, genoveza, colloca o edificio bem na rua que tomou o nome do grande industrial do Funchal que era João Esmeraldo, o senhor das propriedades em Ponta do Sol do 2.º filho de Zarco, Ruy Gonsalves da Camara, que fôra habitar a ilha de S. Miguel nos Açôres, cuja donataria comprara a João Soares d'Albergaria.

Esse local era situado na orla do bairro primitivo de N.ª Senhora do Calhau e aproximava-se do campo do Duque, aonde os funchalenses executavam grandes obras, transformando o primeiro cannavial da Madeira em amplo e grandioso Forum da sua villa. O acontecimento não se restringia á Ilha: era bem nacional, e mesmo notavel nos paizes europeus, em que predominava a construcção a madeira.

É sobejamente conhecido o facto alludido na *Chronica da Guiné* por Azurara que a descoberta da Madeira influiu na edificação de Lisboa e que as modificações introduzidas na Architectura da Capital do Reino trouxeram immediatamente ao espirito dos poderes publicos mais amplas vistas sobre as condições hygienicas das povoações e outros planos sobre arruamento, embellezamento e disposições geraes das villas e das cidades.

Lisboa, que se resentia do velho arruamento dos arabes, tortuoso e estreito, das suas construcções baixas e escuras, apenas rasgadas por frestas ou troneiras que mal deixavam passar a luz para o interior, tendo só açoteas ou mirantes para desafogo e que ainda assim eram muitas vezes cobertos por pavilhões, Lisboa começou a levantar os andares ás suas casas com a madeira que lhe chegou da Ilha e modificou a sua feição depois por ordens regias que tinham por fim alargar as ruas e abrir praças, começando pela carta regia de D. Affonso V de 12 de Setembro de 1474 em que balcões eram mandados derruir, saccadas e arcadas desmoronar, etc.

As casas eram por todo o paiz construidas de taipa ou formigão composto de argamassa e seixo entretelado em taboado ou só de taboado, como as construcções do norte da Europa; e como o consumo de madeira fosse enorme, não só no emprego da edificação como nas necessidades da reedificação, pois que os fogos lambiam quarteirões e bairros inteiros, quando os havia e assaz frequentes, as mattas de Portugal estavam esgotadas.

Existiam annexos d'egrejas matrizes construidos de madeira e poupava-se até então o emprego da arga-

massa e da alvenaria mesmo nas reparações dos castellos.

As pestes, trazidas pelas embarcações do Oriente, eram outro flagelo que exigia uma acção e medidas preventivas d'immediata execução; e por isso, com espirito d'hygiene e noções d'edificação publica, começaram os colonos do Funchal, ainda em vida de Zarco, o primeiro donatario da capitania occidental da Ilha, a construir o seu burgo para aquem da Ribeira de Santa Luzia, ao redor da Ermida de Nossa Senhora do Calhau, que prestou aos povoadores os primeiros serviços religiosos e constituiu depois séde parochial.

Foi esse o bairro de N.ª S.ª do Calhau, que hoje offerece uma pallida ideia do Funchal primitivo, apresentando os caracteristicos do arruamento da epocha, em dois rectangulos tangentes, estendendo-se um entre a Alfandega e a Sé, o outro na facha que corre parallela ao norte com o largo Almirante Reis. Como as ruas de Lisboa do seculo xv, em que a mais larga, hoje do Commercio, não tinha mais do que 6 metros de largo, não excedendo as outras 1^{m},70 a 2 metros, as ruas do Funchal, marginadas actualmente de lojas utilisadas para depositos ou estabelecimentos de commercio, em que assentam bons edificios de moradia, em geral de 2 e 3 andares, bem guarnecidos de varandas corridas ou saccadas particulares a cada janella, com seus gradeamentos de ferro; ruas calçadas a seixos; estreitas, mal illuminadas pelo sol, constantemente ocupadas por uma clientela particular de fornecedores, vendilhões e commerciantes que manteem a algazarra das lidas n'um burburinho permanente, e a azafama mercantil em actividade incessante; essas ruas dão-nos

um quadro muito evocativo do que era a civilisação do seculo xv nas ilhas, talvez mesmo o unico que resta de topographia citadina insular. E relanceando a vista para toda a cidade do Funchal, não só se nota o criterio d'arejamento que primeiro presidiu ao arruamento do primitivo burgo, como resalta a transição que depois soffreu o plano da ampliação da villa na epocha das preocupações d'engrandecimento e desafogo dos bairros de Lisboa. O bairro de N.ª S.ª do Calhau foi compacto, é verdade, e por isso sombrio; mas arejado, esquartelado por ruas direitas, transversaes, parallelas umas ás outras, baseando-se o plano nas melhores theorias hygienicas e prophylaticas da epocha em materia de topographia de povoados: mas desde que os povoadores aspiram ás regalias civicas locaes e que precisam regular os seus privilegios pelo direito publico em harmonia com os interesses collectivos, então, em 1470, é-lhes concedido, pelo Grão Mestre da Ordem de Christo, o sitio que elles pedem junto da Egreja Grande para serem edificados os Paços do Concelho; local que era conhecido e designado pelo de Campo do Duque, estendendo-se do actual Jardim Municipal até a Ribeira de Santa Luzia. D. Manuel, então Duque de Vizeu — e era d'esse titulo, usado pelos successores da casa do Infante D. Henrique, que provinha a designação de Campo do Duque — confirmou a doação do sitio destinado ao Forum da Capital da Madeira, já com fóros de villa desde 1452, por carta de 5 de Novembro de 1485, comprehendendo n'ella a construcção da Sé, seu adro, e uma praça; e quando, em 1508, D. Manoel elevou a villa á cathegoria de cidade, os planos da construcção da cathedral, da camara e da

praça iam sendo já levados a effeito nos campos do Duque, que tinham sido os das primeiras experiencias do cultivo da canna d'assucar, quando a propriedade tinha pertencido a Francisco de Carvalhal e aonde o irmão d'este, João Manoel, construiu a primeira casa de dois andares e sobradada com cedro; facto que não só se tornou notavel, como deu azo a suspeitas de pretender levantar fortaleza e hostilisar Zarco e a Corôa.

Tendo sido o projecto do Forum e o plano de desafogamento da villa executados nos primeiros annos da Donataria de João Gonsalves da Camara, filho de Zarco; é a elle, sem duvida, que se devem os grandes projectos de civilisação que ainda hoje se constatam no Funchal; e entre os primeiros particulares que vieram aproveitar-se dos melhoramentos publicos que planeavam os homens bons do concelho com o Donatario contam-se os franciscanos, que depois de serem os pastores da colonisação e de terem abandonado a Ilha e o seu pequeno e modesto eremiterio de S. João na margem da Ribeira d'esse nome a oeste do Funchal, em 1459, voltaram em 1476, fundando pouco tempo depois os alicerces do Mosteiro no local aonde hoje se acha o Jardim Publico e que floresceu até a extincção das Ordens em principio do reinado de D. Maria II.

III

Os monumentos da fundação da cidade

O edificio da Camara, que tivera sido um dos principaes objectivos dos homens publicos em meados do seculo xv, manifestados no requerimento a D. Fernando, o Grão Mestre da Ordem de Christo e o herdeiro do Infante D. Henrique, para ser utilisado o campo situado a noroeste do bairro de Nossa Senhora do Calhau, foi de facto construido perto da Sé com a picota, e o Paço dos Tabeliães, em harmonia com a ordem do Infante D. Fernando de 1470 para o segundo Donatario João Gonsalves da Camara, com os dinheiros das penas do juiz Ouvidor e d'elle João Gonsalves da Camara, construcções abertas na praça junto á egreja grande e orçadas em 213.076 reis da epocha.

A Camara, que ahi permaneceu até 1784, passou a fazer as suas reuniões na casa da Saude á entrada da Cidade, e se bem que em 1802 voltasse em Novembro para a sua antiga séde e em 1824 sahisse de novo d'ahi para installar a cadeia em annexo ao edificio, em 1837 abandonava os velhos Paços do Concelho por causa d'esse infeliz arranjo, que não só obrigava o senado a installar-se provisoriamente na casa de Saude

e depois n'outra installação adquirida por arrendamento, como lhe transformaria a existencia municipal n'uma vida nomada, que seria longa a contar e fóra de proposito. O que é util saber-se é que depois de varias mudanças, entre as quaes o primitivo edificio foi de novo occupado, o Municipio installou-se definitivamente, depois de alli ter permanecido desde 1808, no palacio do Conde de Carvalhal em 4 d'Agosto de 1883 (a casa de familia do titular era o palacio de S. Pedro). Comprado á firma Freitas & Macedo por 25 contos, no edificio estabeleceu-se tambem a Administração do Concelho, a Policia, a Conservatoria e outras repartições, pois que a construcção, nos moldes das grandes casas de janellas e portadas ornadas de cantaria do fim do seculo XVIII, era vasta bastante para guardar e arrumar as amplas repartições d'esses serviços publicos.

Quando a Camara estava provisoriamente occupando em 1862 o predio na rua do Esmeraldo, a multiplas varandas gradeadas, molduras de cantaria, o Senado Municipal d'então, em 1864, projectou demolir o Convento de S. Francisco e ahi construir os seus novos Paços do Concelho. Foi aberto concurso para um projecto d'edificio proprio, sendo premiado em 2 de Março de 1865 o melhor modelo, de S. Hulton e Samuel Sloan, de Philadelphia, com 240 mil reis fracos: orçada a obra em 40 contos, começou-se a demolir o mosteiro em 19 d'Abril, que estava completamente desmoronado em 11 de Março de 1866, data em que foi lançada a primeira pedra n'uma cerimonia inaugural pomposa, com a assistencia das auctoridades civis, militares e ecclesiasticas.

Como se deprehende pelo que fica relatado sobre

os destinos passados do Municipio do Funchal, essa construcção nunca passou dos alicerces; e no local abriu a Camara o jardim publico e do lado sul, já cortado pela rua Hermenegildo Capello, eregiu-se o theatro actual, que se chamou, quando era presidente da Republica o Dr. Manoel d'Arriaga, pelo seu nome, em memoria de serviços prestados ao Circulo Eleitoral quando deputado representativo na Camara, ainda no periodo monarchico.

Esse edificio desmoronado era realmente uma das mais notaveis obras que restavam dos planos de 1470 e do estabelecimento do Forum da projectada cidade do Funchal; pois que no Terreiro da Sé, aonde hoje se acha a Misericordia, só em Julho de 1685 foi adquirido o terreno para a sua construcção, que era cultivado d'horta e pertencia a Luiz d'Athouguia da Costa, que ahi possuia a sua casa como outras pessoas da nobreza, principiando as obras no anno seguinte; e o Palacio de S. Lourenço, em fim do seculo XVI, estaria apenas em alicerces de grande edificio, achando-se então no seu logar um modesto baluarte da cortina da Cidade, mandado erigir em 11 de Setembro de 1542 por ordem regia passada a Simão Gonsalves da Camara, 5.º Donatario.

O pae do primeiro Ouvidor e Vedor da Fazenda que se estabeleceu na Ilha da Madeira, Luiz Alvares da Costa, foi o fundador do mosteiro em 1473: ainda não tinham voltado os franciscanos para a Ilha; e quando vieram, trez annos depois, foram habitar para S. João, na margem direita da Ribeira, aonde os primeiros padres tinham construido a Ermida e o eremiterio annexo, permanecendo lá.

Outros bemfeitores foram cedendo terreno á Ordem, e os frades, arredondando o seu predio, já em 1554 reedificavam nova egreja nelle, mais ampla e espaçosa, a que em 1578 foram accrescentadas ainda outras, que lhe estenderam o convento e o tornaram um dos mais grandiosos edificios da epocha, da Ordem, em todas as Ilhas, pois que Fructuoso assim se exprime, ajuntando que «tinha uma egreja muito lustrosa... em a qual ha oito capellas muito ricas e... grande cerca».

Mas tanto a egreja como o convento, demolidos em 1864, ainda eram mais sumptuosos em decorações, datando de 1780 as obras d'engrandecimento do mosteiro que encontrou o camartello dos pedreiros encarregados pela Camara de o deitar abaixo.

Essa enorme e imponente construcção, que se estendia em terrenos de cerca por parte do quarteirão occupado hoje pelo Theatro e parte dos terrenos aonde foram edificadas as casas da rua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro, occupando o balneario publico, deviam confinar com uma curiosa construcção a portadas ogivaes e janellas a curiosas molduras de lavoura em basalto, algumas geminadas, abertas em arco e divididas por collumnelos de marmore branco a capiteis esculpidos de folhas de carvalho, aonde se presente a existencia remota de qualquer membro illustre da familia Ornellas ou de um ascendente do Morgado Balthazar d'Ornellas Valdaveço.

Esse velho solar, cujos tectos interiores são em bom cedro da Ilha, nativo, todo lavrado em mosarabe a figuras geometricas applicadas, rectangulares, ligadas entre si por diagonaes parallelas, vendo-se nos fundos arabescos pintados a varias côres, está situado n'um

pateo interior que deita por uma portada brazonada que traz a data de 1606 na guarnição de cantaria, rasgada para a rua dos Aranhas, hoje chamada do Dr. Chaves.

Os terraços, os pateos interiores, a disposição saliente dos seus pavilhões; tudo leva a crer que fosse esse edificio residencia de nobre gente, decorada no tempo ou pelos moldes das construcções dos finaes do seculo xv, pelos motivos que constam da pintura, armação e marcenaria dos tectos; salvo se o constructor do portão do quintal e pateo fez executar as referidas decorações nos moldes antigos, o que me não parece provavel, não só por se não encontrar mais estylo mosarabe em tectos senão os d'essa epocha, e as madeiras se acharem assaz carcomidas e carunchosas á flor das vigas que sustentam o sobrado da grande salla, egualmente de cedro antigo.

Esse edificio, aonde hoje se acha installada a Escholla Primaria Superior, nos tempos modernos, tornou-se historico por n'elle ter, durante 14 annos — de 1834 a 1848 — exercido a capellania da egreja ritualista o celebre botanico da flora madeirense o padre Richard Thomas Lowe, quando na colonia ingleza se deu disputa e dissenção a proposito dos serviços da egreja fundada pela feitoria ingleza em 1810 na Bella Vista.

O padre Lowe, que se retirou da Madeira 4 annos depois da extincção da sua capellania, que não só na Madeira mas na propria Inglaterra e na Imprensa teve larga commentação e discussão, continuou a frequentar a Ilha a miudo, intermediando as suas viagens por outras d'estudo, ás Canarias e a Cabo Verde, até que

embarcando em Liverpool, pela ultima vez, a 11 d'Abril de 1874, naufragou na bahia de Biscaia, perecendo no sinistro com a sua esposa.

Illustrada assim a casa da porta brazonada da rua dos Aranhas pela passagem por ella do homem que mais dedicou os seus estudos á Historia Natural do Archipelago da Madeira, deixando numerosas e volumosas obras sobre o assumpto; para os archeologistas ella deixa aberta em branco, como o 4.º quartel do brazão que se acha appenso ao frontão da portada da rua, que se encontra tambem liso, um trecho sem duvida d'historia á mercê dos investigadores dos archivos vinculares, dos documentos de famillia, das demandas e processos judiciaes ou do antigo cartorio do juizo dos Residuos, na historia da sua fundação e das famillias que a construiram e a habitaram.

Outro edificio que offerece interesse, se bem que limitado pela sua exiguidade, é o da rua que se chamou já do Bispo, em frente ao solar Ornellas. Situada dentro de um pateo, fazendo frente ao poente, cosida com o resto da casaria, que nada offerece de interessante, vê-se uma fachada de construcção religiosa a tecto de dois telhados, no vertice dos quaes se eleva uma pequena cruz, indicadora d'um recinto interior destinado ao recolhimento e á devoção de qualquer santo.

É de facto essa construcção a capella de S. Luiz, mandada edificar por D. Luiz de Figueiredo de Lemos, Bispo do Funchal em 1600, como mostra a inscripção envolvida n'um quadro que sobrepuja a entrada, constituindo um dos ornatos da sua moldura — « Luduvicus epus Funchalensis 1600 ».

Esse Bispo do Funchal, D. Luiz, a que se refere a inscripção, foi açoreano, nascido na Ilha de Santa Maria, aonde seus paes, Miguel de Figueiredo de Lemos e Ignez Nunes Velho, pertenciam á familia dos donatarios e eram senhores de vinculos e de grande casa; e não foi Bispo de Angra, se bem que tivesse exercido as funcções de Deão e como tal tomasse o Governo e a Vigararia Geral da Diocese, decerto porque ao governo regio de Filipe II não lhe convinha que a auctoridade religiosa, que tão conspicuamente mantivera a ordem ecclesiastica durante a occupação da Ilha por D. António Prior do Crato e depois a conservára na mesma dignidade no dominio hespanhol, depois da reunião das duas Coroas, assumisse a direcção suprema da Diocese com a resignação de D. Pedro de Castilho, que partira para Lisboa por occasião da conquista das Ilhas.

D. Luiz viria para o Funchal, assignando em 1586 o cruel Sixto V a bulla confirmando o bondoso prelado, que, no dizer de Fructuoso, o chronista, «além da sua muita virtude e prudencia era grave na pessoa, macio na condicção, suave na conversa, discreto nas palavras, e em seu cargo vigilantissimo».

Déra provas destas qualidades nas missões que desempenhou na Ilha de S. Miguel como vigario da egreja parochial de S. Pedro de Ponta Delgada e como Ouvidor Geral do Ecclesiastico; e em toda a sua carreira de estudante em Coimbra, para onde fôra do collegio de Santo Antão dos jesuitas, com 14 annos, cursar cannones, depois de alli se ter distinguido na rhetorica, no grego e no latim.

O Dr. Daniel da Costa, que traçou umas notas bio-

graphicas para Fructuoso (publicadas no livro 3.º, sobre a Ilha de Santa Maria, das *Saudades da Terra,* em 1922), referindo-se ao zello com que D. Luiz estudante, nas horas vagas das aulas, procurava conhecer tudo que se relacionava com a vida de S. Pedro, dizia tambem, para lhe enaltecer o caracter, que « nunca o pardo ar da noite o achou fóra de casa em que poisava, nem a manhã com a claridade o ergueu da preguiçosa cama em que dormia, antes antecipava recolher-se com a casta modestia do viver honesto defraudando do sôno o limitado tempo ».

Com estes dotes de espirito, methodo de vida e bondade de sentimentos, não foi para estranhar a geral estima que recebeu dos madeirenses desde a data da sua chegada ao Funchal a 4 de Agosto de 1586, festejada grandiosamente, até á da sua morte em 26 de Novembro de 1608, tendo, além d'isso, no decurso da sua administração, prestado relevantes serviços á egreja, coordenando estatutos e regimentos de ordem judicial; creando as Ouvidorias de Machico, de Santa Cruz na Calheta e de Porto Santo; mandando reedificar egrejas, construir outras e provel-as de parochos; constituindo novàs parochias, como a da freguezia de S. Pedro do Funchal, etc.

E não é tão pouco para surprehender que tivesse sido por sentimentos de reciproca simpathia para com os seus diocesanos que elle commemorasse a sua entrada na capital da Madeira mandando erigir em memoria particular d'essa residencia uma modesta capellinha da invocação do santo seu patrono, com o nome do qual fôra baptisado, certo que estaria com essa intenção piedosa prevendo tambem que na Madeira

repousariam seus restos mortaes e que as suas cinzas seriam então guardadas n'esse templozinho, edificado ao lado do Palacio Episcopal aonde habitava.

Personificando-se d'esta fórma na ermida com o orago que lhe attribuiu, encontrou D. Luiz de Figueiredo de Lemos um canteiro que lhe soube reforçar n'ella a personalidade, reproduzindo na lavoura do basalto que decoraria em cantaria a fachada, motivos extrahidos de apanagios de nobreza e tirados de emblemas da hierarchia ecclesiastica, submetendo-os a um estylo a que se poderá chamar especifico e que é muito das tradicções da arte architectonica portugueza; desde o gothico iniciado por Affonso Domingues nos portaes da Batalha, ao manoelino dos Jeronymos e de Thomar; a propria Sé do Funchal tem na portada principal essa marca de gothico portuguez na espora do cavalleiro, que tão magestosamente se difundiu na galilé da Batalha, na capella dos Infantes, pelos lavores de tumulos, e por todo o recinto, nas plumas, em guarnições de chaireis, nos acanthos e cabeças dos forjados de ferro, etc.

Para a decoração da fachada da èrmida de S. Luiz, o canteiro tomou por base o brazão dos Figueiredos e os cordões pendentes, em que o envolveu conjunctamente com o chapeu, que collocou por cima do brazão disposto á maneira de timbre de suas armas.

Até aqui personalisou o habil artista em delicada esculptura a homenagem da edificação no illustre prelado seu edificador; o resto da decoração iria consagral-a ás allegorias que constituiam os distinctivos da linhagem e progenie a que elle pertencia, assim como á sua posição attingida na carreira ecclesiastica: dos

cordões applicou como capiteis extremos de columnas parietaes simuladas e apenas apontadas por 4 canelluras, as passadeiras ou anneis d'esses cordões que abriu em talhadas, deixando perceber por entre o golpeado um novello massiço que deve ser o proprio cordão e que sae por cima do annel rematando o ornato, em forma d'agulheta esfiada.

Os restantes motivos que enchem a decoração do portal foi-os buscar ás folhas de figueira alinhadas do brazão dos Figueiredos, recortando e dispondo os digitos das palmatibolas, ou nos festões verticaes que guarnecem o tympano entre os capiteis e o brazão envolvido pelos cordões, ou abaixo do simulacro de cornija, nos florões lateraes e na figura ornamental do centro; finalmente, nas rosetas marginaes por debaixo da taça da consola ao lado de fóra das mysulas que a sustentam e que são ligadas por uma barreta muito commum na architectura michaelense de rectangulos e losangos encadeados e intercalados.

Esse accumulado de ornamentos sobre uma parede lisa e rebocada não apresenta um aspecto de unidade de linhas tendentes a armar com eurythmia e com senso esthetico uma fachada; porem a escultura é firmemente traçada e fina, apresentando flexibilidade, naturalidade, relevo e mesmo correcção e realidade; está incisa sem dureza na estylisação de ornatos e denuncia um trabalho de buril executado por mão experimentada e habil, commandada por um espirito culto e educado na sua arte.

Como modelo de estylo especifico é altamente interessante por se consagrar inteiramente ao realce da personalidade do Bispo do Funchal, cujas cinzas hoje

jazem á entrada da Sé por debaixo de uma pedra tumular de marmore por detraz do guarda-vento, mandadas para alli trasladar, por a capella de S. Luiz se achar profanada e ameaçando ruina, pelo Prelado D. Manuel Agostinho Barreto em 1903.

A alfandega, cujo interior faz lembrar, pelos seus gradeamentos guarnecendo janellas que deitam para recintos armados em aboboda por arcaria de sarapanel, situadas em rez do chão; pelos seus corredores de madeira, suspensos e ligados por escadas ás differentes repartições situadas em varios andares, defendidas por balaustradas deitando para o mesmo recinto do rez do chão; um d'esses presidios de castello medievo aonde se deixavam esquecer os prisioneiros inimigos em masmorras; a alfandega, hoje occupando o vasto edificio perto da ribeira de Santa Luzia, em quarteirão proprio; se bem que não fosse das construcções comprehendidas nos planos do Forum do Campo do Duque é um dos monumentos da epocha que veiu até nossos dias, claro que mutilado, reconstruido, ampliado e transformado.

Algumas arcarias ogivaes em pedra, que ligam no estabelecimento do Estado os depositos e armazens de mercadorias entre si, são talvez hoje os unicos vestigios que restam das grandiosas officinas da instituição fazendaria do seculo xv, representadas nos capiteis dos fustes adossados ás paredes esculpidas a folha de carvalho.

Em cima, no primeiro andar, na velha installação da Provedoria, a salla grande lá traz a marca tambem dos decoradores a gosto da epocha sarracena, nos arabescos pintados no artesoado da obra de marcenaria

geometrica a relevo, nos alveolos doirados dos favos pendentes em pinha ou reentrantes em cupula, que se veem egualmente na Sé e que imprimem ao estylo essa afinidade e sympathia que ligava o mauritano do occidente e o turco de leste á arte bysantinesca nas relações que lhe mantinham os beys de Tunis e os Deys de Argel.

Excluidos estes documentos authenticos d'uma epocha precisa, nada mais se encontra da primeira casa da Alfandega, cujo estabelecimento data de 15 de Março de 1477, vindo para montar os serviços o Contador Luiz d'Athouguia; serviços que se estendiam ao almoxarifado e á provedoria da Fazenda Real. O recinto que hoje serve de pateo de verificação é obra do seculo xvii e n'elle se estabelecera o reducto, que tinha por fim reforçar a protecção da praia á invasão inimiga n'esse sitio, e o qual foi acabado pelo capitão general Manoel de Sousa em 1645, como consta da inscripção da portada da entrada da rua da Alfandega.

A capella presentemente utilisada em casa de despacho; o seu portal d'estylo pesado a alétas curvas e volutas, se bem que em ornatos simples de moldura, denunciam bem os moldes da cantaria do seculo xviii, e de facto o Dr. João d'Aguiar, que desempenhava em 1714 o cargo de provedor e juiz, foi o seu constructor n'esse anno, dando-lhe o orago de Santo Antonio.

Mas de todos os vestigios dos fins do seculo xv é a Sé aquelle que mais conserva os caracteres da primitiva, pouco alterados; n'ella está-se a ver a descripção do Chronista das Ilhas, o michaelense Gaspar Fructuoso, em fins do seculo xvi, como «uma egreja mui populosa, bem assombrada e fresca, tendo uma for-

mosa torre muito alta de cantaria, com um formoso corucheu de azulejos que quando lhes dá o raio do sol parecem prata e oiro, em cima do qual está um sino de relogio tão grande que levará em sua concavidade 30 alqueires de trigo e de tão soberbo e grande som que se ouve de duas leguas ao redor, donde acode a gente de qualquer rebate de guerra, quando elle se tange».

Ainda hoje se vêem da praça publica as scintillações esquaqueticas da flecha azulejada como admiravam os contemporaneos de Fructuoso, elevando-se acima da torre quadrada de silharia com seus relogios a mostradores de marmore e o tecto, esse tecto interior arabico bysantinesco do gosto da epocha mosarabe, ainda se admira de qualquer nave, tambem em todo o seu esplendor da pintura miuda ondeando entre os fundos das reguas das figuras applicadas, envolvido nas vibrações do colorido rubro predominante, d'aspecto severo e discreto, do fundo dos alfarges do qual, sobrepujando os arabescos, brilham os ouros metalicos na penumbra dos artesões, enormes, alveolados como grossos cortiços entalhados na forma de cupula, aqui rasgada em concavo, alternando-se alem por outros pingentes em convexo.

Na penumbra, o olhar absorto n'esse vasto tecto de madeira d'aspecto austero, o contemplador imagina-se, como em face do tecto da Alfandega, n'um d'esses templos mahometanos do norte d'Africa ou que ficaram na Peninsula deixados pelos ultimos sultões de Granada, christianisados por inspirações symbolicas da producção e da abundancia trazidas do Imperio do Oriente da côrte de Justiniano.

IV

A freguezia de Santa Maria Maior

A Ermida de N. S.ª do Calhau, aonde os franciscanos que acompanharam os colonos disseram as primeiras missas e prestaram os primeiros serviços religiosos ao restricto nucleo dos povoadores, foi derruida por o local ser completamente transformado com os arranjos da Alfandega e do arruamento que acompanhavam o projecto da edificação no Campo do Duque; mas antes que a Sé fosse começada previram os homens publicos que para o futuro, a Ribeira de João Gomes teria que limitar o nucleo da povoação reunida para esse lado, e na sua margem esquerda edificaram um templo, que teve como invocação a mesma Nossa Senhora. Achando-se a primeira, do orago de Santa Maria Maior, já ampliada no local aonde depois foi construida a Cathedral e constituindo séde parochial d'essa freguezia, quando se deu principio ao novo templo da Sé ficou ella destinada para matriz da nova freguezia, demoliram Santa Maria Maior e a séde parochial foi transferida para a nova Nossa Senhora do Calhau, situada no extremo da circunscripção, no local aonde hoje existe um grande fontenario de bazalto, assás curioso

pela sua construcção monumental e não menos extravagante por a sua agua ser extrahida d'um poço invisivel aberto dentro da cantaria, por meio de bomba aspiratoria. Esse templo, a que foi annexada a Misericordia quando transferida da vizinhança de S. Paulo em 1488 e alli esteve talvez 40 annos, damnificou-se com as cheias de 1611, e um seculo depois pelas enchurradas das aguas da mesma fatal ribeira, que por fim demoliu-a inteiramente na alluvião de 1803.

Foi na noite de 10 d'Outubro d'esse anno que teve logar o pavoroso cataclysmo que começou por descarregar, desde a manhã da vespera, sobre toda a Ilha e especialmente sobre as faldas em que assenta o Funchal, grossos cordões d'agua sem interrupção.

Na noite de 10 a agua transbordava da Ribeira, apezar das altas muralhas que a marginavam, construidas já para garantia contra as enchentes depois dos estragos causados pela de 1707; do solo encharcado e lodoso exhalavam-se umas emanações sulfurosas; a trovoada fuzilava e ribombava com estrepito de canhões; e o vento, um vento rijo e impetuoso, sibilava pelas gretas das portas das casas dos moradores do bairro innundado, que já se achavam presos nas suas habitações, apavorados com a situação, receiosos pela sorte das suas vidas e dos seus haveres.

A noite de 10 d'Outubro ficou assignalada como das mais nefastas dos annaes da Cidade do Funchal: quando amanheceu, as ribeiras de João Gomes e Santa Luzia á sua juncção tinham as suas pontes demolidas, e com ellas os seus muros construidos de pedra e cal que lhes delimitavam os leitos, e as trez outras para os bairros d'oeste e de leste estavam desmoronadas; os

leitos quintuplicaram de largura com a alluvião e as casarias tinham derruido, ficando pedras aos montes aonde na vespera se elevavam edificios; ruas inteiras desappareceram e com ellas as casas e os moradores, que morreram afogados no mar.

Nos arredores, as propriedades que se achavam situadas na vizinhança d'estas duas ribeiras, que banhavam o bairro da séde parochial nas suas phases quasi communs, as quintas d'arvores de fructa, as estancias de verão dos ricos commerciantes e dos morgados abastados, as vivendas dos lavradores, as choupanas dos villões, os gados manadios e estabulados, tudo foi ao mar; e dentro da cidade a alluvião não poupou tãopouco as estufas dos grandes armazens de vinhos, os depositos commerciaes, os graneis com cevadas e trigos arrecadados, nem os estabelecimentos de venda.

N'essa derrocada, que attingiu em toda a Ilha: a Ribeira Brava a oeste e Machico a leste, desappareceram d'entre o rol dos confessados e dos baptisados da parochia de Santa Maria Maior, que era na maioria gente do mar, cerca de 300 individuos d'ambos os sexos, e calcula-se que seriam 100 os marinheiros e os estrangeiros que tivessem perecido, porque n'essa occasião achava-se muita gente ahi domiciliada por causa dos corsos que os navios de guerra francezes faziam no Atlantico e n'estas paragens, interceptando o commercio portuguez com as Colonias e o Brazil.

As desgraças desta natureza muitas vezes são origem, quando certas morosidades attacam a vida dos povos cuja iniciativa de progresso se acha entibiada por qualquer razão d'ordem social ou economica, d'um

revivescimento d'energias que se não teria talvez dado em circunstancias normaes. Foi o que de facto aconteceu com o successo triste e lamentavel da inundação de 1803, na arte constructora.

Conta o Dr. Mason — esse jovem scientista que morreu incidentalmente de doença infecciosa em Nice, aos 27 annos, e que veiu á Madeira para combater em clima adequado a tuberculose que o minava — nas suas notas sobre observações atmosphericas e climatologicas, escriptas em 1834-1835, quando passou em S. Miguel, nos Açôres, acompanhado por Eaton, aonde tomou temperaturas ás aguas thermaes das Furnas e ás das caldeiras da Ribeira Grande, servindo-se das analyses feitas pelos professores Dana e Faraday, que lhe proporcionou o consul Read; estabelecendo comparação entre as duas ilhas, entre outras coisas diz que encontrou, durante os 5 dias que lá permaneceu e 5 depois de ter deixado a Madeira, um clima mais secco e as edificações da Cidade superiores ás do Funchal. E outros escriptos extrangeiros confirmam essa asserção de Mason, dizendo Peacock, que escreveu em 1848, que nos sitios de população densa, como em Santa Cruz e Valle de Machico, as casas eram armadas a muros de pedra solta sobre os quaes se assentava colmo.

Ora essa negligencia de construcção, que nada explicava n'uma terra como a Madeira, aonde abundava a pedreira, depois do cataclysmo de 1803 desappareceu inteiramente, não só da iniciativa particular como dos serviços d'obras publicas, quer em obras de fomento como propriamente nas condicções de viação e de prevenção contra os açoreamentos dos cursos

d'agua, que eram a causa dos trasbordos das aguas das ribeiras.

D. José d'Affonseca, pouco tempo depois, traçou o plano d'estradas centraes, dando accesso á agricultura das terras das zonas medias e ligando as povoações e as villas por caminhos proprios á passagem de corsas de transporte e mesmo carros; e o Coronel d'Engenheiros Paulo Dias d'Almeida auxilia-o n'esse trabalho, levantando a topographia da Ilha e organisando a estatistica demographica.

A gloria porem da reconstrucção do Funchal, e sobretudo da reedificação dos muros marginaes das Ribeiras, recahiria no brigadeiro Reynaldo Oudinot, que foi o engenheiro despachado pelo governo da regencia de D. João VI em 9 de Setembro de 1805, que começou mesmo a carta da Madeira, que não concluiu, por ter fallecido em 11 de Fevereiro de 1807, mas que ainda assim teve occasião de dar começo e dirigir as obras publicas do Funchal, que tão grande influencia deveriam ter nos destinos insulares.

Á sua orientação no projecto das obras ligava-se uma comprehensão nitida das necessidades da urgencia d'ellas, e por isso nenhuma difficuldade surgida das circunstancias extraordinarias em que os trabalhos foram emprehendidos o fizeram demover da sua execução. A grande procura de mão d'obra deveria ter provocado barateamento de salarios, tanto mais que na occasião era o emprego de pedreiro aquelle que mais facilidades offerecia d'aprendizagem d'officio: mas a direcção d'obras publicas encontrou a corrente d'espirito opposta no seio da classe que precisava para a reconstrucção da cidade, tenaz nas suas exigencias

de salario mais que remunerador, excepcional, comparado com o preço da mão d'obra sahida das officinas dos outros misteres e mesmo com os jornaes dos camponezes. As empreitadas, pois, das obras d'Oudinot pagaram-se por cada braça de muro corrente entre 6 e 10 mil reis, e pelas dos muros das levadas ou das ribeiras 40 mil reis; e esse custo, excessivo para uma epocha em que os jornaes não iam além de 250 reis, deu logar a que por toda a Ilha, os rendeiros pelo systema dos contractos agricolas das colonias pelas quaes as terras eram exploradas a meias, com direitos dos agricultores sobre melhoras e gados e ás bemfeitorias realisadas nos predios, levantaram por toda a parte muros e canalisaram aguas, porque não lhes faltava pedra nas immediações, lançando o custeio aos morgados na parte em que lhes recahia a meança das melhoras pelas taxas em que eram baseados os preços dos muros e da mão d'obra de pedreiro na generalidade.

Como por esse systema de contracto de colonia, o colono, que junto do predio que explorava edificara a sua casa e murara a terra que podia adquirir na vizinhança, tinha todo o interesse de promover as bemfeitorias por isso que ellas beneficiavam tambem os seus proprios predios, e o arrendamento por essa forma constituia quasi um contracto d'emphyteuse, com a vantagem de ser predio livre, porque a terra, em geral, era vinculada (4 quintos da terra da Madeira pertenciam a bens vinculados) e aos morgados não lhes convinha nem rescisão do contracto nem processo de despejo, pelas morosidades e despezas que offerecia.

A toda a iniciativa d'obras publicas e particulares

que se seguiram á nefasta e arruinadora alluvião de 1803, resultou a grande obra do Funchal moderno que se abrange de Nossa Senhora do Monte, do Pico de Barcellos ou de qualquer posição elevada, ou passeando pelas ruas da Cidade. E mesmo constata-se em toda a Ilha nas casas bem edificadas de pedra, rebocadas e caiadas, cobertas de telha, que se dispersam ás centenas por entre talhões de culturas diversas, abertos nos socalcos pelas encostas acima dos montes e das lombas; nas immediações da serra, pelos magnificos maineis marginando as estradas que levam os camponezes com segurança aos mais fundos valles e cruzam-se pela encumeada, ligando as villas da encosta do norte com as da margem do sul.

Dentro da Cidade são os bairros novos, os ampliados ou os renovados que marcam a transição da velha architectura e dos antigos processos das edificações e arruamentos citadinos para os modernos planos submettidos a concepções de prophilaxia e d'hygiene e orientados a principios d'alinhamento e de commodidade de transito: as casas isolam-se entre macissos d'arbustos floridos e á sombra d'arvores d'um jardim, as pracetas são rasgadas em algumas encruzilhadas de ruas e as pontes são feitas de maçonaria, algumas abalaustradas, que dão passagem por cima das ribeiras ao transito.

Das praças e campos d'essa epocha deixados por construir á iniciativa de largas vistas futuras, ficou uma parte do bairro de Santa Maria Maior junto ao mar, unica que não soffreu então reconstrucção immediata. Era a parte por onde corria a muralha da cidade, construida por occasião das guerras da

Restauração contra os hespanhoes e que constituia o complemento do projecto do reinado de D. Manoel que foi executado durante o de D. João III, ligando a Ribeira de João Gomes ao Pico do Frias por uma meia lua, que passando junto ao mar terminava ao morro da Pena, junto á Ribeira de S. João, no extremo noroeste da cidade. Construido já em 1614 o forte de Santhiago, tornava-se necessario proteger contra qualquer attaque maritimo a freguezia de Santa Maria Maior, e a muralha ligando o velho ao novo forte foi n'essa epocha levantada: mas desmoronada pelas aguas da cheia de 1803 não foi mais reconstruida, sendo a defeza da cidade organizada sob outro plano de maior numero de fortes dispostos na costa e batendo a sua artilheria o mar ao alcance d'ella em toda a sua extensão.

Esse campo terraplenado no bairro situado entre a Ribeira de João Gomes e o da Ermida de S. Pedro Gonsalves é hoje conhecido por Campo Almirante Reis, aonde se encontram, de recente construcção, os estaleiros da firma Blandy e o *Stadium* de *Foot-Ball*, ao lado de dois renques de formosos platanos que formam uma alameda, ladeada pelo lado do norte da frontaria das casas que limitam a parte do bairro reconstruido, que continuou a ser o bairro dos pescadores, se bem que alguns edificios tenham dois andares e as sacadas das janellas, ornadas de gradeamentos, aparentem uma certa abastança na vida dos moradores.

No geral, porém, as scenas da rua caracterisam a existencia da população pesqueira: para dentro das portas baixas de madeira assentam-se raparigas e velhas bordando ou cosendo, de cabellos ao vento, meias

desgrenhadas pela aragem que corre; pequenitos envergonhados comem laranjas, outros mais audaciosos pedem *pennies* aos inglezes que passam; a algazarra d'um grupo de raparigas cobertas de chales vistosos mistura-se ás disputas dos garotos que jogam o *foot-ball* com uma bolla improvisada de trapos.

O campo é vasto e o passeio em frente da casaria espaçoso, porém para esse lado da rua habitada o movimento é grande e enche-a bem de gente que entra e sae nas vendas e casas de comestiveis, que vão ou veem dos lados do Soccorro e extremos habitados da Cidade a leste, que esperam ou cavaqueiam em rancho á espera das pessoas de familia que foram para a pesca do atum ou do peixe-espada. Veem-se pendendo d'um annel de barbante postas vermelhas a pingar sangue ou brancas, conforme a qualidade do atum, que traz para o seu jantar um homem secco, um tanto palido, queixo cahido e de sobrancelhas cerradas; outro gordo, cara rosada, olhar brilhante e cabelleira revolta, leva triumphante como uma corôa de louro um espada preto e luzidio, malhado de branco, com o rabo na bocca. E mulheres passam acarretando cabazes d'hortaliça e de fructas e raparigas, cestos de vimes, desviando-se das corsas carregadas de madeira ou puxando pipas de vinho.

V

Simão Gonsalves da Camara, o «Magnifico»

Simão Gonsalves da Camara, 3.º donatario da Capitania do Funchal, neto de Zarco, foi cognominado pelos seus contemporaneos de «Magnifico», não só por se rodear de confortos na sua vida privada que tocaram os faustos do luxo; como pelas suas liberalidades sociaes, e sobretudo por ser durante o seu governo que o Funchal, sua residencia e séde da administração geral da capitania, se elevou, pela execução das grandes obras dos edificios publicos, ao nivel de prosperidade correspondente que lhe faria. entrar na posse dos direitos de se constituir capital da Madeira, cabeça da Ilha, centro politico e administrativo da colonisação.

Nascido em 1470, justamente quando os homens publicos amigos e auxiliares de seu avô Zarco planeavam as obras do Campo do Duque e o grande bairro, coube-lhe illustrar o acontecimento memoravel, e fel-o na introducção de melhoramentos nos dominios de famillia, nas justas, jogos de cannas e outros torneios de cavallaria que promoveu com extraordinario brilho no vasto Terreiro da Sé; enfim mostrando no extran-

geiro a prosperidade da arte e da industria da sua terra, enviando ao Papa João de Medicis, que junto de si guardava o filho, Bispo de Lamego, D. Manoel de Noronha, um embaixador extraordinario, João de Leiria, com pomposos presentes, em que alem de um cavallo persa que era conduzido por um mouro ricamente vestido de uma marlota gironada de seda, figuravam varios mimos e brincos da Ilha, de conserva, e o Sacro Collegio inteiramente feito de assucar e os cardeaes de estatura natural em alfenim, como conta Fructuoso.

Estas e outras demonstrações de cortezia; as varias campanhas d'Africa na juventude ao serviço de D. João II, como as que prestou a D. Manoel, levando 300 homens a Arzila, aonde permaneceu 6 mezes, soccorendo em 1489 a Graciosa, cercada pelos mouros, com 800, sustentando sempre a sua gente durante o hinverno; expedindo 300 e seguindo depois com 900 em auxilio que lhe pedira directamente de Çafim Diogo d'Azambuja, alli sitiado; representações em Lisboa, nos torneios da Côrte, outras expedições a Africa; a ostentação em que vivia e as verbas de que dispunha para o engrandecimento da sua casa e progresso de suas fazendas; apezar dos seus rendimentos serem considerados os da segunda casa portugueza depois da casa de Bragança; morreu deixando 50 mil cruzados de divida, tendo dispendido em Africa nas expedições para cima de 80 mil em serviço da Corôa.

D. Manoel soube retribuir o zelo do donatario pelas relevantes benemerencias manifestadas logo no principio do seu governo, e por alvará de 17 de Agosto de 1508 concedeu á villa do Funchal os privilegios de

Cidade e empenhou-se para que a diocese fosse estabelecida em 12 de Junho de 1514 por bula papal.

Nem tudo, porém, durante a Capitania de Simão Gonsalves o «Magnifico» foi ceu diaphano e sol coruscante; accusaram-n'o de ter commettido no governo irregularidades, e o corregedor Diogo Taveira veiu á Ilha em missão especial tirar devassa, de que resultou Simão Gonsalves decidir ir viver para Hespanha e abandonar por completo os negocios da Capitania. Não chegou a pôr em execução o projecto, e Vilhena Barbosa explica bem as razões que o dissuadiram no seu livro *Virtudes Civicas e Domesticas;* porque os sentimentos patrioticos que sempre animaram o seu caracter, vibraram-lhe a alma no dia em que chegando ao Algarve com o sequito que o acompanhava para o exilio, alli soube os perigos que corria Arzila, sitiada pelos mouros.

Mas outros successos occorridos na Madeira attingiram-lhe profundamente o moral, e elle, sentindo-se cansado, acabrunhado, desgostoso, impossibilitado de reagir e de conservar até ao derradeiro dia da sua existencia, o vigor com que soubera manter o lustre da governança do Funchal, embarcou para Portugal e veiu a morrer na mais modesta decencia em Mattosinhos, na Foz do Douro, com 60 annos, em 1530.

O flagelo que mais o perturbou foi a peste, que entrou na Madeira, trazida de Portugal, em 1521.

A Camara, que era então composta de Pedro João Correa, vereador; Vicente Gonsalves e Pedro Alvares, juizes; e João de Sousa, bacharel, provedor e procurador dos mestéres, resolveu, a 11 de Junho d'esse anno, erigir uma egreja, escolhendo á sorte como nos pelouros

municipaes dentro de listas escolhidas por uma creança de 7 annos o orago d'entre os nomes de Jesus, Virgem mãe e dos Apostolos. S. Thiago foi o nome do Apostolo sorteado e no mesmo dia, um mez depois, foi lançada a primeira pedra d'um templo que mais tarde soffreu augmentos e reparações, como a de 1632, pelo que foi benzido pelo Bispo D. Jeronymo Fernando a 25 de Junho d'esse anno, e reedificado em 1768, depois da demolição que sofreu em 1752.

É esse templo aquelle que hoje se chama o Soccorro e que se acha debruçado sobre o morro extremo da freguezia de Santa Maria Maior, de que é a actual parochial, cerca do forte de S. Thiago, n'uma restricta clareira da casaria que corre em bairro populoso pelas suas trazeiras.

A 24 de Janeiro de 1524 Simão Gonsalves da Camara, que muito se empenhava pela realisação immediata da obra e na qual confiava qualquer intervenção divina contra a epidemia que grassava sempre aterradoramente, reunindo o cabido e toda a Clerezia e povo no côro da Sé, resolveu com elles appreciar a deliberação camararia da escolha do orago e manter para o futuro o dia primeiro de Maio, o festejado do santo, para o da celebração religiosa annual do acontecimento; e na Camara ficou estabelecido que d'ahi por deante, como Lisbôa adoptara as armas de S. Vicente, usaria na sua bandeira e no seu sello o S. Thiago pintado e gravado. S. Sebastião e S. Roque seriam conservados como os santos protectores do Funchal, e S. Thiago, em harmonia com a deliberação tomada pelo Bispo e pelo clero em 17 de Março de 1523, ficaria o Padroeiro da Cidade.

A peste perdurou até 1538, data em que o Guarda Mór de Saude, desalentado com os effeitos da epidemia, arrojou com a sua vara da auctoridade aos pés do santo para que elle melhor guardasse a saude dos povos que se achavam á sua guarda, pois que a sua propria experiencia e os seus conhecimentos scientificos eram impotentes para a manter; e d'esse acto, e em memoria d'elle, a Camara depois resolveu nas procissões que costumava acompanhar depôr varas nos degraus do altar-mór quando entrasse na egreja do Soccorro.

A egreja, edificada em terrenos offerecidos por Antonio Spinola, d'origem genoveza, reparada e ampliada atravez dos tempos, nos concertos que soffreu depois do terremoto de 31 de Março de 1748, quando se deram os lamentaveis acontecimentos provocados pelo diluvio e alluvião de 1803, já relatados, recebeu algumas alfaias e objectos do culto que se puderam salvar da egreja de N. S.ª do Calhau, que, como ficou contado n'outra parte, se desmoronou completamente.

Entre essas alfaias veiu uma pequena taboa em madeira de um S. Thiago, que tem todas as caracteristicas de ser d'escholla portugueza; e pelas paredes das naves estão pendurados outros quadros do seculo XVII pintados á maneira italiana da renascença mas a tom severo e colorido sombrio, sem grande belleza artistica.

Não é no Soccorro que nos deteremos a analysar obras d'arte, porque o assumpto obrigar-nos-hia a escrever um livro sobre a arte religiosa do Funchal e esse não é o nosso intuito: reservamo-nos para apontar sómente exemplares que possam servir de modelos de

certas eschollas, e esses exemplares buscal-os-hemos n'outras egrejas: aqui, porém, acham-se trez das mais notaveis taboas do seculo XVI que se encontram na Madeira e que offerecem ainda a valia historica de representarem os protagonistas do acontecimento pestifero a que acabamos d'alludir.

O tryptico encontra-se na sachristia, por cima do arcaz emoldurado em madeira pintada, tendo por base algumas figuras d'Apostolos que foram introduzidas em taboa longitudinal por pincel estranho e accrescentadas posteriormente para reforçar a commemoração da escolha por sorteio do padroeiro e do orago da egreja.

S. Thiago está na taboa central acompanhado de S. Philippe e ambos caminham na obediencia das instrucções do Senhor, que, como conta S. Matheus, eram enviados como ovelhas para o meio dos lobos.

« Sêde prudentes como as serpentes e simples como os pombos — disse-lhes Jesus, aconselhando-os — e quando vos perseguirem n'uma cidade fugi para outra ». Assim elles peregrinam; um com o bordão, o outro com a cruz, descalços, tristes, resignados a « serem aborrecidos de todos », por causa do nome de Christo, e a « perseverarem até ao fim para alcançarem a salvação », tendo por fundo, em miniatura, pintadas algumas scenas das predicções da mesma falla e a consequencia da missão n'um açoute, n'uma crucificação e n'uma pregação interrompida por captura.

Nos paineis lateraes dos doadores, os homens estão á esquerda e as mulheres á direita, ajoelhadas as figuras importantes, em demonstração de recolhimento e de devoção, de mãos postas.

Às mulheres com o sentimento latente, prestando a maxima attenção ao acto, que parece ser-lhes mais respeitoso e intencional pela juncção firme das mãos finas e brancas coladas, dedos com dedos, muito expressivos e esguios; resaltam flagrantes de realidade. Os homens, de polegares cahidos, apenas unem mechanicamente as suas, despreocupados do acto, menos submissos, mal se collando as cabeças dos dedos, que se separam uns dos outros nas phalanges por dijuncções; em completo abandono.

Os personagens que assim se quedam perante os santos são aquelles que vieram em auxilio da construcção do templo, para cujo altar-mór estava destinado o retabulo.

Simão Gonsalves tem em 1521 51 anos; está escanhoado, leves rugas sulcam-lhe a face, de pelle um tanto encarquilhada, mas o seu cabello ainda é accentuadamente castanho alourado; não é cheio, antes tira para o secco, e a sua physionomia apresenta um sentimento melancholico dominado e o aspecto de um caracter tenazmente á prova das contrariedades da vida; ajoelha atraz do filho e o seu mongi é de castanho mais claro do que aquelle que traja o filho João Gonsalves.

Este apparenta 30 e tantos, e a sua barba preta que lhe cobre o queixo cae-lhe em cacho bem cortada, e os seus cabellos da cabeça, da mesma côr, descem-lhe á nuca; o pescoço está nu pelo grande decote da camisa de linho folhada superficialmente, sobre a qual se ajustam as vestes de veludo cremesim de castanho escuro — a cimarra a amplas mangas cahidas em bocca de sino assentando sobre o porponto a girões de brocado de côr ainda mais carregada.

Para o fundo 7 pessoas, das quaes em duas só se vê o vestuario e distinctamente, as physionomias estão egualmente em attitude de oração e cobertas de uma especie d'amictos roseo-palido, sobre os quaes caem os roquetes de linho branco, que descem até um pouco acima do joelho.

As mulheres do outro lado são: duas creanças de 12 e 16 annos, uma nova de 25 a 30 annos, uma velha de cabellos brancos e cuvilheiras em numero de 7. Os vestidos das donas, como os dos homens, são duplos; a vasquinha bem decotada que assenta sobre a camisa, moldando o corpo, de mangas apertadas acabando em punhos brancos enfolhados, e a marlota de mangas largas, pendentes: um lenço de gaza prende a touca de setim e desce sobre o peitoral da camisa, com o qual se confunde.

As meninas não se cobrem de mantilhas como as cuvilheiras, a trajos tambem mais claros e de differentes côres; mas d'entre ellas uma, ao lado da doua mais nova, resando, cobre-se tambem e pela sua attitude e apparencia parece pertencer a uma posição social ou emprego superior ao das companheiras.

Este quadro, que se torna impossivel filiar ao certo de que corporação de pintores sahiu, é contudo provavel provir da escholla flamenga ou da italiana ou allemã, que d'ella recebeu forte influencia, e portanto d'algum discipulo de discipulo dos Van Eicks ou de Memling.

Suppondo que a sua proveniencia seria de Genova — em Genova, talvez mais do que em qualquer outra cidade italiana, cultivava-se a pintura flamenga e mesmo a allemã — a sympathia e inclinação pelos quadros

flamengos da escholla dos Van Eicks explicam-se, não só pela forma admiravel por que eram pintados, como pela maneira real e despida do classicismo imitativo que era a maneira dos toscanos, seus innovadores.

Rogerio Van der Weiden, que em 1450 esteve em Italia, deixou discipulos nos processos porque pintava, á maneira dos irmãos de Bruges e usando dos seus vernizes: e Antonello de Messina, que foi outro propagandista das tintas, não o foi menos na pintura bem caracterisada de flamengo.

Um pintor milanez que frequentou Weiden, em Bruxellas, por mandado da duqueza Maria Sforza, em 1460, foi Zanetto Bugato, e de Pavia assentaram na Liguria Lorenzo dei Fazoli e seu filho Bernardino; e Francesco Sacchi era considerado o melhor dos lombardos estabelecidos em Genova: Fazoli, porém, inclinava-se para a arte de Giovani Mazone, que era originario d'Alexandria e inspirou-se sempre nos bysantinos; Sacchi, pelo seu lado, conservou-se symbolico, supersticioso, amigo dos fundos largos e cheios de detalhes propriamente italianos, predominando um colorido mais animado e expressivo.

Com essas marcas, Ludovico de Bréa, de Nice, é aquelle que se inspira em Weiden e nos da sua escholla, como Gerard David e Quentim Metzys, de Memling, suppondo-se que tivesse viajado com assiduidade para a Flandres em virtude das estreitas relações que mantinham Genova com Bruges e Gand, e frequentado alli os pintores; Joss von Cleve, que trabalhava em Colonia, pintava egualmente á moda flamenga, d'onde era natural (Anvers), e na forma de Weiden.

O quadro do Soccorro é bom demais para ser entregue á auctoria de qualquer pintor que não fosse essencialmente pessoal e não deve ser buscado tão pouco entre os genovezes, nem mesmo italianos, menos miniaturaes, mais largos na reproducção dos assumptos e mais amigos da profusão d'elles. Dos pintores vivos da escholla dos Eicks que mantinham relações com Genova, Metzys é o que me parece ser o provavel auctor das Taboas de S. Thiago, mas von Cleve ou algum dos seus discipulos de Colonia não devem ser esquecidos.

Metzys tem a favor da sua pintura, a observação ligada a um sentimento de realidade plastica e a sobriedade de detalhes que consagra em geral, por mais variados que sejam ao sentido da ideia principal que o move, sem buscar como Bréa propositadamente diffundir os assumptos, nem imprimir como Cleve sentimentalidade e emotividade nos agrupamentos principaes das suas taboas.

Estas hypotheses, é claro, são bascadas na supposição de que o quadro de S. Thiago tivesse provindo de Genova, trazido, depois de recommendado com estimação e minuciosas informações sobre as pessoas que iriam ser retratadas, por qualquer d'esses italianos estabelecidos no Funchal, um Lomelini ou um Spinola — ramos da nobreza opulenta de Genova com valiosas relações n'aquella cidade, que teriam mesmo escolhido pessoas de typos semelhantes para servirem de modelos.

Mas o quadro poderia ter procedido d'outra origem e vindo por outra via, attentas as relações mantidas pela Madeira com Roma, não só apoz a embaixada

com os presentes de assucar mas tambem com a residencia na curia de D. Manoel de Noronha, filho de Simão Gonsalves, que era cardeal, secretariou o Pontifice e mereceu tanta estima no Sacro Collegio que foi a pessoa encarregada de trazer o capello cardinalicio ao Infante D. Luiz para Portugal. Mas pouca influencia traz ás conclusões a tirar sobre a auctoria do tryptico do Soccorro a proveniencia e a origem da encommenda d'elle, pois que a filiação da sua eschola será sempre na de um discipulo ou continuador da maneira de Weiden, mesmo que não seja Metsys, d'entre os grandes mestres da pintura quinhentista da Flandres.

VI

Vizitando egrejas

Não é só a egreja do Soccorro que possue uma taboa do seculo XVI; no Funchal, e nas villas mesmo, encontram-se exemplares de pintura em madeira que apresentam o cunho das obras d'arte d'essa epocha perfeitamente emancipadas das poses convencionaes e do desenho miniaturesco da illuminura, dos doirados bysantinos, do acanhamento da copia, dos receios da perspectiva, da ignorancia dos effeitos das sombras, da ausencia de psychologia e de emotividade, caracteristicas dos ultimos periodos da Edade Media, em Italia.

Exemplares que são authenticos productos sahidos das eschollas d'esses mestres que tornaram a pintura na Europa uma arte espontanea e realista, reproduzindo a natureza na sua verdade, encontram-se na Madeira atestando que a nobreza e a gente da governança da Ilha, que souberam reunir no Funchal a capital e a séde da Capitania, a séde da Diocese e enfim juntar aqui as auctoridades principaes dos estados que dirigiam os destinos dos povos, não se achavam desligadas, pelo isolamento em que as collocava o

oceano, das revoluções que agitavam a arte nos principios do seculo XVI no continente Europeu.

A propria capital da Capitania de leste, com séde em Machico, para quem soavam n'esse momento os dobres d'uma florescencia que não fôra mitho, Machico, em frente da capella dos donatarios na egreja parochial, armada no fundo d'um austero arco cairelado de cantaria, encimado ás armas dos Teixeiras do lado opposto do transepto, mostra uma encantadora visão da epocha d'essa pintura n'uma enorme taboa que em retabulo decora a capella dos Reis Magos.

Está longe, esta maravilha, de ser uma obra de mestre fundador de uma eschola, como as mais pequenas minucias e detalhes do tryptico do Soccorro manifestam na sua pureza de concepção, de linhas, d'escolha de côres, de desenho, d'expressão physica e moral: mas é um bello exemplar do hybridismo da eschola genoveza em que se desenvolveram Semino, Piaggia, os trez Calvis e Cambiaso. Chega mesmo a ser interessante o conflicto n'essa taboa, que desconcerta quem a encara em detalhe mas que agrada e seduz quem a observa no conjuncto.

O mago que beija o pé de Jesus é um perfeito flamengo rosado que poderia ter sahido dos *ateliers* de Weyden, imbuido porém de Antonello de Messina; a Virgem, desenhada á Gerard David, é uma Madona seneza com novidades d'expressão raphaelescas; o colorido, na parte esquerda, é puro fresco de Sodoma, na direita flamengo, a preocupação d'effeitos de côres que resalta na posição do rei preto vestido de chlamyde de brocado branco posto com a cabeça, em plena luz, a meio do portal do portico do templo,

no fundo do qual reverdece a paysagem recortada d'escarpas.

São José, d'olhos e figura á Bellini, exprime um pronunciado sentimento, semi-ironico, semi-surpreso, envolvendo no relance d'olhar abatido, uma expressão de confiança intima e apocalyptica de quem espera a divindade do filho.

O rei mago barbado na attitude espectativa, esse é um André Castagno austero, no qual se desenvolve e á roda do qual se desenrola todo o drama da classe dos artistas decoradores e pintores na Italia de meiados do seculo xv para a escolha, adopção e utilisação entre as tintas a tempera e as côres e vernizes preparados com oleo.

Quem será, ppis, o auctor d'essa obra d'arte que se completa na generalidade, que impressiona agradavelmente, que seduz incontestavelmente, sem duvida por nos encontrarmos frente a frente com um documento d'auctor que estudára a pintura largamente e que, sem ser pessoal no estylo, sabia colher o bom aonde elle existia e reproduzil-o com gosto, proposito e correcção!?

Um discipulo de Brea de Nice, do proprio Brea talvez?

No Funchal, na capella de S. Pedro Gonsalves, entre taboas abaixo do mediocre que decoram o retabulo do altar, as duas primeiras, das 7 alli emolduradas, representam duas bellas cabeças de S. Paulo e S. Pedro: a primeira, voltada sobre a direita, illuminada em mancha fulva, dá-nos um convertido resoluto, d'olhar penetrante e inquiridor, envolvido de fartos cabellos, barbas e bigodes pendentes loiros, de rosto a

trez quartos: coberto o hombro esquerdo pelo manteu castanho, que lhe cahe ás pregas, sustenta a espada. O busto de S. Pedro, do lado esquerdo do altar, veste dalmatica verde, e o pallio d'escarlata pende-lhe do hombro: a cara morena volta-se á esquerda, de perfil a trez quartos, e o olhar é meditativo, cahido sobre um breviario, com as palpebras semi-cerradas.

Uma das tellas — e das peiores — da fachada do Sul, que guarnecem o retabulo lateral do muro, occupado por 9 outros quadros, reproduzindo a investidura do orago na Ordem, está datada de 1615 e indica a decoração do templo quasi todo executada pelo mesmo artista; mas a Ermida, com o seu portico amplo á maneira modesta de telheiro e seu portal sarapanelado, se bem que tenha soffrido reconstrucções fundamentaes e que talvez nos principios do seculo XVII essa data do quadro fosse uma das primeiras, corre com fundamento ser um dos templos mais antigos que persistem do seculo XV.

S. Pedro Gonsalves, como padroeiro dos maritimos que é, está á guarda da classe, e d'entre os confrades sahiu uma sociedade de soccorros, no modelo do compromisso dos maritimos algarvios, destinada a manter a expensas da communidade os doentes ou os invalidos.

Alguem atravez dos tempos devia-se ter dedicado com carinho á manutenção da capella, pois que entre a dispendiosa decoração para tão modesto recinto, algumas cousas se encontram escolhidas e executadas com gosto e dotes artisticos de merito incontestavel.

Dois quadros em tella, seculo XVII, pendem das paredes lateraes da nave da egreja; um representa Santa

Catharina de Sena em extase ante as chamas symbolicas do amor angelico. Do capuz azul sae-lhe o rosto branco macerado, que parece ter sido retocado por mão incompetente, e o manto branco de burel cae-lhe ás pregas docemente por cima dos punhos, deixando ver as mãos finas e delicadas de uma mulher nervosa, impetuosa, impulsiva. As côres do quadro amoldam-se á psychologia da thaumaturga, illuminadas, mysticas, e o quadro é bem um bom exemplar da escholla hespanhola, como o que faz symetria do outro lado, uma Senhora da Estrella que os italianos chamariam «madona com bambino», n'um ambiente murilesco em que o menino é um lampejo de precocidade, d'exuberancia á Rubens, digno d'um impulso do mestre sevilhano.

S. Pedro Gonsalves não disputa, apesar da sua vetustez, a antiguidade dos templos do Funchal, e é certamente S. Paulo, junto á ribeira de S. João, com a data de 1426 que se encontra no adro, a mais remota construcção depois da de Santa Catharina, situada por detraz das Angustias, dominando a bacia do Funchal, aonde Zarco e a esposa edificaram a primeira morada e levantaram aquella ermida para uso privativo. Zarco, depois, não só construiu o pequeno templo de S. Paulo, como para lá transferiu o solar, n'um edificio que alli erigiu annexo.

Enquanto Santa Catharina recebeu um telheiro como prostylo da sua cella, sustentado por columnas de pedra molle a conglomerado escoriaceo tão friavel que se decompõe ao menor esgravatamento; S. Paulo deita para um pateo murado com portão d'accesso de maçonaria recente e apresenta o aspecto de dependencia de propriedade com a sua fachada rebocada a

argamassa e caiada, na obliqua da qual corre uma pequena escada exterior de pedra cosida á parede, d'uso privativo para subir ao côro, murada por mainel e coberta ao patamar, por cima do qual foi levantado o nicho da sineira e collocado o sino ao alcance da mão.

O primitivo orago d'esta pictoresca ermida, como atestam as chaves pontificias que encimam a porta, foi S. Pedro (e S. Paulo), e n'ella exerceram os franciscanos o culto até que foi creada a freguezia em 1566 e construida a parochial, que hoje serve mais de 7 mil almas e abrange os bairros novos do Funchal dos hoteis e das quintas.

Na sachristia d'esse bello templo, decorado no estylo profuso e pretencioso a grandes escavações de goiva nos retabulos doirados das capellas e altares, encontra-se um tryptico, alli adaptado por cima do arcaz dos paramentos, que pertencia á antiga ermida e hoje reveste a parede com outras duas tellas que lhe foram accrescentadas e estão comprehendidas n'uma moldura commum.

As taboas são portuguezas da escholla de Grão Vasco — se não são do seu proprio pincel — e o seu valor artistico é irrefutavel. Basta notar a sobriedade com que estão harmonisados os coloridos, n'uma diffusão suave, esbatidos afim de suavisar as tintas; a simplicidade pela qual as attitudes despretenciosas exprimem sentimentos e expressões marcantes; a singeleza da paysagem diluindo-se entre o verde esmeralda e o escuro das rochas; para se ver que se está em presença d'um retabulo religioso de mestre nacional. E se não tivessemos presente á vista varias outras indicações

concludentes, como a disposição de Jesus sobre a rocha salvando S. Pedro que se afunda nas aguas perfeitamente á mesma altura do barco em que se acha o mesmo fundo no S. Pedro de Vizeu, o que mostra ser um a copia do outro, por isso e pelo contorno dos alcantis e dos rochedos; a barba branca tosada do S. Pedro do Funchal e a sua semelhança d'aspecto com S. Pedro de Vasco Fernandes da Sé de Vizeu seriam sufficientes para denunciar o pincel d'um mestre d'essa escholla do seculo XVI.

É certo que o grande S. Pedro de Vizeu tem as faces maceradas, olha um pouco de relance e a sua expressão é quasi colerica e espantada; não foi a psychologia que preoccupou ahi o artista, foi a roupagem, a mitra, a capa pluvial, enfim o aparato ecclesiastico e a austeridade do personagem elevado á primeira dignidade da egreja. O S. Pedro do Funchal vive na simplicidade do seu sorriso indulgente e no olhar molhado e alegre d'expressão de bondade: não se envolve em riquezas de tintas nem em minucias de detalhe nem de desenho, derramados com prodigalidade nos bordados, nos recamados, e nos talhos das vestes, apparece despido d'apanagios hierarchicos, mas ornado de qualidades moraes, traduzindo uma infinita bonhomia: na cabeça, de fronte calva inclinada, na pequena bocca fresca e levemente rosada.

Veste-o a tunica de burel azul ferrete degolada d'almafega, bastante decotada para se lhe perceber um saudavel pescoço de velho vigoroso: uma mão pega no manteo d'escarlata roçagante, a direita sustenta o breviario e a chave symbolica das portas do paraizo, para onde parece dirigir-se em meditação.

Na mesma naturalidade e singeleza pousa S. Paulo, voltado sobre a sua esquerda, sustentando a espada e o livro do lettrado, envolto no pallio branco, cobrindo a tunica d'escarlata: a sua physionomia em rosto oval e accentuadamente alongada, pronunciando-se ainda mais pela barba abundante, revolta e arruivada, cahindo em prolongado cacho, traduz uma despreoccupada indifferença pelas coisas ao redor: o apostolo tem 50 annos d'edade e segue um caminho reflectido, deslocando-se na marcha lenta e achatando o pé ao peso do corpo e afastando no esforço os dedos polegar e indicador. É um velho d'aspecto venerando; e contudo, está bem mais succumbido pelo soffrimento o seu opponente da taboa direita, Santo André, que olha a trez quartos para a sua dextra e que se appoia exhausto a um braço da cruz com o cotovello esquerdo. Não só a posição, como o martyrio, a capa preta que cobre o lenho, a tunica da mesma côr que o veste, concorrem para accentuar, n'essa figura d'um homem ainda no vigor da vida, de fartos bigodes e barbas pretas hirsutas, mostrando um pescoço de carnes rijas e pelle macia, o physico de um martyr que pouco mais pode esperar da existencia. Os seus olhos scintillam de febre, e do rosto dorido, exangue, contrafeito, traduzindo o supremo esforço que lhe resta d'alento, avança um nariz choroso, anguloso, empenado, que sem ser disforme é traçado com naturalidade, tão feio como a scena em que elle é o protagonista, e em que a malvadez dos homens representa tambem um exemplo da inconsciencia e da crueldade das sociedades, tomadas em symbolo no suplicio de Santo André.

PARTE II

A MADEIRA RURAL

I

A estructura physica da Madeira

Se a theoria da Atlantida é sustentada com fundamentos scientificos, a ilha atlantica, certamente, que mostra mais o aspecto de um enorme pedaço de continente desagregado é a ilha da Madeira.

Se nos 780 killometros quadrados da Ilha de S. Miguel a natureza physica das costas mostra bem vestigios de corridas de camadas pedregosas e de barros, umas morrendo em fajãs planas junto ao mar, outras levantando-se em profundos e abruptos alcantis, que as aguas e os ventos alisaram com o decorrer do tempo, ambas estas manifestações ou restos de violentas commoções geologicas, originadas pelos vulcões internos; pelo contrario, na Madeira todo o indicio d'erupção vulcanica desappareceu no interior da Ilha, enquanto que as costas, pelo contrario, apresentam n'alguns sitios vestigio d'erupção marinha, e portanto marca que a terra soffreu mutilações.

Assim, a grande differença orographica que existe entre S. Miguel e Madeira provém da mais ou menos remota origem em que os phenomenos vulcanicos tiveram logar nas duas ilhas, e por consequencia da data

tambem em que nas duas se deu a intervenção do homem.

Enquanto que em S. Miguel a civilisação veiu intervir durante o periodo em que o vulcanismo provocava, por successivas erupções, um nivelamento do solo, ou, por assim dizer, coberturas de lamas, escorias e lavas mais ou menos estendidas, formando superficies lisas; na Madeira, pelo contrario, essas massas igneas, molles e friaveis que cobriram outr'ora a terra, entregues á acção do tempo foram-se corroendo e, quando os primeiros colonos desembarcaram na Ilha e assentaram no Funchal e em Machico, encontraram o solo da Madeira completamente recortado, aberto, retalhado pela acção das aguas das chuvas, das nascentes e das ribeiras, auxiliadas pelo vento, que varrera da superficie a amalgama mineral arciosa.

D'esta forma a Madeira, como definiu Colombo aos Reis Catholicos uma das Antilhas a que abordára na costa do Novo Mundo, assemelhava-se a uma folha de papel completamente amarrotada, n'um infinito relevo, provocado pela corrosão atravez os seculos.

Para se julgar da corrosão do solo madeirense será util chamar a attenção do leitor para a superficie quadrada do globo, que é de 510 milhões de killometros, com um raio de 6.366, e cuja maior altitude não chega a attingir no monte Everest do Himalaya 9 mil metros, não sendo a profundidade do Oceano Pacifico junto do archipelago das Carolinas mais de 10 mil; quando na Ilha da Madeira, a pouco mais de uma legua de distancia do Ruivo, que se acha a 2 mil metros acima do nivel do mar, por entre montanhas que vão de 800 a 1.400 metros d'altura, se abre uma golla, que é o

Curral das Freiras, que desce 400 metros por ellas abaixo.

S. Miguel, pelo contrario, occupada a tempo de ser evitada de se corroer, os seus terrenos foram consolidados pelas culturas e pelas plantações: e a propria influencia do vulcanismo é constatada na conservação do nivelamento do solo, e enquanto que para o nordeste da Ilha, aonde não se encontra vestigio de cratera e se não topam escoreas e pomes, o terreno é aberto como o da Madeira, recortado por profundas ravinas, enquanto que nas outras localidades, sobretudo nas regiões aonde já depois da colonisação se deram phenomenos eruptivos, como nas Furnas, Agua de Pau e João Ramos, o terreno é mais chão e os cortes das inclinações do solo mais nivelados.

N'este sentido, como na achada das Furnas que ainda hoje se acha coberta de pomes, para ahi lançadas pela erupção do Sapateiro em 1563, tive occasião de ver, admittindo a hypothese de Rawdich de uma remota acção vulcanica occasionada entre os picos do Canario e Ruivo, que enormes corridas de materias igneas poderiam ter formado os dois planaltos do Poiso a leste e do Paul da Serra a oeste, aonde se encontram, não pomes em stratos acamados como na Achada de S. Miguel, mas densos macissos de rochas que cobrem os cabeços do planalto e os cimos dos espigões das ravinas nas arreigadas da cordilheira, como nas Serras de Sintra ou da Estrella em Portugal, e que em pedras aggregadas erriçam o solo, ou soltas jazem por terra em enormes quantidades, como restos de um enorme cataclysmo que para ahi as tivesse arremessado e que agora parecem ruinas de uma grande batalha vulcanica ferida

n'uma epocha prehistorica. Essas escoreas vulcanicas esfriadas teriam, na parte mais elevada, resistido á erosão e solidificado-se pela acção chimica, protegida pelas condicções orographicas; enquanto que para o extremo do planalto, nas margens d'elle e no principio do declive, se começaram gretando e abrindo nas concavidades, que de simples veios escavados se foram profundando pelo successivo desaggregamento do terreno até se abrirem n'essas profundas ravinas, no fundo das quaes correm hoje geralmente as ribeiras.

A densidade dos basaltos que jazem agora no subsolo dos dois planaltos determinaram sem duvida a constituição especial do terreno a cada um e por consequencia a differença da flora actual dos dois. Enquanto que no Poiso a rocha é de natureza menos compacta e dura, mais aggiomerada e formando laminas e rochedos que tornam a região uma verdadeira pedreira aerea, e que no terreno vegeta o feto, a grama e o musgo como hervas rasteiras, e o loureiro, a uveira, a urze e a giesta como arbustos; no Paül da Serra, battido pelo vento mais forte e mais predominante do noroeste e do oeste e que varreu portanto a terra d'alli, o feto secca e mal germina, a giesta com difficuldade medra e só as gramineas revestem o solo e servem de pasto a gados, mesmo assim por entre montões de pedras soltas e de rochedos que denunciam a projecção de materias vulcanicas ou veios soterrados de basaltos arrefecidos. Essa grama que os gados comem no immenso baldio á mistura com a giesta que se vê de longe em longe em forma de cupula de kioske chinez, ponteaguda, cortada pelos dentes dos animaes que não deixam crescer os macissos de 50 a 60 centime-

tros de perimetro, mais do que 20 a 30 d'alto; essa grama é a que se encontra pelas encostas dos graminhaes nas vertentes do Pico da Vara de S. Miguel e é a que o chronista Fructuoso encontrou na Achada das Furnas antes da erupção do Sapateiro de 1563.

No entanto, é assaz interessante que nas duas Ilhas, quando se tenta remontar os vestigios vulcanicos a uma epocha prehistorica; enquanto que na Madeira a acção eruptiva se verifica para o litoral; em S. Miguel a apparencia vulcanica é sempre d'origem terrestre e parece manifestar-se como se continuou a manifestar depois do seu povoamento, no interior.

Desde a lenda platonica ennunciada a Platão pelo sacerdote egypcio até ás modernas opiniões scientificas baseadas nas constituições geognosicas do globo, a existencia da Atlantida para muitos homens de sciencia não é uma supposição nem uma presumpção mas um facto mais ou menos real: e quer a terra tivesse sido um enorme continente ou enorme ilha constituindo os grupos reunidos que hoje se dispersam no Atlantico, de Cabo Verde, Canarias, Madeira e Açôres, como querem uns; tivesse primeiro pertencido á grande massa dos continentes reunidos da America, Africa e Europa, occupando toda a actual bacia do Atlantico, como vêem outros; fossem ainda o prolongamento de Portugal e Espanha na Madeira e nos Açôres e a continuação da Africa nas Canarias e Cabo Verde; o facto incontestavel é que o annel vulcanico que envolve a terra e que vem á Europa das costas da Grecia, do oriente, abrange os Açôres e Madeira, e é justamente aquelle em que se observam phenomenos que ficaram d'antigas commoções geologicas que modificaram a

estructura do globo e que são apontadas na supposta Atlantida, pelos territorios asiaticos em varias localidades da Russia e da China, e na bacia do Mediterraneo junto á Sicilia, na pequena profundidade que tem ahi o braço de mar que vae á costa da Tunisia além da posição da Ilha apenas separada do continente e da costa da Calabria pelo estreito de Messina.

No verão de 1923 a questão da Atlantida voltou a ser muito discutida no mundo da sciencia, determinada pelo achado feito por officiaes de um navio da «Western Union Telegraph Company», que levantando um cabo lançado ao norte dos Açôres 23 annos antes e que se achava inutilisado, constataram que o nivel do fundo do Atlantico tinha subido. Já em 1898, quando do lançamento do cabo de Brest a Cod atravez o Atlantico, a cerca de 500 milhas ao norte dos Açôres, á profundidade de 1.700 braças tinham sido recolhidos, pendentes a um fio metalico, bocados de lava que apresentavam o aspecto de tachylites ou lavas arrefecidas em pleno ar.

Pelas observações nas lavas do monte Pelado da Martinica feitas pelo Sr. Lacroix, estas lavas só vitrificam quando congeladas sob pressão atmospherica, enquanto que outras, encontradas sob massas de rochas solidificadas, achavam-se crystallisadas.

Tudo leva a crer, portanto, que as lavas vitreas colhidas pelos marinheiros do navio do Cabo em 1898 não eram lavas arrefecidas a trez mil metros sob o nivel das aguas mas sim lavas congeladas sob pressão atmospherica acima da superficie do mar.

Erupções submarinas mesmo junto á costa das Ilhas não teem sido raras no periodo moderno; e a

Sabrina, cerca dos Mosteiros de S. Miguel, é um exemplo que pode servir de demonstração para provar que a terra insular tanto pode ter soffrido desaggregamento em virtude de vulcões como augmento por addicionamento de novos solos constituidos por erupções quando estes se solidifiquem e arrefeçam junto das costas aonde tiveram formação. E isso seria o caso se a erupção que poz a fluctuar a Sabrina tivesse persistido até o montão de lava se ligar á costa dos Mosteiros, de que distava bem poucas centenas de metros.

Não sendo perfeitamente as caracteristicas de terras aggregadas ou augmentadas aquellas que offerecem as costas da Madeira, em alguns pontos, teem sido explicadas as suas naturezas chimicas ou contexturas de solo, por gente de reputada competencia scientifica, como apresentando todos os indicios de terem sido originadas por erupções sob-marinas.

A bahia do Funchal, talhada em arco de circulo entre a ponta da Cruz a oeste e o Garajau a leste, offerece o aspecto de uma enorme cratera cujos bordos do supposto cone mutilado são as cristas das montanhas que veem por S. Gonsalo, Palheiro, Camacha, Valle Paraizo, Monte até Santo Antonio e S. Martinho, e os extremos internos d'essa deslumbrante fajã em que assenta a Cidade: esta parte terrestre de cratera extincta representa portanto um terço, pouco mais ou menos, dos restos de uma extincta erupção que se tivesse dado dentro d'agua e que porventura tivesse desaggregado a Ilha da Madeira das trez ilhas que constituem o grupo da Deserta Grande, Bugiu e ilheu Chão, que lhe ficam a sueste, abrindo o canal situado entre este ultimo e a ponta de S. Lourenço da Madeira. Uma outra erupção,

occasionada no mar por detraz da ponta de S. Lourenço, teria separado o Porto Santo da ponta de S. Lourenço e vomitado para as duas costas os elementos calcareos do periodo terciario, aonde as materias siliciosas e ferruginosas á mistura com alumina formam n'esses leitos calcareos uma especie de cimento com propriedades petrificadoras, encontrando-se hoje alli vegetaes mineralisados que foram anteriormente dracenas de um bosque soterrado ou apodrecido, e agora reduzidas a mineral e duras como bocados de rocha, formando troncos, ramos, raizes de perfeita alvenaria.

Em epochas recentes o solo da Madeira tem-se alterado devido a commoções vulcanicas sob-marinas e ha casos, como o do Logar de Baixo junto a Ponta do Sol, em que o desmoronamento das terras originou a constituição de um aterro ou planicie á beira-mar. Este logar, aonde hoje se acham edificadas casas e constitue um pequeno agglomerado, não existia em 1803, anno em que choveu tanto no mez d'Outubro que provocou o debordamento das ribeiras e as alluviões no Funchal, Machico e em quasi todas as fozes das ribeiras da aba sul; n'esse anno, devido ao arrefecimento do solo, o extremo espinhaço da Lombada veiu a cahir em forma de morro pela encosta abaixo entre a ribeira da Ponta do Sol e a ribeira da Caixa, embebido por tal forma d'agua que se fendeu e desaggregou completamente do resto do espigão de que fazia parte integrante: e essa queda foi acompanhada de um levantamento de mar que se extendeu até ao Funchal a 15 milhas e innundou a costa, e de tremores de terra que se sentiram 10 killometros ao redor.

A oeste da Deserta Grande, um phenomeno identico produziu-se n'uma epocha mais recente, em 1891; e n'este confirma-se a erupção sob-marina vizinha porque na costa da Madeira, no Canniçal e em Machico, o mar recolheu-se, deixando peixe pelos calhaus das dunas, voltando pouco depois, levantado de nivel, a innundar por enormes vagas a terra que anteriormente nunca tivera alcançado.

E estes phenomenos, que são de ha um seculo e de ha pouco mais de trinta annos, passaram-se por outra forma mas produzindo effeitos semelhantes na costa do norte em 1689, e conta uma chronica que a 20 d'Abril, em domingo de Paschoa, na meia-lua alcantilada que forma hoje o Arco de S. Jorge, a rocha desmoronou-se, constituindo um aterro de meia legua assente sobre os calhaus, e o mar e casas e arvores, latadas e até uma gallinha que se achava no choco dentro d'um cesto, e um cortiço d'abelhas, tudo ficou intacto na especie de peninsula que ficou constituida com vinte moios de semeadura.

N'este genero d'alterações do solo não é menos digno de noticia um enorme paredão que se acha armado subindo a encosta que vem das Ginjas para o posto d'Obras Publicas do Caramujo, constituido por pedras enormes de mais de tonnelada de peso sobrepostas e alinhadas como por mão de pedreiro, e que se vê perfeitamente ter sido formado por desmoronamento e por obra do acaso. Mas todas estas menções afastam-nos do objectivo proposto e vamos voltar a elle e concluir porque é a parte que interessa o nosso parallelo d'estructura geologica entre S. Miguel e a Madeira.

As erupções sob-marinas deixaram pois vestigios

na Ilha da Madeira — o que não aconteceu em S. Miguel — que se constatam, quer nas modificações physicas de contextura do solo, quer pelas alterações chimicas que occasionaram a composição calcarea dos terrenos: e assim o interesse que offerece a bahia do Funchal como restos de uma cratera extincta, manifesta-se por outra forma nas aparencias que offerecem as rochas da costa sul entre o Canniçal e Machico d'um lado, quer para o cabo Girão para poente da Capital. Nas escarpas entre o pico do Facho e os picos do Dragoal e do Vento as massas de basalto, entremeadas com os stratos de tufo, são cortadas verticalmente por estreitas fachas de pedra estriada e contorcida que, á semelhança de soldas, unem e consolidam todo aquelle corte de montanha e apparecem alli como incrustadas no alcantil por uma massa em infusão que tivesse corrido a jorros verticalmente com as outras materias calcinadas, deixando depois d'arrefecida aquelles filões como pilastras que aguentam, á maneira de gatos, os tufos e os agglomerados, os barros e os massapezes que apparecem elevando-se do mar em alturas de 300 a 500 metros por entre os veios de basalto. No Girão, que corta na perpendicular 600 metros de morro n'uma maravilhosa e imponente magestade de proporções, tornando-o na geographia do mundo um dos mais altos cabos (de facto não é um cabo, é um pedaço de costa), os mineraes não consolidados constituem a base da monstruosa montanha e só nos extremos se levantam as camadas de basalto laminadas na perpendicular como aguentando aquella enorme massa de materias molles de se esbroarem e correrem desmoronando-se para os dois lados.

II

O aproveitamento do solo e do clima

Quanto mais se serpenteia em automovel ou em carro pela costa sul da Madeira, mais se arreiga a convicção de que a Ilha é um immenso rochedo fendido por todos os lados e que a terra aravel apparece alli aonde o antigo colono aguentou no socalco, industriosamente, em leito assente sobre armação de pedra, um quarteiro d'essas materias friaveis que são vestigios de decomposições de varias naturezas d'escoreas de mineraes arrefecidos apoz uma combustão produzida pelas forjas infernaes de vulcões espantosos, que reduziram os 760 killometros quadrados da superficie da Ilha da Madeira a massas incandescentes. N'esse arrefecimento constituiram-se os basaltos, com o decorrer dos seculos, que se encontram em expessas camadas de rochas e que servem aos habitantes de material industrial constructor, como: diques d'escoreas mais ou menos desaggregadas e barreiras de conglomerados que se acamam stratificados aos veios.

Tudo isso se vê n'uma quebrada de ravina ou n'um corte de barranco e olhando-se para os planos dos degraus da enorme installação amphitheatrica da Agri-

cultura da Madeira julga-se immediatamente pelo colorido e pela qualidade do solo a que constituição pertencem. Assim, o terreno acascalhado é o formado pela decomposição do agglomerado basaltico; o de saibro, que é o mais conveniente á vinha, é fornecido pelo tufo vermelho e constituido por quasi metade de sillex, quasi um terço d'oxido de ferro, vindo depois na composição as materias organicas, em maior quantidade, alumina, agua e enfim soda: a pedra molle, que é o tufo amarello, mais desaggregado do que o vermelho, compõe-se mais ou menos das materias d'este; o massapez contém bastante argila e é mais duro e consolidado do que os outros terrenos; os barros de côr avermelhada, esses são de composição aluminosa.

Todos esses terrenos, essencialmente seccos pela sua natureza areienta, desprovidos de materias organicas, portanto pouco humosos e humidos, constituem um solo muito especial, solto, oxigenado é certo, mas pouco provido d'elementos nutritivos proprios á alimentação das plantas e sobretudo de vegetaes que exigem, pelo caracter da sua cultura intensiva industrial, fortes e consubstanciosas massas de detritos animaes, humidade e mesmo dos proprios vegetaes decompostos, aonde possam prover-se de calcareos, phosphatos, azotes e hydratos.

Assim, excluindo os elementos chimicos de que se compõe o solo e que são fracos, se attendermos á extracção que fazem n'elles as culturas continuadas e que não deixam germens para uma transmutação, como nos bannanaes ou nas florestas que vão guardando o producto da queda d'esses germens que assim engorduram o terreno sob a protecção das proprias

plantas; nem que tão pouco concorram para a fixação do terreno solto como se dá egualmente com a arborisação que cobre e protege a terra: excluindo esses elementos naturaes do terreno, só os estrumes ou adubos organicos, misturados com as regas das aguas das levadas, trazem a fertilidade á agricultura da Madeira.

E não será erro afirmar que os primeiros povoadores que assentaram na vastissima fajã do Funchal, estudaram n'ella os processos de fertilisar a terra e transformar a Ilha n'um paiz habitavel e prospero ás commodidades da vida civilisada.

A Ilha, segundo os chronistas, foi encontrada coberta d'arvoredo, e esse arvoredo, que no litoral era constituido por arvores de madeiras tenras e improprias para obra, como as dracenas, foi incendiado. Essas cinzas do bosque queimado, que serviu de clareira para o levantamento das primeiras habitações, foram os primeiros fertilisantes de que se serviram os colonos para os primeiros ensaios agricolas que fizeram na Ilha; e as aguas das ribeiras de Santa Luzia e de João Gomes forneceram os hydratos e a humidade ao solo secco e areiento.

Ainda em vida de D. João I, isto é, antes de 1431, onze annos apenas apoz a descoberta, a agua das ribeiras, ás suas nascenças, era de tão reconhecida importancia para a agricultura, que foi pelas auctoridades regulada por diplomas especiaes, que tiveram por fim excluil-a da propriedade particular, tornada um bem commum, utilisavel pela collectividade com tanto mais direito quantos fossem os serviços por ella prestados á sociedade, submettida a principios juridicos discernidos pela magistratura, em caso de litigio.

Desde então, na agricultura da Madeira tornou-se indispensavel o uso das irrigações e as levadas passaram a ser os conductos proprios utilisados nos serviços de regadio; e as grandes obras em maçonaria do principio do seculo xix introduziram a generalisação do conducto de pedra n'esses canaes que se veem hoje por toda a parte aonde se cultiva canna ou cereaes ou legumes, armados a cimento em calhas proprias, contando-se para mais de 300 d'essas construcções hydraulicas, que em geral não excedem 50 a 70 centimetros de profundidade, não vão além de um metro de largura e trazem caudaes de que raras vezes o fluxo continuo é menor, no periodo d'estiagem, a 12 litros d'agua por segundo e chegam a 30 na levada dos Piornaes, que rega a encosta abaixo de 2 killometros do mar, entre o Funchal e Camara de Lobos.

As levadas que até ao seculo xix foram abertas por particulares para uso proprio das suas terras, na epocha em que o fomento agricola e industrial se tornou atributo do Governo pela politica de Pombal, deu logar á intervenção do Estado, que para a Madeira desviou importantes capitaes com o objectivo d'estabelecer conductos e centralisar a exploração das aguas. Por esse serviço á agricultura cobraria o juro e amortisaria as despezas arrecadando uma taxa fixa por hora de giro d'irrigação pelos «hereos» beneficiados pela dita agua.

D'essa politica d'estatisação parcial da agua resultou a construcção das levadas do Rabaçal e da Serra, que são as mais importantes e notaveis tanto pela difficuldade que apresentaram para se conseguir a juncção das aguas e conducção d'ellas, como pela extensão dos leitos em alvenaria.

A do Rabaçal, planeada por José Maria da Fonseca em 1826, teve dois valiosos protectores em Mousinho d'Albuquerque e José Silvestre Ribeiro. Começadas em 1835, sob o governo de Mousinho, foram retomadas, depois d'alguns annos de suspensão, devido ao subsidio de 6 contos annuaes que Silvestre Ribeiro, como deputado, adquiriu do Governo; e em 1850 o tunnel das Estrebarias achava-se concluido e as aguas atravessavam por elle da vertente norte da ilha para a aba sul. Mais de meio seculo levaram essas levadas do Rabaçal a construirem-se, custando cerca de 186 contos: na chamada a Velha, a primeira concluida, trabalharam os engenheiros: Mousinho d'Albuquerque, em 1835; Vicente de Paula Teixeira, de 1835 a 1843; Manoel José Julio Guerra, de 1843 a 1847; Thiberio Augusto Blanc, de 1847 a 1851; e depois o brigadeiro Antonio Rogerio Gramicho Couceiro, sob o qual passaram as aguas da vertente norte para a vertente sul da cadeia central das montanhas. Destinado a regar as trez freguezias do oeste do concelho da Calheta, Ponta do Pargo, Fajã da Ovelha, Paul do Mar e Prazeres, este primeiro ramo das levadas acabou-se em 1860, custando cerca de 70 contos; as obras da levada Nova, dirigida directamente sobre o sul, sobre o concelho e as duas freguezias proximas da séde d'elle, Calheta, Estreito e Arco, só foram terminadas em 1890 e custaram pouco mais de 116 contos, levando o tunnel por onde atravessam as aguas das 25 Fontes e as da Fonte do Cedro, 14 annos a romper-se, de 1863 a 1877.

Ambos os ramos são constituidos por caudaes que no periodo da estiagem andam cada um por 80 litros

por segundo, dividindo-se em 6 ramaes subalternos que servem aos serviços d'irrigação e que no anno de 1906 distribuiam 2.580 horas d'agua.

A outra grande levada, que atravessa egualmente da vertente norte para a vertente sul, destinada ás irrigações das freguezias de Santo Antonio da Serra, Agua de Penna e Santa Cruz, Camacha, Canniço, S. Gonsalo e Santa Maria Maior no Funchal, foi planeada em 1830 por uma companhia que chegou a constituir-se e que se denominou «Sociedade da Nova Levada do Furado». Esta, que era propriedade do Conde de Carvalhal e que seguia dos Lamaceiros sobre Porto da Cruz n'uma extensão de 8 killometros, foi uma das mais antigas que foram centralisadas na administração estadoal, por contracto de venda em 1822, ligando-se n'esse sitio dos Lamaceiros com outro ramal que o mesmo Estado abriu n'essa epocha quando explorou as nascentes da Ribeira, que se tornaram communs aos dois lanços, seguindo este sobre o lombo do Ruiz ao Santo da Serra em 15 killometros d'extensão. Dahi, por um percurso de 30 killometros vem o ramal estudado pela companhia em 1830, que chegou a trazer agua até ao concelho de Santa Cruz mas que o Estado acabou (1871-1905), possuindo os mananciaes do Furado e do Juncal, atravessando as ravinas da Serra d'Agua, de João Gonsalves, de Bôa Ventura, passando depois pela Camacha, Valle Paraizo, sopé do pico do Infante, para vir lançar-se junto da Choupana á ribeira do Bento, n'um dos braços dos mananciaes do Curral dos Romeiros que abastecem a ribeira de João Gomes.

E como essas levadas, pertencem ao Estado a de

S. Jorge e de S. Vicente no norte, a da Ribeira Brava e outras no sul; sendo de particulares entre outras a dos Piornaes, Nova do Curral e Castelejo, Magdalena, Bom Successo, D. Isabel e Horta, no concelho do Funchal.

Banhada a terra da Madeira pelas aguas d'estas enumeras levadas, que vão humedecer e tornar ferteis os terrenos cultivados da Ilha, essa terra, que só as condicções climatericas auxiliam o crescimento, a florescencia e a fructificação dos vegetaes, torna-se assim apta á nutrição das plantas pelas raizes. Ás temperaturas varias deve a Madeira, dentro d'um regular aquecimento pelos raios solares, a sua variada flora.

A Ilha, situada ao grau 32 de latitude norte e entre os 36 e 38 de longitude oeste, offereceria um clima excepcionalmente regular, e por isso restricto a um certo numero d'especies botanicas, se não fossem as condicções topographicas, a estructura geologica e a constituição geognosica, que alteram a temperatura, e a humidade.

Em 20 annos d'observações meteorologicas, a temperatura variou entre uma maxima de 23 graus e uma minima de 17, o que dá uma differença de menos de 7 graus, e durante esse espaço de tempo nunca o thermometro desceu a mais de 10 graus no decurso do anno; e no percurso do dia a maxima não differe da minima mais do que 5°,65, sendo em media a alteração de menos de um grau. Em 10 annos, a media da agua das chuvas foi de 79 dias no anno e de 638 milimetros d'altura; o ozone que paira na athmosphera vae de 3 a 6 graus; a pressão barometrica oscilla

de 12m,04 no decurso do anno na media tirada de 20 annos d'observações, fixando-se ao redor de 750m em geral.

As temperaturas citadas, que são as officiaes do posto meteorologico do Funchal, aonde no decurso do anno a differença media de um mez para outro é apenas de 1°,15; temperaturas e observações na generalidade climatericas verdadeiras sob o ponto de vista sanitario e therapeutico, estão contudo longe de responderem com a mesma precisão ás condicções climatericas da Ilha encaradas sob o ponto de vista botanico, a que são attribuidas 4 zonas distinctas:

a zona quasi tropical das temperaturas officiaes e outras observações meteorologicas, que vae até 300 metros;

a zona da vinha e dos castanheiros, que sobe a 750 metros;

a zona dos loureiros e urzes, que attinge 1.950 metros.

Em observações feitas no Poiso a 1.400 metros, e no Areieiro a 1.700 metros, a media maxima de calor nos mezes de Julho a Novembro foi em 1894, na primavera, de 13°,4, e de 12°,2 para a segunda em 1895, de Junho a Outubro.

N'essa região cahe neve, e no Funchal ha amadores d'exercicios que conhecem o *sky*, que deslisam em *luge* e fazem outros *sports* e que vão exercitar-se para a Montanha, aonde executam saltos e corridas, como nos Alpes os suissos, os francezes ou os italianos.

Mas além d'essas maximas proprias a arborisação e utilisaveis em postos artificiaes e ás minimas das

regiões do litoral, aonde floresce quasi toda a flora de jardim botanico desafogadamente, ha temperaturas artificiaes, que são as das grotas humidas na serra, aonde crescem os fetos; os biscoutos quentes das fajãs, aonde se cultiva a vinha; os valles profundos circundados de montanhas, como o Curral, aonde a ginjeira fructifica perto da manga; as margens nos leitos das ribeiras, alagadiças, aonde se desenvolve o inhame.

E os terrenos n'estas situações e sugeitos a temperaturas e outras condicções meteorologicas proprias ao ambiente produzido pela altitude, natureza do terreno ou constituição do solo, terrenos que produzem uma variadissima especie de vegetaes proprios de climas que vão dos tropicos ás regiões cultivaveis frias do norte, acolheriam muitas outras plantas ainda hoje por cultivar no clima madeirense, como já foi cultivado o cafeeiro, a arvore de chá, a canella, a borracha e o coqueiro; ou plantados os abetos, as loricas, as grozelheiras.

As culturas intensivas e que são propriamente as culturas da grande industria agricola são cultivadas até 500 metros d'altitude: d'ahi para cima encontra-se ainda algum socalco ou achada plantada de milho, trigo ou cevada, e á exclusão do centeio, que é agricultado em assaz grande quantidade, são os grangeios domesticos que abundam na batata doce, na batata commum, nos legumes e hortaliças.

Isso não impede, porém, que eu tivesse visto junto á taberna de João d'Andrade na Corrida, descendo da Cova da Cevada para o Jardim da Serra, cerca de uma legua do Estreito, na estrada do norte para S. Vicente, plantadas sobre excellente terra humida, humosa

e preta, 3 pés de vinha tinta juntos, com o diametro de $0^{m},65$ a $0^{m},68$ centimetros e de cerca de 40 annos d'edade, que estendiam as suas vergonteas por mais de meio alqueire de terra (vara pequena), os quaes produziram o anno passado 20 barris de 34 litros cada.

III

A agricultura

Uma grande revolução agricola deu-se na Ilha da Madeira em meiados do seculo passado; foi quando o *oïdium tukeri* attacou a vinha em 1852 em que apenas restabelecida a crise, aggravava-se a viticultura com o apparecimento da phyloxera 20 annos depois. A vinha era então a principal fonte de receita, não só dos commerciantes que negociavam o vinho, como dos agrarios e dos agricultores, que possuiam importantes interesses n'esse ramo industrial da agricultura, porque a canna d'assucar, que até ao seculo XVII se tinha plantado em larga escala, fôra baixando até desapparecer quasi por completo na utilisação da terra.

No principio do seculo XIX a Madeira não produzia $^1/_5$ do trigo do seu consumo, sendo a sua colheita apenas de cerca de 5.200 moios (ao alqueire de 13 litros e 8); e os outros cereaes como a cevada não iam além de 85 moios e o centeio a mais de 78 de terra utilisada. Á visinhança da crise viticola — isto é, por volta de 1850 — os trigos e os outros cereaes occupavam metade da terra aravel de toda a Ilha, mas a sua producção não chegava para um quarto do con-

sumo da população, que era densa — 120 mil habitantes.

O centeio e a batata eram então as culturas da parte alta, como ainda hoje são, junto ás montanhas na zona media; o milho começou a ser introduzido em S. Vicente e participou em breve do consumo publico, mas auxiliado com mais d'importação proveniente dos Açôres e da America do Norte. A batata, que quando irrigada dava 3 culturas annuaes, o inhame das margens das ribeiras, de uma producção annual, a batata doce, os mogangos e as aboboras, com as hortaliças, eram os principaes legumes da alimentação popular.

Um erro do principio do seculo XIX na agricultura fôra começar-se a plantação das mattas na parte baixa da terceira região; e esse erro repetiu-se em 1838 e annos proximos quando se deram os cortes d'essas mattas. Assim, as terras que poderiam produzir batata, cereaes e pastagens para gados, foram utilisadas pelos plantios, que por sua vez deixaram de ser empregados nas terras altas, de 300 metros de facha, aonde predominavam os nevoeiros; facha aonde esses plantios de mattas eram susceptiveis de se desenvolverem: mal se aproveitavam, d'esta forma, as extensas achadas de Santo Antonio da Serra, e para o outro lado do Funchal, para o poente, o Paül da Serra, que era uma extensão em planalto de cerca de 15 kilometros de comprido por 5 de largo, que se achava inteiramente abandonado e entregue a 5 famillias, que faziam por alli pastar algum gado.

A cultura da vinha, antes de attingida pelas molestias, resentia-se já por um pronuncio de crise, que datava do primeiro quarteiro do seculo: a producção

vinicola, que em 1813 era de 22.314 pipas de vinho, correspondendo a 186 moios de vinhedos cultivados, permittia uma sahida de 22 mil pipas para o extrangeiro; essa exportação em 1830 não attingiu 6 mil pipas e a sahida annual nos annos posteriores até 1851, com uma melhor distribuição de lucros entre os industriaes e os cultivadores, foi n'esse anno de pouco mais de 12 mil. A razão da crise era devida aos elevados preços do vinho durante as guerras napoleonicas, que quadruplicaram de valor, e á falsificação que d'ahi resultou por meio do aquecimento artificial. Esse aquecimento artificial, que provocava o envelhecimento rapido do vinho, deu logar á creação industrial das estufas para esse fim, que foram pelos grandes commerciantes montadas: mas como se observasse nos primeiros ensaios que o amadurecimento do vinho era tanto mais rapido quanto mais elevada era a temperatura, o calor começou a ser exagerado e a exceder o grau que podia suportar o vinho, que perdia o seu sabor especial, as qualidades que lhe eram particulares e a adulterar-se. Quando os importadores perceberam que os novos processos de fabrico prejudicavam as qualidades do vinho da Madeira, começaram a recusal-o, acabaram por deixar d'importar e de continuar o commercio.

Depois a situação melhorou com a prohibição da introducção da agua-ardente, pela lei de 1823, que taxando-a com pesados direitos obrigou o viticultor a distillar agua-ardente do seu proprio vinho, em quantidade de 10 mil pipas annuaes, para servir ao fabrico. Desde então o vinho melhorou e a exportação progrediu sob este regimen, mas os lucros revertiam em

beneficio do commerciante por preço elevado, continuando a pagar os mostos ao viticultor por preços baixos como no decurso da crise, e o camponez emigrou em massa para as Antilhas e para o Brazil.

Em 1849 havia 110 mil habitantes, quando 14 annos antes se contavam 113.450.

Foi então que a necessidade de se abrirem as levadas do Rabaçal se tornou urgente para augmentar a cultura dos cereaes e o agricultor volveu a olhar para a extincta plantação da canna abandonada e que fôra recomeçada no principio do seculo com novas especies introduzidas de Cayena. A industria começou a ser exclusiva á agua-ardente, e a do assucar não granulado seguiu-se em pequena escala, existindo em 1850 dois engenhos a vapor, montados com instrumentos mechanicos aperfeiçoados, na Praia Formosa e em S. Martinho, cerca do Funchal. E essa laboração terminava com o fabrico de melaço e de rhum.

D'esta maneira, enquanto no decurso da grande crise precipitada pelo apparecimento do *oïdium tuckeri* e o arrancamento das cepas, baixava a producção de 2.277 pipas em 1852 para 660 em 1863, continuando a manter-se até 1861 nas 200 e attingindo n'esse anno 400. Enquanto durou a crise viticola e vinicola, a cultura da canna saccharina progrediu, produzindo em 1865 cerca de 15 mil tonneladas, que davam 8.500.000 litros de garapa, e occupava cerca de 80 moios de terra. E o florescimento da industria saccharina manteve-se até 1882, anno em que appareceu o *caniothyrium*, que destruiu os cannaviaes completamente em 4 annos e acabaria por terminar tambem com a industria se os agricultores não combatessem o mal com introducções

successivas, a titulo d'ensaio, de novas especies de canna em substituição das velhas castas attacadas e julgadas fracas, entre as quaes encontraram a casta chamada *Yuba*, proveniente do Cabo da Bôa Esperança e que restituiu inteiramente esse ramo da agricultura, em 1897, ao seu explendor d'outrora.

Por esse tempo levantára-se tambem a viticultura, attacada novamente pela philoxera em 1872 e combatida pelo mesmo processo d'ensaio de castas resistentes, e a *Jacquez* e a *Isabel* foram os tutores que approvaram nas enxertias. Em 1895 a exportação foi de 8 mil pipas, quando em 1883 não attingira 4 mil.

A canna tornou-se a cultura industrial das terras baixas até 300 metros d'altitude na costa do sul e 200 na costa do norte; e quando essa cultura é feita acima de 450 metros, as garapas, que em geral produzem 12 graus Beaumé de saccharose, não attingem mais do que 4 a 6, e d'ahi a depreciação do preço da canna no mercado, que mal compensa as despezas de cultivo. Para cima d'essa altitude a vinha tambem produzia mal, e em 1826, a 400 metros, era no fundo do valle do Curral das Freiras o sitio unico aonde os vinhedos eram utilisados para a producção do vinho, mas era vinho, ainda assim, d'inferior qualidade.

As terras altas, essas, aonde os cereaes vinham bem, foram pois utilisadas para pequenos rebotalhos d'utilidade domestica ou para grãos, á maneira que os camponezes foreiros em geral se iam estabelecendo nos locaes e arroteando os socalcos; e as matas plantaram-se em quantidade grande. A canna preencheu parte da terra occupada pela vinha, que nunca mais attingiu a intensidade de cultura que tivera, e os incul-

tos que puderam ser utilisados foram bastante arroteados: assim, de 14.625 moios (de superficie quadrada geodesica) que representavam theoricamente a superficie agricultada da Madeira, e mais de 25 mil (de superficie agraria) no terreno accidentadissimo da Ilha, de trez mil moios de terra aravel em 1850, existiam em 1895 3.256 moios, as mattas quadruplicaram d'extensão, abrangendo 3.165 moios; e os incultos utilisaveis, que andavam por cerca de 9.425 moios, foram arroteados em mais de 632 moios. É certo que a vinha, que occupava cerca de 335 moios, nunca se remetteu completamente da crise do *oïdium* e da da philoxera, e só era plantada na metade d'essa superficie, mas a canna, que se achava nos inicios da sua reintroducção e que ainda em 1855 não produzia mais do que 13.240 hectolitros de garapa, augmentou nos 45 annos 36 moios, sendo a sua cultura muito arriscada por causa da doença que a accometteu, e os seus 51 moios limitados, restringidos até então por causa da deficiencia das regas, que só a abertura das grandes levadas lhe proporcionaria uma vantagem economica real.

Mas aonde realmente o progresso agricola se manifestou mais, foi na lavoura, na parte respeitante á engorda dos gados.

Até então, a maioria dos rebanhos cercavam-se dentro do bardo, vedado em volta da serra, n'uma extensão de 2.200 moios de terra pedregosa, offerecendo uma comida fraca, longe dos cuidados do lavrador.

Quando as necessidades dos plantios de matta e o arroteamento das terras altas se foram dando, os proprietarios, os rendeiros e os foreiros d'essas novas

terras foram perseguindo e destruindo os rebanhos de gado meudo sobretudo que pertenciam aos lavradores, sob o pretexto que elles lhes estragavam as novidades, ao passo que iam pelo seu lado creando algumas cabeças no regimen domestico. O resultado foi o gado ficar reduzido a 36 por cento nas 98 mil cabeças d'animaes que se contavam na população pecuaria da Ilha, segundo o recenseamento de 1894, devido á corrente d'estabulação que se manifestou depois do arroteamento das terras altas e do desmoronamento do bardo: o gado lanigero baixou de mais de um terço (de 90.400 cabeças para 28.500) e o caprino de quasi um quinto (de 86.700 para 18.700); mas o pezo da carne de consumo subiu nas rezes grossas de 20 p. c., a producção do leite e a percentagem batyrosa augmentaram tambem no regimen d'estabulação, e o numero de bovideos subiu de 20.917 para 28.417 e os suinos augmentaram de 10.700 para 34.230.

Em summa, o que era perdido em quantidade era ganho em qualidade e em producção utilisada no consumo publico e na industria; e a melhora provinha incontestavelmente da reforma dos processos de creação e d'engorda dos gados. Esses processos constavam do seguinte regimen: a ceva do animal estabulado fazia-se e faz-se até Junho das folhas da canna sacharina, das hervagens dos pastos e das que cresciam ao redor das suas habitações; d'ahi até principios do hinverno, da palha do trigo e dos outros cereaes, d'alguns rebotalhos de culturas hortenses e das parras dos vinhedos, e ramos das arvores da serra como dos folhados, dos castanheiros, dos tis, dos paus brancos, das faias, etc., depois, da ramá da batata doce, das ban-

deiras do milho e dos milheiros; no hinverno, dos alvaceis da cevada e do centeio.

O Agronomo João Tierno, que escrevia em 1895 e de quem colho estas noticias, publicadas no «Boletim da Direcção Geral da Agricultura» do sexto anno (1897), dizia que existiam 4.500 hectares (1.308 moios) aptos a serem transformados em pastagens, comprehendendo os mil hectares ou 213 moios plantados n'esse momento de pinheiros, e que essa superficie, conhecidas as forragens da Ilha, poderia alimentar 1.600 cabeças mais de gado bovino. A flora alimentar não era tão reduzida que não possuisse um assaz avultado numero de vegetaes que habitualmente entram nos prados bem constituidos: predominavam as gramineas, abundavam as leguminosas e o funcho, uma umbelifera; e esses fenos, se bem que os agrostis fossem em quantidade escassa, eram de primeira qualidade, contendo em media 11 a 12 p. c. de proteina bruta com 7 p. c. digestivel e 3 p. c. de gorduras, metade digestiveis e 60 a 63 p. c. de cellulose e extractivos não azotados, com 42 p. c. digestiveis. Via-se, entre outras variedades, a *authorantum odoratum*, a *festuca ovina*, a *poa pratensis*, a *dactylis glomerata*, etc.

Mas 6 mil hectares de pastos, ou 1.300 moios, não podiam alimentar 98 mil cabeças de gado.

Esses pastos, que se arrendavam habitualmente a dez tostões o alqueire, encontravam-se na maioria nos concelhos de Ponta do Sol e Calheta ao sul, aonde agrupavam tractos de cerca de 373 moios cada um, para os lados do planalto do Paul da Serra, e para S. Vicente no norte, egualmente vizinha á mesma região, aonde a extensão era de 281 moios.

O concelho do Funchal, com 1.669 moios de superficie quadrada geodesica só possuia 9 moios uteis de terras comedías; e os seus dois vizinhos de leste e de oeste não se achavam em melhores circunstancias, tendo o de Camara de Lobos 1.452 moios de terreno e só 48 moios e meio de pastagem, e o de Santa Cruz 40 moios para 1.927 moios de superficie quadrada geodesica.

O concelho da Camacha, a cerca de duas leguas do Funchal, com os seus socalcos utilisados de cereaes, provia um pouco ao abastecimento das forragens para os estabulos da cidade e dos arredores, mas antes de 1870 só na engorda dos animaes para consumo publico e alimento para o de trabalho serviam as comedías, porque o leite mal começava a ser utilisado em liquido na alimentação popular e com elle se manipulava o requeijão, vindo quasi toda a manteiga d'Inglaterra, em latas. A que chegava ao mercado da cidade, da rara feita nos arredores, era mal lavada, mal salgada, e em geral fabricada com natas de dias passados e chegava ás mãos dos compradores já fermentada e com mau sabor.

Até então mesmo o leite cerca das villas e nas aldeias era alimento exclusivo d'infantes e pouco usado na casa do villão, geralmente utilisado na engorda dos suinos; a razão do pouco uso do leite era tambem muito d'origem economica, engordando-se os bois até á edade de dois annos e mettendo-se as vaccas no trabalho e na creação e pondo-as só em ceva depois dos 5 annos.

Assim, no recenseamento de 1893 só se apuraram 665 bois e 35 bezerros em animaes de trabalho, o resto

eram vaccas e só por excepção, nos arredores do Funchal, os machos eram utilisados, escolhendo-se no concelho, e no concelho de Camara de Lobos.

O regimen d'estabulação, verdadeiramente impulsionado durante o periodo da *Mangra* ou do *oïdium tuckeri*, como atraz se disse, deu logar a que o fabrico da manteiga se generalisasse, e em 1881 a Madeira exportava 129 killos e consumia 40 toneladas, que em 1894 passavam para 150, continuando a progredir a exportação, que subia para 39 toneladas. Foi então quando um industrial, Adolpho Burnay, tentou centralisar e desenvolver os lacticinios em Santo Antonio da Serra, que lhe pareceu um planalto com achadas propicias á lavoura.

O resultado da empreza ainda hoje se constata naquella região para leste do Funchal; e, se bem que propriamente não tivesse attingido o seu principal objectivo, que era o progresso da lavoura e da engorda manadia, prosperou nos lacticinios pelo regimen do contracto da compra do leite aos creadores do sitio e dos arredores, a que farei referencia quando me referir ao Santo Antonio da Serra, e por isso não tocarei agora no assumpto.

É interessante a maneira como na estabulação dos gados se explora a industria, e como não terei occasião d'abordar o assumpto, faço-o aqui, que cae a talho de foice.

Como, no regimen geral das explorações agricolas, a creação d'animaes é feita por parceria entre o proprietario e o lavrador, sendo o contracto a meias quando as rezes são manadias e a 2 terços para o engordador quando estabuladas, recahindo a metade a

cada um nos productos das vendas das crias e sendo do creador os leites e os estrumes, e do proprietario os despojos em caso de morte.

No fabrico da manteiga as fabricas montam postos de desnatação proximos dos centros productores de leite e recebem dos creadores esse leite, que é depois desnatado e remettido á fabrica.

Em 1920 existiam 22 d'essas fabricas e 33 d'esses postos, em que entravam cerca de 11 a 12 milhões de litros de leite, montando o negocio de venda a 600 contos; a exportação de manteiga para Portugal e Colonias andou por 450 tonneladas e o consumo local foi de 110 tonneladas. 2.632 moios de terra foram postos ao serviço da engorda d'animaes desde 1893 para cá, e com esse progresso agricola deu-se um correspondente no florestal, utilisando-se mais 2.433 moios, e no viticola mais 35 moios: e se desceu de facto de 150 moios a utilisação da terra das culturas diversas dos grangeios dos casaes, se baixou de 100 moios o cultivo do trigo; a canna saccharina, que foi em 1895 de menos de 52 moios, cultiva-se em media hoje em 434 moios.

IV

A canna saccharina

A fabrica do Torreão, de Harry Hinton, goza, com justificada razão, a fama de ser uma fabrica modelar; e são os complexos mechanismos, a organisação fabril e a importancia da producção que lhe dão jus á nomeada. Á sombra d'uma legislação que permitte aos governos fixarem os preços de compra e venda da canna e assim evitar a especulação dos agricultores e a avidez do industrial, desenvolveu-se essa fabrica do Torreão, que é a unica auctorisada á exportação entre as 51 existentes e que de 1895 a 1900 não transformava em assucar mais do que 150 tonneladas de canna no decurso de 24 horas e hoje tritura 500.

A Ilha da Madeira, que produz agora cerca de 4.500 tonneladas d'assucar, consome 1.700; e d'ahi se julga da importancia do monopolio d'exportação da firma Hinton. As fabricas d'aguardente, essas só depois de fixada a quantidade de canna a empregar no fabrico e d'este assegurado, é que podem laborar, e então as 49 fabricas existentes em toda a Ilha distillam a sua media de 1.200.000 litros, que representam 18 mil tonneladas de canna. Ora, a producção da canna sac-

charina é de cerca de 50 mil tonneladas e cultiva-se em qualquer coisa como 20 mil alqueires de terra, 8 p. c. da terra cultivada da Madeira e a 12.ª parte das culturas que se realisam n'essa mesma terra annualmente.

De todas as industrias agricolas, inclusivè o vinho, que os madeirenses possuem e de que guardam tradicções historicas que datam da primeira metade do primeiro seculo da colonisação, é certamente a producção do assucar, mais mesmo do que a do vinho afamado, aquella de que elles mais se devem orgulhar, porque foi da sua iniciativa que na civilisação dos povos de todo o mundo se propagou a cultura da canna saccharina e se fabricou assucar.

Se bem que as primeiras estacas plantadas na Madeira, que datam de 1425, fossem introduzidas da Sicilia, não foi a Sicilia que influiu na propagação do consumo do assucar na civilisação do seculo XV para cá, mas sim a Madeira, devido á acção das descobertas e á influencia que Portugal teve no commercio entre os povos europeus.

Os resultados obtidos com o fabrico do assucar da canna, que era conhecido dos arabes, e a facilidade com que esta se propagava no solo da ilha acabada de descobrir e apenas principiada a colonisar, foram taes, que um seculo depois, em 1525, 450 moios estavam cultivados e d'elles se extrahia canna em quantidade para se fabricar 300 mil arrobas d'assucar. Um grande fazendeiro de Ponta do Sol, João Esmeraldo, á sua conta produziu para cima de 20 mil arrobas.

Da experiencia da cultura da canna na Madeira — que, como n'outro logar relatei, foi emprehendida no Campo do Duque antes de serem começadas as obras

da Sé e da Camara, no Funchal, experiencia mandada executar pelo proprio Infante D. Henrique — nasceu a grande industria saccharina da Ilha, que depois se estendeu ás Canarias, a Cabo Verde, a S. Thomé e Principe, ao territorio d'Angola, aos Açôres, e que Martim Affonso de Sousa, investido no governo do Brazil em 1530, introduziu na America do Sul. Foi mesmo d'ahi, do Brazil — extraordinaria phantasia a do destino! — que viria no seculo XVI a competencia inimiga para o mercado de Lisbôa, porque o assucar alli elaborado por mais baixo preço e competindo com vantagem por isso, com o da proveniencia da Madeira, acabou por suplantal-o no mercado da capital, até que o reduziu á producção necessaria para o consumo dos habitantes da Ilha. A Madeira, que succumbiu na lucta de competencia por razões tambem d'ordem agricola, porque as arvores ou as madeiras que aqueciam os fornos dos engenhos se iam exgotando pelos cortes que soffriam continuadamente sem se prover ao desfalque das mattas por meio de novas replantações, no fim do seculo XVIII não só produzia insufficientemente para o abastecimento dos madeirenses como o ia importar por seu turno directamente do Brazil.

Só a crise viticola de 1848 a 1852 traria á Ilha, berço da canna que fôra uma das principaes riquezas agricolas da colonisação e mãe da enorme expansão pelo mundo da sua cultura e consumo do assucar, uma revivescencia na exploração que, se bem que deixára de ser industria, permanecera na patria entre os grangeios domesticos do villão das aldeias e das villas, sem contudo ser reduzida a garapa.

Os governos intervieram e tentaram levantar uma

fonte de progresso agricola seguro e cuja aptidão não deveria ser difficil restabelecer entre os agrarios d'iniciativa da Ilha, mas em vão os incitamentos se aniquilaram contra a obstinação dos ilheus descrentes ou indifferentes: um alvará com data de 1694 prometteu premios e offereceu emprestimos pecuniarios a quem reconstruisse os velhos engenhos arruinados ou levantasse novos; e de quando em quando, á maneira d'este, do governo do Reino lá partia outro incitamento para reanimar a industria agricola da canna saccharina, sempre debalde; agricolamente a cultura tinha-se transformado em cultivo quasi exclusivo de quintal, empregado na ceva de gados em pequena escala, extinguindo-se completamente na utilisação industrial.

Mesmo quando recomeçou, em 1847, a cultura da canna, cujo objectivo da epocha não era transformar tal canna em assucar mas sim aproveitar a sua garapa, depois da espremedura e trituração, na distillação, utilisando a agua-ardente no vinho, que ainda não fôra attingido na producção pela doença que depois attacaria as cepas; os madeirenses, n'essa occasião, quando precisaram d'estacas para os plantios, viram-se obrigados a importar a canna d'onde ella tivera sido introduzida na Madeira, recebendo de Cayena e de Cabo Verde as castas, já modificadas, da sua cultura nativa, com o nome de *Bourbon*, de porte mais elevado do que a conservada na Madeira e mais succolenta.

Machico, séde da Capitania de leste e norte, concedida a Tristão Vaz, foi berço tambem da cultura da canna na Madeira, e nos principios do seculo XVII um descendente dos sesmeiros cultivadores dos primeiros cannaviaes das Covas do Fayal, Antonio Fernandes, e

d'outro proprietario de terras da Ribeira, Pedro Vieira, por nome João Fernandes Vieira, que de facto se chamava por nome baptismal Francisco d'Ornellas Moniz, grande patriota e heroe da tomada de Pernambuco, para onde embarcára com onze annos d'edade em 1624, fez alli larga introducção e plantações de cannaviaes.

* O heroe madeirense João Fernandes Vieira, que seria o restaurador de Pernambuco e o promotor da sua libertação do dominio hollandez, militar illustre que superintendeu nas fortificações geraes do Brazil e que recebeu, em recompensa de serviços prestados á nação, varias honrosas mercês, como a de fidalgo da Casa d'El-Rei e do seu Conselho de Guerra, alcaidemór da villa de Pinhel, commendador da Ordem de Christo, etc., promovendo a plantação da canna saccharina em Pernambuco, tornando-a um tão importante ramo industrial na região que, quando os christãos novos e os judeus d'alli emigraram para as ilhas da America Central, Antilhas e Lucayas, para lá levaram a industria e os seus conhecimentos do fabrico do assucar, que progrediu n'ellas extraordinariamente.

A occupação hollandeza, pela Companhia das Indias Occidentaes, daquella parte do Brazil, deu logar á emigração para lá de enumeros judeus portuguezes ou d'origem portugueza, como os havia um pouco por todo o mundo, espalhados pela Allemanha, pela Dinamarca, pela Austria, pela Inglaterra e mesmo pela Turquia. Sob o regimen hollandez o judeu aprazia-se n'aquellas partes, aonde exercia uma certa liberdade de culto e a lei tolerava-lhe os costumes que lhe regulavam a familia, a religião e mesmo os principios de

successão; e a propriedade da colonia judaica desenvolveu-se tanto que, quando o principe Mauricio de Nassau deixou o governo e veiu para a Europa, em 1643, para a installação em Pernambuco da synagoga foi-lhe proposta a venda do seu palacio pela importancia de 6 tonneis d'oiro de 50 mil cruzados cada. Essa emigração hebraica para o Brazil não impedia que os povos naturaes protestassem constantemente contra a vinda de novos colonos da Hollanda, e mesmo as auctoridades fizeram-no pela via official, como a Camara d'Olinda em 1637 e a Assembléa dos povos do Recife, por proposta dos delegados de Parahiba, em 1640.

Quando Pernambuco se revoltou, em 1645, contra a dominação hollandeza, João Fernandes Vieira, que promovia o movimento, foi denunciado e os judeus chegaram a participar da acção militar para suffocar a revolta: de maneira que quando o Recife capitulou, em 1654, os judeus foram expulsos para sahirem no praso de trez mezes, e aquelles que não voltaram á Europa foram procurar os territorios das possessões da companhia hollandeza na America, na Guyana, nas Antilhas, na Nova Amsterdam (hoje Nova York) e por lá permaneceram mesmo depois da occupação ingleza de algumas d'essas colonias, pouco tempo depois.

Todo este assumpto foi tratado pelo Snr. J. L. d'Azevedo na sua *Historia dos Christãos Novos* (Lisbôa, 1922), que historia a traços largos o primeiro estabelecimento d'esses judeus em Cayena e suas difficuldades com os francezes, a passagem da colonia para Lurinam, a fixação na Jamaica com subditos inglezes, o estabelecimento em Barbados, em Philadelphia, no continente americano; e os nomes dos principaes vultos influentes

d'essa emigração e colonisação são profusamente mencionados.

Benjamim da Costa estabeleceu na Martinica o primeiro engenho a grande laboração que alli funccionou, trazendo do Brazil, — diz o historiador — em 1655, 900 correligionarios e 1.100 escravos; em Curaçao dirigiu a Colonia José Nunes da Fonseca, em 1657; na Jamaica, depois de 1667, da paz de Breda, encontram-se os irmãos Bueno Henriques, que para lá vão da Guyana; etc.

E como o Snr. Azevedo, Le Roy Beaulieu, na *Colonisation chez les peuples modernes,* tambem se espraia bastante sobre a acção industrial portugueza na fabricação do assucar nas Antilhas.

A canna *Bourbon,* introduzida de Cayena em 1847 na Madeira e com a qual se fez assucar até 1886 e distillou-se agua-ardente em 25 fabricas que se montaram nos primeiros 20 annos, a canna *Bourbon* desappareceu quasi totalmente da agricultura da Ilha, attacada pelo fungo *cayothyrium melasporum,* e foi substituida, nos quatro annos que decorreram até 1890, por varias castas vindas sobretudo da Mauricia, introduzindo-se em 1897 a *Yuba* do Natal, reconhecida e geralmente acceite como a mais vigorosa das especies e a mais productiva, augmentando as colheitas de um terço sobre as colheitas das outras, e a qual ficou definitivamente a casta de canna usada d'ahi por deante: guardando-se a *bambu* para as plantações nos terrenos mais vizinhos da serra, aonde nenhuma outra qualidade germina e cresce, produzindo garapa com grau alcoolico vantajoso e aproveitavel, 6 a 7 graus. A *Yuba,* que na costa norte podia ser plantada até 200 metros d'altitude e na costa

sul entre 250 e 300 metros, a sua garapa era geralmente de 12 graus alcoolicos e nenhuma outra casta continha ou contivera semelhante elevação nos seus succos.

Tambem os bons apparelhos modernos introduzidos nas fabricas vieram proporcionar um melhor aproveitamento do vegetal na extracção da garapa, que rende em media hoje em liquido 75 por cento do pezo da canna, como esta produz, devido aos cuidados agricolas e ás regas regulares e estudadas que lhe são prestadas, 35 mil killos de caules por cada hectare de terra (13 alqueires de vara pequena), quando no tempo da *Bourbon* e das outras castas não chegava a render 25 tonneladas.

Esses aperfeiçoamentos industriaes e essas facilidades agricolas, de que resultou um progresso economico para os cultivadores, para os senhorios das propriedades como para os industriaes das emprezas fabris, influiram ao mesmo tempo para que a utilisação dos terrenos na cultura da canna augmentasse correlativamente: e assim a area cultivada, que era de 375 hectares pouco mais ou menos em 1865, em 1895 comprehendia 800, sendo de mil em 1906, 1.100 em 1907, 1.800 em 1915, mantendo-se em 1.500 em 1918. Esses 1.500 hectares correspondem a 19.500 alqueires de vara pequena ou 325 moios d'essa mesma medida.

O movimento que se tinha iniciado desde o principio do seculo para regular os direitos das aguas das levadas, os projectos concebidos e levados a effeito sobre o seu uso e construcção de conductos, a iniciativa associativa para as estabelecer; assumptos que são tratados em differentes artigos, assim como o dos trabalhos agricolas levados a effeito com o fim de

amparar a crise viticola e o commercio dos vinhos; finalmente, a grande obra de fomento realisada pelas obras publicas e mesmo por particulares na construcção d'estradas entre povoados ou dando accesso a vastos tractos de terrenos cultivaveis; todas essas iniciativas de progresso que caracterisam a civilisação madeirense em todo o seculo XIX, tiveram por effeitos esse levantamento de nivel agricola a que correspondeu o da lavoura a que acabamos de nos referir, regulado por bôas bases de producção e consumo, assentes em firmes alicerces sobre calculos de despezas de exploração e receitas de trabalho, seguros.

Um bom terreno cultivado de cannavial, no fim de 9 annos d'utilisação, incluindo os trez primeiros de preparação, em que só uma cultura de batata preparatoria atenuava, no primeiro anno, um pouco, os custeios do arroteamento, dava por volta de 1895, segundo as investigações do agronomo João Tierno, ao cultivador, incluindo o arrendamento da terra e o juro do capital investido, 11 p. cento da receita liquida, pagas todas as despezas.

Essas despezas constavam, no primeiro anno, do achanamento e vira da terra e construcção das calhas d'alvenaria proprias para os cursos da agua das levadas; no segundo, da adubação e plantio da canna, á razão de 2.100 pés por alqueire, e da cultura da batata que era colhida; no terceiro, sachava-se e adubava-se; e no quarto, começava-se a desfolha e a colheita, que continuavam nos annos seguintes. As mondas e as desfolhas faziam-se 3 vezes no decurso do anno e durante 5 mezes a rega era executada com regularidade de hora a hora de 15 em 15 dias.

Além da colheita da batata no primeiro anno, os proventos eram obtidos com a venda da canna, que andava por 4.270 kilos por alqueire e 20 molhos de folha.

A colheita de toda a Ilha da Madeira em 1895 rendeu 700 mil almudes de garapa, dos quaes 126 mil hectolitros, 5.400 foram utilisados no fabrico de 6 milhões de kilos d'assucar, consumidos no uso domestico e no fabrico do vinho; 72 mil foram transformados em agua-ardente de 27 graus Cartier; e 8.640 hectolitros que o commercio necessitava.

V

A bananeira e a vinha

Na zona agricola chamada sub-tropical, como a definiu Koppen, que corre entre 200 e 300 metros d'altitude na costa sul e 150 a 200 na costa norte, e aonde se encontra, além da canna, o trigo, a cevada, o milho, as couves, os nabos, a abobora negra da Guiné, a de Tenerife ou chilacaiota, a cabaça, a caiota, as favas, os feijões, as ervilhas, as batatas doces, as semilhas ou batatas communs e o tremoço, etc., etc., é a canna com a bananeira que jazem em grandes tractos, podendo-se considerar essa zona, que os botanicos chamam da canna e dos cactus, agricolamente, da bananeira e da canna.

A bananeira é a cultura que occupa o mais pequeno espaço entre estas plantas de cultura intensiva — apenas 33 moios de terra — mas pela exportação que se faz do fructo para Lisbôa e do grande consumo que tem na Ilha e pelas excellentes qualidades que offerece comparada com a fructa produzida nas outras regiões productoras e exportadoras, merece uma attenção muito especial. De longa data se tem conhecimento da bananeira na Ilha, antes de 1552, data em que comeu

bananas o viajante inglez Nichols que residiu nas Canarias durante alguns annos. Essas bananas eram provavelmente de uma qualidade hoje chamada «da terra», variedade da *musa sapientum* e que é tão rara como a casta plantina *musa peradisiaca,* cujos fructos são muito grandes e comem-se fritos ou cosidos: a banana da terra distingue-se da banana prata *(sapientum)* por serem os fructos mais rijos interiormente e não serem nem tão saborosos nem tão aromaticos; esta que começou a ser cultivada no fim do segundo quartel do seculo XIX é facilmente reconhecida pelos seus altos caules de 3 a 4 metros e pelos cachos pequenos, contendo em media entre 50 e 130 fructos de um lindo amarello.

A bananeira geralmente cultivada e aquella que é exportada em larga escala é a anã *(musa cavendishii),* que mede de altura $1^{m},30$ a $1^{m},70$ e d'onde pendem regimens ás vezes de mais de 200 fructos; mas encontra-se a bananeira chamada «de Demerara», por d'alli ter sido introduzida, apezar de oriunda da China, e cuja introducção remonta a 1842 ou 1843; e outras variedades da *musa sapientum,* como a «maçã», a «de Senhora» e uma terceira de fructos roxos, se bem que se não tenham propagado muito, são outras tantas qualidades que se encontram nas chãs da beira-mar e pelos socalcos das encostas, mas cerca do litoral sobretudo, porque de 300 metros d'altitude para cima os seus fructos são pequenos e a 600 metros a bananeira não fructifica, em geral, mais.

A Ilha da Madeira, que consome um terço da sua producção de bananas, exporta cerca de um milhão de fructos annualmente, e as vantagens agricolas da cul-

tura, se não são utilisadas como nas outras regiões de producção, que empregam os caules e as folhas cahidas como adubo da propria planta, soterrando-os, ou para outras culturas, serve d'alimento aos gados estabulados, como as folhas da canna ou as folhas da vinha.

A vinha é da agricultura da Madeira a cultura soberana, pelas tradicções commerciaes do vinho e pelo pictoresco que offerecem de Agosto a Outubro as vindimas, acompanhadas de pequenas festas campestres que jubilam os villões e os proprietarios da terra. Se no hinverno os campos plantados de cepas arborisam-se em teias interlaçadas entre 1 e 3 metros d'altura, que parecem arrecadações de gravetos seccos proprios para queimar em fornos ou fogões; esse trama de ramos despidos de folhas e pelos reticulos do qual, como em tapete, mal se divisa o amanho caseiro do legume, do cereal ou do tremoço, depois d'Abril principia a reverdecer e a abotoar e em 15 dias cobre-se, como milagrosamente, de densa folhagem.

Segundo a zona que Bawdich chamou da vinha e do castanheiro e que Richard Lowe, o botanico, consagrou na divisão climaterica da sua flora, a vinha é cultivada n'uma facha entre 750 metros d'altitude e 150, e os agricultores plantam-na de preferencia nos terrenos amarellados ou avermelhados, que são constituidos por terra mais secca e mais leve, e quando as cepas se acham em terrenos humosos o camponez deita ao redor das raizes essas areias coloridas e seccas, como nos barros de base argilosa da natureza do massapez e do marcote e nas proprias terras denominadas barros, em que se encontra a argila mais pura e mais

espessa que no massapez, a cultura faz-se humedecendo o terreno.

Bawdich, que teve a vantagem sobre quasi todos os scientistas de deixar umas impressões da Madeira colhidas de relance debaixo do ponto de vista naturalista sobre o que viu em meia duzia de dias e que nos vem do seu livro *Excursions in Madeira and Porto Santo during the autumn of 1823,* analysou chimicamente o saibro ou terra avermelhada tratando-o ao calor rubro n'um crysol de platina e encontrou que elle se compunha de 46,8 partes de silex, 9,1 d'alumina, 27,3 d'oxido de ferro, 2,7 de soda, 3,8 d'agua e 10,3 em perdas, contendo sobretudo materias vegetaes. A escorea da pedra molle, que era o terreno amarello, era mais pesada do que o saibro: 1,75 para 1,95, e o massapez era ainda mais pesado: 1,99.

A vinha é cultivada nos socalcos em latada baixa e nas quintas ou jardins das habitações dos arredores e do campo em latadas altas que assombream as ruas. Ao redor das moradas as latadas, em geral de 3 e 4 metros, formam gallarias ou pergolas, que durante os mezes de verão refrescam as vivendas; a cultura no campo é armada em latada baixa de 1 metro d'altura pouco mais ou menos, sustentada por varas de pinheiro ou barrotes de qualquer madeira ligados por cannas, dispostos parallellamente e cruzando-se em duas direcções, ás quaes se amarram as vergonteas com varas de vimeiro flexiveis.

As cepas de producção são geralmente enxertadas em verdelho do norte, o antigo tutor, ou nas castas resistentes experimentadas ou introduzidas por occasião do attaque do *oïdium* e da phyloxera, como a

Jacquez, a *Isabel*, a *riparia*, a *canica (cunningham)*. O cavallo é plantado a distancia de um a dois metros e a $0^m,30$ a $0^m,50$ de profundidade na terra, que é areienta e pedregosa a fim de que o systema de raizes se não estenda muito. Ao contrario de certas plantações do Douro e da Italia, o principio da cultura dos vinhedos na Madeira, como na ilha de S. Miguel, é tolher o desenvolvimento das raizes, escolhendo os terriços das cavas deixadas pelos biscoutos e rochas das fajãs: será talvez devido a isso que a edade de producção dos bacellos das ilhas não attinge a da vinha italiana, aonde era corrente que só depois de um seculo d'existencia é que a cepa era considerada melhor: e devido á prolongada edade dos bacellos é que os seus troncos enchiam e engrossavam a ponto de poderem ser utilisadas as taboas e os chaprões nas obras de marcenaria, de que é um exemplo a porta da cathedral de Ravena, que dizem ser construida de chaprões de vinha de 3^m de comprido por $0^m,35$ de largo.

Como no Minho, os vinhedos do norte da Ilha deixam-se crescer sem poda e trepar pelas arvores acima, em geral castanheiros ou rebordões, e ahi já engrossou um pé tanto que se poude talhar n'elle uma pipa; mas como as varas não eram podadas e o vento açoitava muito a parreira, cujas folhas amarelleciam tambem pouco auxiliadas pelo calor do sol, a vinha plantada em terra vegetal produzia menos bem.

Escolhendo o lavrador a terra que não é accessivel ás levadas, porque da agua d'estas precisa para o cultivo da canna e d'outras culturas, como cereaes e legumes, os vinhedos em geral estendem-se pelos altos das vertentes escarpadas das ravinas, pelos espinhaços e

bordos dos espigões e pelas encostas dos montes e dos picos, n'uma extensão agricola de 360 moios pouco mais ou menos, ou a 15.ª parte do terreno agricultado em toda a Ilha.

E em cada região viticola, ou melhor, na vizinhança de qualquer grande tracto de vinhedos, acham-se lagares ou prensas aonde se expremem as uvas colhidas durante as vindimas.

Os lagares, que ainda são os engenhos do primitivo processo d'expremissão das uvas, eram e são ainda formados por 4 taboas de nogueira em forma de caixa assentes sobre uma base de pedra a fundo acimentado, da largura de $0^{m},75$ cada taboa pouco mais ou menos; é n'essa caixa que se lançam os cachos das uvas que chegam em cestos, os quaes são espesinhados por 4 ou 5 homens de pés nus e calças arregaçadas, que entram para a caixa e se sustentam á trave, que serve de prensa depois. O summo, que passa atravez um coador ou cesto, cae por uma bica para recipientes que por de baixo della se collocam e depois da primeira pisa ajuntam-se os bagaços e os engaços n'um monte, para soffrerem a expremedura da trave, que desce para esse fim por meio de um torniquete que commanda um parafuso enorme de rosca, sobre o qual assenta a trave ou vara. O monte dos cachos já esmagados pelos pés dos homens é prensado duas e trez vezes, seguindo-se o esmagamento final, que é destinado a agua-pé, mas n'essa occasião a massa está tão secca que é preciso juntar-se-lhe agua para fazer correr, agua que é addicionada na quantidade de duas partes por 12 de massa, ficando sob pressão a massa de um dia para o outro, consumindo-se então immediata-

mente o liquido, ao qual se ajunta um pouco d'alcool.

O mosto das primeiras expremeduras é vasado em barris ou em borrachos e é conduzido para as fabricas do Funchal. Ás vezes, doze e quinze villões trazem esses odres ou borrachas ás costas, cheios, parecendo cabritos mortos: é que o borracho é feito da pelle inteira da cabra, que depois de curtida é voltada do avesso. A cabra é morta pelo ouvido para que a pelle seja inteiramente aproveitada e só ahi golpeada; pela bocca sae todo o interior do animal e fica ella a servir de gargalo ao recipiente, e o descarnamento é tão habilmente executado que até os proprios membros veem adherentes ás unhas. Finda esta operação, o pello é cortado, os orificios naturaes do envolucro são cosidos, a pelle é voltada com a carnação para fóra, cheia d'ar e esfregada com sal e exposta durante muitos dias ao calor do sol a seccar.

Os mostos, trazidos para os tonneis e barricas das grandes casas vinificadoras para soffrerem a fermentação, o desdobramento da glycose em alcool para a transformação do liquido em vinho, nem sempre são obtidos pelo processo descripto e dependem da utilisação que o vinicultor lhe vae fazer e que varia com a qualidade do vinho: assim, no tinta, que é obtido com uvas negro-molle ou verdelho, o mosto é um producto de uma só pressão de trave no lagar, vindo com o bagaço e grainhas por ser passado pelo mais largo coador, que é geralmente um cesto; e a massa entra assim para o tonnel, que fica de batoque aberto, por onde entra uma vara que vae remecher o liquido 3 e 4 vezes por dia, durante uma quinzena; e quando a

fermentação termina entra o vinho para os cascos proprios d'amadurecimento.

Na vinificação usual, o mosto sae do vasilhame em que cae do lagar ou directamente nos recipientes de transporte para as barricas ou tonneis aonde soffre a fermentação, que é feita com bom tempo immediatamente, manifestando-se pela subida do liquido impellido pela absorpção do ar transformado em gaz acido carbonico, ou mais morosa quando a humidade satura a athmosphera.

O grau de maturação da uva concorre tambem para a rapidez da fermentação, que é tanto mais abreviada quanto mais madura está a uva por occasião da vindima.

A ebulição geralmente cessa depois de 6 mezes, um mez e ás vezes menos, mas prolonga-se com especialidade nos vinhos ricos e com corpo.

Vinha depois a clarificação, que hoje é uma operação a fazer depois do aquecimento nas cubas, como referiremos no artigo sobre os inglezes, mas que nos vinhos d'estufa precedia o aquecimento e era executada em principios de Janeiro. Na clarificação empregava-se d'antes o gesso e o sangue de boi, mas hoje é mais vulgar os ovos, o leite e a gomma de peixe: sacudia-se a mistura até que o liquido tomasse o cheiro do vinho e o gaz carbonico se evaporasse; e assim garantido da adulteração o vinho, passa-se ao ultimo retoque da vinificação, que é o addicionamento da agua ardente na percentagem de 6 por cento na vulgar graduação alcoolica do vinho, e de 10 quando essa graduação era inferior no liquido fermentado.

O chamado vinho surdo ou doce, porem, obtido

sem fermentação e com toda a doçura dos mostos, e já de si bem alcoolisado a 3o p. c., servia tambem para lotar o vinho ordinario, sendo considerado superior para esse fim á calda d'assucar, egualmente utilisada.

PARTE III

A MADEIRA PICTORESCA

I

A Encumeada e a Costa Sul

Nas cercanias da Encumeada a Madeira offerece o aspecto pouco mais ou menos do estado em que se achava quando os navegadores a surprehenderam na sua virgindade e no seu isolamento.

Subindo a encosta que vae da Serra d'Agua á Encumeada na estrada da Ribeira Brava para S. Vicente, desfralda-se aos pés do viajante um d'esses macissos densos de verdura em que a flora é constituida por especies autochthonas, tão antigas como a descoberta em 1418.

Por entre um tapete verde glauco de folhados, de loureiros, de paus brancos e de tis, d'urzes arboreas que estendem os seus troncos contorcidos por cima da estrada, de 7 e 8 metros d'altura, nascem as uveiras, cujos pedunculos e folhas tenras d'um ruivo avinhado coloram a extensa encosta que desce da serra ao mar, gretada ininterruptamente por grotas, desfiladeiros, gargantas, ravinas, lombos, riscando o solo que, aonde é escalvado no corte abrupto d'alguma rocha ou no cabeço de qualquer monte, mancha de preto dos basaltos ou do vermelho acobreado do oxido de ferro

dos barros, o panorama triste e solitario d'aquellas regiões situadas a mil metros d'altitude, batidas pelas nevoas em farrapos que de quando em quando cobremnas por completo, juntando-se em massa corredia, açoitada pelo vento, esbranquiçando o ambiente frio e cortante.

N'aquella magnificencia de linhas e profusão de contornos em que os caprichos da natureza accentuaram a sua phantasia inexgotavel d'inspiração e de gosto, não se repete mais o desenho; nada se avista de vida animal ou se regista de civilisação mais do que a nova estrada para onde vae descer o automovel, e que é das poucas estradas que na Madeira não são onduladas a camalhão, calcetadas a seixos e usadas por carrinhos e corças a patins deslisantes para transporte de gente ou de cargas.

Do desfiladeiro cortado no terreno para a passagem da estrada e que assenta no cimo preciso da Encumeada entre o pico dos Ferreiros a leste e o Redondo a oeste, avistam-se umas nesgas dos dois mares que banham a Ilha a sul e a norte e por entre uma garganta da cavadissima ravina em que a comarca de S. Vicente se apega pelas vertentes, lá muito pelo fundo e muito dispersa, invisivel do alto da serra, mesmo na foz da ribeira que atravessa a villa, para poetisar a extensa solidão esquecida da civilisação e apenas lembrada, e mal, pela estrada, avista-se poisada quasi n'agua no extremo da ravina, pelo fundo da qual serpenteia a agua da ribeira de S. Vicente, uma capellinha de pescadores que parece um rochedo e que de facto é, no cimo do qual foi collocada uma cruz da fé e aberta uma cavidade para o lado da terra em que foi armado

o altar no fundo do corpo do recinto, fechado por uma portinha rasgada n'uma fachada de maçonaria caiada em branco, simulando os dois tectos de qualquer construcção vulgar.

Já no caminho da Ribeira Brava por Figueiras e Serra d'Agua na vertente sul, durante a subida, se toma conhecimento com essas construcções d'estylo primitivo d'edades remotas e antediluvianas em que a rocha era aproveitada para camaras e fundos d'edificios, utilisada para lojas, tabernas e mesmo casas de moradia nas margens da estrada. Para este lado a casaria dispersa das aldeias é frequente á maneira que se vão offerecendo á vista os varios lanços da estrada galgando ribeirinhas, contornando grotas, marginando sempre o curso da Ribeira Brava, escavada na vertente oeste do mais profundo e estreito valle de toda esta encantadora Ilha; e além da existencia humana que se manifesta nas casinholas cobertas de telha, construidas de pedra e cal, rebocadas d'argamassa e caiadas a côres vivas; não são raros os grupos de trabalhadores do campo que descem da serra com os seus molhos de folhado para os gados guardados nos palheiros, ou companhias de camponezes que desviadas roçam o matto para n'elle semearem cevada e trevo ou outras forragens e comidas.

A Encumeada prolonga-se por quasi toda a extensão da Ilha na direcção este-oeste e constitue o berço aonde descançam secularmente tantas d'essas bellezas naturaes d'esta terra e que extasiam d'admiração os *touristes* que a vizitam, no Rabaçal, no Paül da Serra, no Curral Grande, no Arieiro, nos Balcões, em Santo Antonio da Serra, etc.

É mesmo d'essa Encumeada, vertice da cordilheira estendida em espinha sobre o dorso da Ilha, que descem como contrafortes, os lombos e os espigões em ondulações convexas e salientes que se intercalam com as reentrantes ou concavas, n'uma sinuosidade infinita e caprichosa, tão variada nas formas como constante e permanente no movimento.

Quer pelo lado do norte das vertentes da cadeia montanhosa, quer pelo lado do sul, raras são as chãs, as planicies, as rectas; o terreno é sempre em declive e corta-o uma grota ou uma ravina, no fundo da qual corre ás vezes a ribeira; ou barra-o um combro, uma sébe, uma collina, um lombo, um barranco. A terra é por tal forma accidentada que mal cabe n'ella um espaço para concentrar uma povação, e as aldeias, com raras excepções, são edificadas ao longo de ruas, e jociram-se, offerecendo então essa curiosidade da dissymetria caprichosa que dispoz as conveniencias dos habitantes e dos proprietarios da localidade, em collocação desataviada, ao redor de um cabeço, pelo fundo de um valle, no calço de um comoro, nos degraus d'um d'esses numerosos socalcos que amphitheatram, de vinhedos e pequenas culturas caseiras, essa monumental escadaria rochosa que é a Madeira do calhau á serra.

Algumas villas ou aldeias da beira-mar, afastadas d'esse infinito relevo da natureza selvagem e impetuosa, conseguiram juntar os seus casaes e isolarem-se sobre um enorme rochedo á forma de promontorio, ou aninharem-se em bahia abrigada aonde as embala a musica das vagas no marulhar dos calhaus ou das areias da praia; mas ainda assim, que disposições extraordinarias não

apresentam esses agglomerados na revoltosa topographia das terras madeirenses? Longas pontes, como a Monumental da entrada do Funchal ou a dos Soccorridos que dá accesso a Camara de Lobos, ligam os dois barrancos, sobre o fundo do valle em que corre em enxurrada a ribeira, engrossada por outras que nascem na cumieira ou no sopé d'ella.

Para evitar a construcção de viaductos, as estradas outras vezes cortam em laços pela encosta acima, até á altura aonde os espigões se juntam em contraforte da montanha, sempre sobre o lombo e descem da mesma forma pela crista do outro espigão abaixo até entrar na povoação.

As distancias, por isso, devido a este serpentear e quebrar constantemente das estradas, aonde raras vezes se encontram 200 a 300 metros de rectas, são longas a percorrer, e a viagem do Funchal a S. Vicente por Camara de Lobos, Quinta Grande, Campanario, Ribeira Brava, Figueiras e Serra d'Agua, que não excede 55 kilometros de caminho, não toma menos de 2 horas e meia de tempo em automovel; e esses 55 kilometros, se não fossem as curvas e os desvios, em linha direita, formando angulo quasi recto com o vertice na Ribeira Brava, não representariam mais distancia em linhas rectas do que 20 kilometros.

A aldeia da Madeira differe d'aspecto sensivelmente segundo se encontra vizinha ao mar, a meia encosta da aba da serra, ou já na proximidade do matto e dos terrenos altos. Enquanto a ultima, escondida nas pregas do solo, se impregna do sentimento que lhe infunde a aridez e a inhospitalidade do matto virgem coberto de fetos, de gramineas varias, de tamujos, de macellas,

d'urzes e das arvores de porte ellevado a que já me referi, ambiente em que facilmente se evoca a Ilha no seu estado primitivo e natural de deserta, á chegada dos primeiros colonos; a primeira sorri audaciosa na presença das vagas do Atlantico, exposta aos ventos do oceano, sobre os rochedos dos calhaus, banhada por outras aguas brotando de cascatas e despenhando-se pelas quebradas dos montes que veem rodeal-a nas suas fozes, deixando-a, á maneira de delta, impavida, desafiando os elementos.

Um exemplar frisante do typo de freguezia rural que se espoja na aba da montanha é sem duvida o Campanario, muito descosida e desbaratada, vivendo entre vinhedos e mil granjeios que se retalham em talhões pelos socalcos; e note-se que apezar d'isso o Campanario possue o seu portinho d'abrigo aonde varam os barcos de pesca, ainda que o calhau seja de difficil desembarque.

Parochia de cerca de 3.700 habitantes, o Campanario parece mais renques de casaria recamando as lombas do que propriamente um agglomerado concentrando a sua actividade ao redor de uma praça publica aonde se installou a Junta de Parochia e se erigiu a egreja matriz: e os seus casaes estendem-se tanto que um dos seus termos quasi que pega com outro termo da Quinta Grande, que hoje constitue freguezia propria; confundindo-se egualmente a origem d'ambas como se confundiu o seu engrandecimento e prosperidade, reunindo as sesmarias, outr'ora, das terras em que a lavoura se conjugava aos trigaes, D. Manoel de Noronha, filho do 2.º donatario do Funchal, e depois explorando estas propriedades os jesuitas, que em meia-

dos do seculo XVIII extrahiam uns bons dois contos de réis de rendimento, sendo possuidores ainda da celebrada Fajã dos Padres, junto ao mar, aonde os vinhedos da malvasia foram os mais afamados de toda a Ilha.

Hoje o vergel offerece ainda, retalhado, ricas culturas que abundam nos canteiros dos socalcos artificiaes, aonde o vinhedo de recente plantação se mistura ao tremoço e ao trigo e outros cereaes que ainda rememoram as velhas tradições da terra, que já não mostra gados nem pastos de creação.

Tambem é verdade que por toda a Ilha poucos são os animaes que se encontram pastando em manadas: o madeirense guarda geralmente hoje o gado e dá-lhe muita forragem secca e ensilada e folhas de canna d'assucar, de til, de pau branco, de vinha e uma infinidade d'hervas e arbustos em que predomina muito o feno, e esse gado de bellos especimens de origem mirandeza, que aqui formou uma raça d'animaes pequenos, gados, a que dão o nome de alvaçã por terem a apparencia muito alva, albinosa mesmo, na mescla esbranquiçada do alazão malhado, que é nativa da parte occidental da Madeira e guarda-se estabulada em casas de tecto de palha, a que se chama vulgarmente palheiros.

Na vertente oeste da profunda ravina que conduz a S. Vicente, os palheiros apparecem tão profusamente espalhados nos terrenos lavrados esperando a sementeira que se assemelham a um bairro ilheu que para ahi se tivesse ramificado do fundo do valle, que se não enxerga, coberto por lombos e espigões, aonde jaz a villa.

A outra raça que vive para nascente do Funchal provém da mesma origem, mas cruzou-se com rezes de varias proveniencias, sobretudo d'inglezas, que foram introduzidas depois de 1830, e são maiores e mais corpulentas, de côr mais accentuada e precisa, distinguindo-a da alvaçã qualquer olho experiente nos bois acangados aos carros de transporte do Funchal que estacionam em fillas defronte do Palacio de S. Lourenço, ou na praça do Jardim Publico ou junto da Sé cathedral, pela cabeça tambem de forma mais graciosa e de dimensões mais exiguas.

II

O Curral das Freiras

Tem sido motivo de controversia se na Madeira se encontram vestigios de crateras.

Os geologos que se inclinam para a opinião de que na Ilha se verificam ainda indicios d'erupções vulcanicas recentes designam-nos n'algumas lagôas ou charcos nem sempre alagados, situados no Porto do Moniz, cerca da Terra Chã, e no Fanal para o noroeste; trez no Canniço, no Canniçal e nas proximidades da egreja de S. Roque e pico da Irandaia ao sul; e no centro as da Serra d'Agua e Curral das Freiras, que os mais positivos teem como profundos valles d'erosão.

O Curral das Freiras, talhado dentro da cordilheira central da Ilha em crescente, n'uma profunda ravina, ora estreitando apertada entre profundas vertentes alcantiladas, cortadas ás vezes a prumo n'uma profundidade de 400 a 800 metros, ora alargando-se em valle em que assentam morros sobre os quaes aldeias foram construidas, como a do Livramento, a do Toco da Figueira, a da Fajã Escura, a do Curral, sendo mais reflectidamente considerado um valle d'erosão, é para alguns d'aquelles que se teem dedicado aos estudos geologicos o que

offerece mais recentes vestigios de materias calcinadas, de contextura mineral vitrificada e d'areias obsidianicas: e manifestações de vulcanismo apreciadas segundo as corridas de basalto mais ou menos largas e espessas e maiores para o local d'onde deveria ter partido a erupção; determinaram o nascimento da ribeira dos Soccorridos, cujo leito atravessa todo o Curral serpenteando a ravina, nos sopés dos picos Ruivo e Canario, como o sitio provavel onde se tivesse dado o ultimo e mais recente phenomeno vulcanico da Ilha da Madeira.

Não é para estranhar que na constituição do solo de todo o Valle do Curral das Freiras nenhuma manifestação de cratera se encontre, porque bastou seculo e meio para que as immediações de um vulcão em actividade latente, que soffreram, como o Vesuvio, corridas intensas de materias incandescentes, se transformassem em mattas verdejantes: e assim este solo, que nunca mostrou outra apparencia aos povoadores da Madeira que não fosse a actual, offerece, escalvado, mais descosido, menos coberto em barros, devido ás grandes inclinações sugeitas aos desaguos das chuvas e aos açoites dos ventos, sem vegetação para consolidar o aggregamento e a adherencia da terra, o aspecto do solo da Ilha de S. Miguel longe dos locaes onde se sabe terem-se dado erupções recentes.

O cimo da cumieira, que se chama a Bocca ou Eira do Serrado, por onde o caminho, que atravessa a freguezia de Santo Antonio e passa o agglomerado serrano de Vasco Gil, desce para o valle, ahi, como pela encosta do pico Escalvado que lhe fica sobranceiro a leste, assim como pelos barrancos que formam o leito á ribeira da Lapa, Lombo Gordo ou Lombo Furtado, o

terreno é por tal forma arido, pedregoso, despido de vegetação, que se parece estar em frente d'um trecho da serra de Cintra ou da serra da Estrella, e o aspecto chega a parecer o do cabeço, á Pena, do castello arruinado dos mouros: e se bem que ao longo do caminho cortado nas encostas das ravinas não escasseiem os loureiros da flora indigena, como o loureiro, o barbuzano, o vinhatico e o til, cresça o folhado, floresça o espinheiro e reverdeça a urze, atapetem o chão os trevos, as hortelãs, as gramas e os fetos, floresça o trevo e o pampilho e se encontrem mesmo alguns macissos de pinheiros a limitado porte, crescidos sem desbaste e elevando as suas varas finas como denso canniçal a não mais de 5 a 6 metros d'altura, essa vegetação só intermedeia com a rocha e mal acolhe uma centena de cabeças de cabras e carneiros que por alli pastam na vastissima serra, muito dispersos aos trez e aos quatro.

Para dentro da garganta do Curral, que descreve um arco de circulo entre a Fajã das Gallinhas, que é já um pequeno agglomerado espigando pela vertente acima, voltado ao sul e dominando a ribeira dos Soccorridos, alli onde ella corta a direito pela aba da Cordilheira até ao mar; estendendo-se ao recondito visivel para além da Freguezia do Livramento para os lados do pico do Furão e das bases da supposta cratera corrompida e desmoronada, encoberta por um enorme esporão que abriga a aldeia; toda essa profunda ravina, que se assemelha á da Tronqueira, no caminho do Nordeste, da Ilha de S. Miguel, nos Açôres, mas mais profunda e estreita, está revestida pela natureza com os loureiros, com as uveiras, com as urzes da flora natural, reforçada pelos fetos, pelos trevos e pelas

gramas, florida por pampilhos, por espinheiros e por giestas, a que a actividade dos habitantes das longinquas paragens veiu misturar as culturas d'exploração agricola que se distinguem nos pequenos rectangulos armados com pedras á maneira de prateleiras escaladas pelo abysmo acima e onde germinam os trigos, os centeios e as cevadas, os grangeios caseiros e as cepas; salientando-se egualmente na paisagem os fortes retalhos dos pinhaes, que sobem até orlar a cumieira á mistura com os castanheiros que, despidos de verdura, serram como que em paliçada as cristas das montanhas ou aliviam os fundos do valle em bordado aberto como massas agrupadas de molhos de gravetos de lenha secca; e todo o fundo é retalhado por cerejeiras e ginjeiras que se alinham aos renques, sobretudo na proximidade das habitações.

A dois terços do corte das montanhas e mesmo a mais de mil metros d'altitude, cultivam portanto os moradores do Curral as vinhas, os trigos, as cevadas, as couves, as aboboras, a batata dôce, colhem castanhas e desbastam pinhaes: mas a agricultura só data da colonisação do valle e a colonisação do Curral é muito posterior á colonisação da Madeira; e durante os seculos XV e XVI, como o nome faz suspeitar, só gados lançados pelos primeiros povoadores da Ilha existiam n'esses logares selvagens, que nem chegavam a ser guardados por pastores.

A região parece ter pertencido até 1480 a Ruy Teixeira e Branca Ferreira, sua mulher, habitantes do Campanario, que a 11 de Setembro d'esse anno, por escriptura de venda, passaram o dominio, que occupava o valle d'arrife a arrife desde o nascimento da

Ribeira dos Soccorridos até ao Passo da Cruz, não longe dos ultimos casaes do Toco da Figueira, para João Gonsalves Zarco, 2.º donatario do Funchal, pelo preço de 23.500 reaes de cinco ceitis ao real e 50 cruzados de oiro, valendo 380 réis cada um.

A compra d'esta propriedade foi destinada por Gonsalves da Camara para dote de suas filhas D. Elvira e D. Joanna, quando ellas professaram no convento de Santa Clara, mosteiro que elle pae fundára em 1492 e para onde entraram as primeiras relligiosas em 1497. E constituindo depois bens patrimoniaes do Convento, acolhendo primeiro animaes e recebendo depois os primeiros pastores, alguns escravos que fugiam ao captiveiro, e certos criminosos que escaparam á justiça, só em 1794 formou um nucleo de povoação de pouco mais de 25 familias, datando de 1566, parece, a construcção da Ermida de Santo Antonio, que as freiras deixaram alli edificada depois da fuga do Funchal, por occasião de um saque, organisado por piratas, que poz a capital da ilha em estado de guerra — ermida que serviu de séde parochial quando, por alvará regio de 17 de Março de 1790, foi creada a freguezia do Livramento, sendo até então servida por capellães, de que ha noticia desde 1678.

D'essa posse das freiras, do Curral, vem o nome de Curral das Freiras ao valle, e o appoio que este recebeu para a sua colonisação, gozando integralmente os primitivos arrendatarios da terra os productos liquidos que auferiram durante os primeiros 7 annos das culturas que fizeram nos mattos que roçaram e dos socalcos que armaram, e antes da constituição da freguezia o Curral pertencia á freguezia de Santo Antonio, de cuja

egreja parochial dista trez leguas e duas da Eira do Serrado, no cimo da Cumieira, separada d'ella pela encosta do lombo Escalvado, pela Ribeira da Lapa, lombo de D. Isabel e Ribeira e Grota de Vasco Gil, que são atravessados pela estrada, constantemente traçada em torcicolos.

O Curral, apezar de se achar situado a 600 metros d'altitude acima do nivel do mar, no desfiladeiro em que jaz, é por tal forma profundo que o sol, no decurso do dia, só durante 5 a 7 horas — entre as 9 da manhã e as 3 da tarde — projecta os seus raios luminosos sobre os terrenos que se acham cultivados. Por isso as culturas offerecem phenomenos curiosos no seu desenvolvimento, e o amadurecimento dos fructos ainda se torna mais digno d'attenção scientifica, n'esse solo assaz fertil, ora arrefecido pela geleira da serra, que lhe esfria o ambiente, ora aquecido como em estufa por um calor artificial, que continua a exhalar-se das vertentes rochosas depois do valle mergulhar na sombra.

Especies de variadissimas regiões por isso ahi germinam, crescem e fructificam, e ao lado da manga dos tropicos vê-se florescer a ginja dos paizes visitados pelos nevões do outono, pelos granizos da primavera ou pelas geadas do inverno, produzindo os seus deliciosos fructos comestiveis.

Ainda hoje se encontram no Curral bôas castas d'uvas, como a tinta, e se bem que o amadurecimento dos cachos não seja lá como nas outras regiões da Madeira feito progressivamente, mas rapidamente, devido ás condições climatericas, não chegando os bagos a attingir o completo sasonamento, a vinha produz bem e pela qualidade e natureza das suas cepas con-

seguiu em meio seculo trazer o vinho d'ella, produzido a um preço altamente remunerador, aos mercados do Funchal e muito superiór áquelle por que era vendido em 1848 e que andava por pouco mais de um quinto do melhor malvasia do Paül do Mar ou da Fazenda dos Padres, que custava 4.200 réis o almude, sendo inferior mesmo aos vinhos do norte, cuja qualidade, menos cotada, attingia ainda assim o preço de mil réis.

Já n'esta povoaçãosinha de Vasco Gil, ultima das que se atravessam, subindo de Santo Antonio depois da Chamorra, da Encruzilhada, dos Trez Paues, de Bouliquem, alpendrada entre barrancos a 700 metros d'altitude, edificada no fundo da grota nas margens da ribeira, a pequenas casinholas, algumas das quaes a tecto de colmo, servida de vendas, decorada a cepas tufadas em branco por ameixieiras em flôr, listada a côr metalica de vinho por renques de vimeiros que se estendem dos dois lados do leito da Ribeira, almofadada d'amarello de flores de giesta e de tojo, essa ridente mansão da serra surprehende pelos seus retalhos cultivados, onde reverdece o trigo e a cevada e os grangeios caseiros nos acostumados socalcos armados pelos habitantes, pelos barrancos abaixo da grota.

É preciso percorrer a estrada do lombo de D. Isabel e do Escalvado para se ter um conhecimento preciso da contextura da cadeia de montanhas central da Ilha e da formação dos espigões que descem quebrados ou inteiros até ás regiões baixas do litoral. Tanto a ribeira de Vasco Gil como as suas affluentes que a engrossam, como a da Lapa — e a historia d'essa origem é a das torrentes d'agua inicines de todos os grandes cursos da

Madeira — nascem na arreigada da cadeia, provenientes de cascatas, de nascentes, d'aguas de chuva que escorrem pelas vertentes abaixo das elevações e se lançam no leito pedregoso do terreno escavado.

E logo alli se constroem açudes ou presas para captar a agua e abastecer levadas destinadas a irrigação agricola, levadas que são trazidas por um nivel superior da encosta em calhas acimentadas ou abertas na terra por enchada, e que vão correr nos terrenos cultivados pelas vertentes de meia encosta e mais para baixo.

Os lombos e espigões — contrafortes da montanha — estendem-se na aba do sul como tentaculos monstruosos d'um cephalopode; abrem de cada lado as grotas ou as ravinas por onde a agua murmura ou resôa em precipitada correria no fundo de abysmos pavorosos; a região quasi toda está deserta e só de longe em longe casaes branquejam, lá muito em baixo, para a orla da agua, surprehendidos ou perdidos no immenso estofo da verdura, nas concavidades ou nos folhos das infinitas pregas e relevos do solo rugoso.

Raras vezes poisa no ar a manta, esse falcão ou aguia da Madeira, mais perseguida do que o nosso milhafre, e por isso rara; não se vê tampouco um passaro voar nem se ouve chilrear, nem os gados pastam, nem as lidas da lavoura se encontram; só algum rachador de tocos de pinheiro, em pleno escarpado, accorda aquelle profundo silencio da serra, fendendo madeira suja e humida, e quando a estrada se approxima da ravina chega-nos o ronco ininterrupto e monotono da agua que corre em turbilhão no seu leito seixoso.

A estrada, depois de subida a collina de Vasco Gil, é toda cortada a meia encosta da vertente; até ahi, do Funchal, sobe na obliqua, desviando-se apenas de quando em quando para evitar a inclinação quasi perpendicular: como geralmente todas as estradas da Ilha, é calçada de seixos e ondeada em camalhão, para offerecer assim presa aos animaes que puxam os vehiculos, e menos superficie em que deslisem os patins ensebados; muitas vezes guarnecem-nas do lado do precipicio magnificos maineis d'alvenaria, sobre os quaes assentam boas lages de basalto, mas na estrada que atinge o Valle do Curral das Freiras pela cumieira de leste não existem muros de resguardo e ha lances em que os carros nem deslisam nem passam, de leito pedregoso, estreito e ás vezes de barro.

Assim, o trajecto do alto do lombo de D. Isabel, acima de Vasco Gil, até á Eira do Serrado, d'onde se avista a freguezia do Livramento no fundo do valle, é feito a pé e deita bem sete a oito killometros de caminho.

A estrada da vertente oeste, que vem do Estreito do Jardim da Serra e da Bocca dos Namorados e desce d'ahi para o Curral, foi terminada em 1817, levando 3 annos a construir-se; esta que desce da cumieira de leste deve andar pela mesma epocha, porque é d'ella que data o plano geral e a execução principal da rede d'estradas central, ligando os povoados, e que o official d'engenheiros D. José d'Afonseca emprehendeu com rara iniciativa, concorrendo voluntariamente a população, em harmonia com disposições municipaes, com mil réis em dinheiro para a obra ou dois dias de trabalho cada anno.

Os operarios empregados nos serviços d'obras publicas, frequentemente para abrirem os alicerces d'essas estradas desciam em cestos ou em andaimes amarrados e d'elles, assim suspensos, é que escavavam os barrancos, pairando sobre os precipicios.

N'uma das ultimas estradas abertas na Madeira entre o Machico e o Funchal pelo litoral, passando por Santa Cruz, entre 1906 e 1909, ainda este processo foi usado, e disse-me o dr. Marianno Machado de Faria e Maia, então Director das Obras Publicas no Districto, que na sua carreira d'Engenheiro civil tinha sido essa estrada uma das mais difficeis e dispendiosas que dirigira.

III

Ponta do Sol

Ponta do Sol é uma villa cabeça de concelho que está situada nas margens da ribeira d'este nome e foi construida n'uma apertada garganta junto da foz, entre dois alcantilados morros.

Conta a chronica de Gaspar Fructuoso que quando foi posto o fogo pelos primeiros colonos ao arvoredo da Madeira que se estendia ao longo da costa e iniciada a colonisação no local que se chamou o Funchal, Zarco se foi com os companheiros explorar a costa para as bandas do oeste, demarcando os locaes aonde seriam erectos os templos e assentariam os povoadores a fim de arrotearem e cultivarem a terra ao redor.

Assim, acima de Camara de Lobos foi escolhido n'um alto o sitio aonde seria construida a egreja do Espirito Santo; depois fixaram na margem de uma larga ribeira, distante d'ahi trez leguas, o logar que se chamou Ribeira Brava; e embarcando de novo nos bateis que os seguiam, os exploradores atracaram, mais além uma legua, a uns calhaus que sahiam em ponta ao mar em frente de uns veios que á forma de raios de uma estrella amarellada brilhavam na rocha, e foi ahi

que escolheram o terceiro centro de população, a que chamaram Ponta do Sol por a marca da rocha os fazer lembrar um desenho luminoso do astro.

Só cinco lustros depois, pouco mais ou menos, é que Ponta do Sol recebeu os primeiros povoadores, que segundo a tradicção deveram o seu appoio ao valoroso Rodrigo Eannes, o *Coxo,* que em 1450 se foi alli fixar e arrotear as sesmarias que lhe tinham sido concedidas para o oeste da Ribeira, estendendo-se pelas vertentes que se avistam para os lados dos Canhas e para a Serra até ao Arrebentão, na vizinhança do planalto do Paül.

Quando o *Coxo* testou, a 8 d'Abril de 1486, consignou nas disposições a terça dos seus bens para que fosse construida na egreja de Santa Maria da Luz uma capella com a invocação do Espirito Santo, aonde desejava ser sepultado; e é n'essa egreja e n'uma capella cujo orago é Nossa Senhora do Patrocinio que se acha a campa de Rodrigo Eannes, o fundador da freguezia, que já n'essa epocha tinha vigario confirmado e comprehendia entre a Ribeira do Alto, limite dos Canhas, e a Ribeira da Caixa, limite da Tabua, trez killometros de costa e 8 killometros de fundo para a serra.

A metade d'esse territorio, ou pouco menos, que vinha da ribeira de Ponta do Sol para leste até á ribeira da Caixa, tinha sido do filho de Zarco, Ruy Gonsalves da Camara, que explorando-o depois da sesmaria trespassou-o ao picardo João Esmeraldo por 600 mil réis e uma renda vitalicia annual de 150 mil réis, por escriptura de 28 de Janeiro de 1473; e João Esmeraldo adquiriu mais propriedades junto a esta e ampliou e melhorou por tal maneira a fazenda que chegou a ma-

nipular 300 tonneladas d'assucar nos seus engenhos com as cannas que colhia dos seus extensos cannaviaes e das terras dos herdeiros do *Coxo*.

A propriedade, á data do contracto de partilhas entre os conjuges João Esmeraldo e Agueda d'Abreu, em 11 de Junho de 1522, constava de engenhos, cujo maior com casa de purgar foi avaliado em mais de mil cruzados, sendo o movel do interior no valor de 500 mil reis, latadas, terras de pão, montados, assentamentos e aguas para rega, comprehendendo cerca de 250 moios.

Tanto as propriedades do Esmeraldo como as do *Coxo* trouxeram a abundancia á freguezia, transformando as mattas em socalcos de ferteis cearas e vinhedos, que em 1501, por alvará de 2 de Dezembro d'esse anno, D. Manoel desdobrou a Capitania em dois concelhos, constituindo séde e capital a freguezia de Ponta do Sol, que assumiu foros de villa, estendendo a jurisdicção por Paül do Mar e Ponta do Pargo até á Ponta do Tristão, extremo da capitania de Machico, perto do Porto Moniz. E se bem que a grandeza do concelho tivesse uma vida ephemera, pois que em 1511 já se achava constituido o concelho da Calheta e Ponta do Sol tornára a occupar os primitivos 520 moios de superficie entre a ribeira da Caixa e do Alto nos Canhas, a villa de Ponta do Sol não deixou de ser a mais antiga, depois do Funchal, uma das mais abastadas, sendo-lhe em 1835 addicionada as freguezias para oeste de Serra d'Agua, Ribeira Brava e Tabua (retiradas outra vez, já no regimen republicano, com a constituição do concelho da Ribeira Brava).

Dos antigos esplendores de Ponta do Sol restam dois exemplares artisticos na egreja parochial, que não

só atestam as magnificencias da civilisação local, como o desenvolvimento e progresso da arte em todo o paiz nos principios do século xvi.

No altar da capella do *Coxo,* conhecida pela capella de Nossa Senhora do Patrocinio, o retabulo, em forma primitiva e simples, dos velhos altares modestos é trabalhado á forma de prostylo attico em madeira da epocha, pintada a vermelho escuro atijolado, com duas collumnas, assentando entre ellas trez preciosas taboas d'uma extraordinaria pintura, que bastaria o seu colorido e o aspecto que offerecem os santos para collocar em colisão os mais afinados juizos criticos d'experimentados peritos. O tom geral do quadro é escuro, muito harmonico; ligando-se as côres em gamma diluida tão suavemente que os detalhes sobresaem á força de desenho, parecendo que o artista tivesse o objectivo de trabalhar a pintura á maneira dos impressionistas modernos, n'uma symphonia colorista: com a differença porem que resaltam d'ella caracteristicas de eurythmia pela correcção do desenho e não pela belleza ou pelo deslumbramento das tintas, que aqui são amortecidas, predominando o tom acastanhado.

Mas que naturalidade de desenho! quando as côres desbotadas e desvanecidas parecem obtidas com tempera, as figuras trazem uma expressão de personagens da renascença em pleno florescimento, em que a belleza se junta á graça e a realidade ás expressões naturaes, sem esforço, sem pretenção, sem preoccupações de *pose:* e se não ha nos dois santos que ladeiam a Virgem e nem mesmo n'esta, uma manifestação qualquer de psychologia ou expressão de sentimentalidade latente, o menino, na attitude filial dos infantes, sustentado

pela mãe e proximo d'ella, é assaz animado, lançando-lhe os braços para lhe envolver o pescoço.

Com a sua poltrona d'espaldar anichada aonde se assenta a Senhora, á maneira do fresco d'alguns precursores da renascença e dos primitivos italianos na pintura a tempera, de que me pareceu tambem ser a pintura d'esta taboa, collocada a bastante altura do patamar do altar, adornado profusamente de vasos com flores de papel, castiçaes e outros ornamentos, o que tornava a observação difficil, o tryptico de Nossa Senhora do Patrocinio pareceu-me uma estranha e rara obra d'arte com caracteristicas portuguezas, talvez unica no genero, como é peça unica a pia baptismal que se encontra na mesma egreja, que dizem ter sido offertada por D. Manoel e que é em pó de pedra e não barro, revestida de um lindo vidrado verde de faiança decorada a botões florados á maneira de pregadura entremeados ás fachas circulares com folhagem e fructo sobre um fundo picotado a pequenos circulos e outras figuras geometricas de minucioso lavoro.

Nas ruas da villa tambem os vestigios da grandeza d'outrora se reconstitue, observando a forma como o lado do poente da ravina foi edificado á maneira de castello feudal na abrigada da rocha, sobre terrapleno assente em cima de uma alta muralha que se eleva do leito da ribeira a uns vinte metros: a villa, além de uma ponte avarandada de gradeamento de ferro que atravessa o curso da agua, da qual dista perto uma frondosa arvore que refresca e ajardina o local, offerece um pictoresco e uma ellegancia de linhas nos quarteirões e no arruamento que atestam o gosto e a educação estetica dos colonos que riscaram o primitivo agrupa-

mento d'habitações, das quaes resta conservada uma casa que estreita a rua principal, ao pé da egreja, pela sua varanda coberta de madeira caiada, deitando em sacada, á maneira do edificio arabe de andar a resalto, assentando sobre escoras. N'uma ingrata posição, correndo n'uma garganta apertada por trez alcantilados morros — os Arrifes a oeste, a Forca a norte e o Passo a sueste — os pontasolenses souberam embellezar tanto a sua formosa villa como os de S. Vicente se tornaram impotentes para conseguir resultados semelhantes da sua terra, situada na costa do norte, um pouco mais a leste em longitude, soffrendo da mesma exignidade de terreno e de identica posição exprimida entre vertentes alcantiladas da ravina. Sobre a ponta que se estendia por sobre uma restinga de rochedos pelo mar dentro, assentaram, nas obras d'embellezamento e de fomento emprehendidas pela Camara em 1849, um caes a varios lances d'escadaria, que serve ao mesmo tempo de quebra-mar e molhe d'abrigo aos barcos de pesca, que se pode chamar uma obra genial pelo aproveitamento dos elementos naturaes e concepção economica que presidiram á sua factura, e lançamento gracioso e bello; contornando o rochedo que desce a pique e que constitue o cabo, em traçado circular, abriram uma rua para dar accesso ao caes, e essa rua, marginada da banda do mar por mainel de parapeito de longas lages de basalto, liga o quebra-mar e caes a um aterro arborisado de platanos que refresca o calhau varadoiro de barcos, abrigado a poente pelo morro dos Arrifes; na alpendrada do morro talharam o mercado de peixe rectangular, aberto por arcaria e fechado por gradeamento; e é pela frente do mercado que se começa a

subir pela rua principal para a Matriz e se passa a ponte, que é obra já do regimen republicano em reparação á que existia d'alvenaria, de 1727.

Mas é da Lombada que as pompas agricolas estendem as magestosas côres das culturas pelas pregas dos espigões abaixo que dividem as ravinas da grandiosa encosta que vem dos Canhas, e que se prolongam para o outro lado para a Tabua e Massapez, egualmente fertil; e essas pompas, mil vezes esquarteladas, são outros tantos brazões naturaes que matisam a nobreza e a fidalguia da velha terra pingue.

Ao sahir da villa, que se bifurca pelas duas margens da ribeira de Ponta do Sol, ascende-se pela vertente do nascente a encosta aos zig-zags que levam ao dorso do espigão da Lombada do Esmeraldo: grossos penedos e filões de rochas amontoam-se aqui e além, sahindo á estrada ás vezes em forma de monstruosos diques; em baixo a villa, segura das alluviões e levantada sobre as muralhas, estende os seus raios esbranquiçados da casaria; a margem direita é um tapete immenso enrugado de verdura, com os lombos cortados na obliqua descendo em nervuras para a ravina proxima de Ponta do Sol, mas além, n'um plano mais alto, as corridas das encostas caem sobre a ravina de S. João; e mais longe, sobre a grota de S. Thiago, perdendo-se emfim nos limites de um contorno extremo, em que uns casaes dispersos junto a uma especie d'oasis, inclinam-se a meia lombada da corrida dos Canhas, no fundo da ravina da qual passa a ribeira, que é invisivel do sitio em que estou, como as outras ribeiras das ravinas citadas. A que se abre em frente de nós, de Ponta do Sol, vae-se perder nos nascimentos das

aguas nos alcantis da serra do Paül, ennegrecidos pelos glaucos da flora selvagem e cobertos de nevoas esbranquiçadas que pairam sobre elles tão fixas e tenues que parecem um complemento da vegetação. Pelos espinhaços dos lombos proximos alinham-se fileiras de habitações caiadas e telhadas, muitas cobertas de tecto de colmo, todas floridas por copas de corolas de flores brancas d'arvores fructiferas que se elevam nos quintaes, murados com guarnecimentos de macissos de geramnios violaceos, de goivos brancos e roxos, de fuchsias vermelhas.

Sobranceiro ao dorso da Lombada, por onde passa a estrada marginada por estes casaes ajardinados, isolado e a meia vertente da encosta da serra, corre um enorme edificio caiado a côr de tijolo, rasgado em todos os andares do seu bloco rectangular por janellas eguaes e symetricas. É o velho edificio do Esmeraldo, reconstruido em 1679 por Luiz Esmeraldo d'Athouguia e para onde a caravana em que vou segue a passo lento em peregrinação á capella do Santo Espirito, erecta por detraz do solar e por enquanto invisivel, e que tem a curiosidade historica de ter sido sagrada em 1508 pelo bispo de Tanger D. João Lobo, expressamente despachado pela Ordem de Christo para vir ao Funchal organisar os negocios da diocese, antes d'ella constituida. Da estancia evola-se um perfume de tradicção que envolve toda a historia d'essa margem esquerda da ribeira depois que explorada a sesmaria pelo filho de Zarco constituiu o fundo senhorial de João Esmeraldo, o *Picardo*. João Esmeraldo deixou dois filhos: João, nascido do primeiro matrimonio com Joanna Gonsalves da Camara, dotada pelo marido

com 1.200 cruzados, e Christovão, filho do segundo casamento com Agueda d'Abreu, cujos paes eram os grandes proprietarios da Lombada do Arco, distante alguns killometros para o poente, no Arco da Calheta. Por escriptura testamentaria de 12 de Dezembro de 1527, constituiu essa propriedade em dois morgados com successão por primogenitura masculina, conservando o nome de Esmeraldo, obrigando-os ao pagamento do foro das terras sujeitas a Ruy Gonsalves da Camara e aos encargos da capella designada para manutenção da ermida do Espirito Santo e legados pios.

João Esmeraldo morreu a 19 de Junho de 1536 e Agueda d'Abreu a 2 de Novembro de 1550, deixando ao filho Christovão e successor Antonio seu neto um vinculo indivisivel dos bens proprios que lhe tinham sido doados pelos paes João Fernandes (do Arco) e Beatriz d'Abreu. O morgado do Valle da Bicca, que partia do Pico d'Amendôa, d'uma linha que o cortava partindo do Paül da Serra para o mar, até a ribeira da Caixa, pertenceu a Christovão, que foi enchido além d'isso das terras da mãe Agueda, na ravina da Caixa, que tinham pertencido ao dote de um conto de réis feito aos noivos pelos senhores do Arco, e das fajãs de João Rodrigues dadas ao creado Affonso Dias e que por sua morte vieram ao morgado; o morgado de Santo Espirito coube a João com as casas de purgar, engenhos, 100 mil réis de foro das terras de D. João Henriques e as casas da rua do Sabão do Funchal com trez outras terreas em frente, que constituiam a residencia de familia.

Essa successão, que vinha determinada por um

contracto de partilhas de bens entre os dois esposos que datava de 11 de Junho de 1522, favorecia o quinhão de Santo Espirito em 4 a 5 mil cruzados de valor além de abundancia d'agua, que faltava aos terrenos de Valle da Bicca, e uma prolongada demanda deu-se no seculo XVII, acabando por um accordo em que os dois detentores dos morgados, o Capitão Antonio Carvalhal Esmeraldo e sua mulher D. Sebastiana Valente Quental d'um lado, e o Capitão Luiz Esmeraldo d'Athouguia, procurador da mulher D. Isabel Esmeraldo, do outro, chegaram ao convenio de 20 d'Abril de 1679, pelo que Santo Espirito com o edificio a que acabei de me referir ficou pertencendo inteiramente a Luiz Esmeraldo e sua esposa Isabel, e Antonio, que tinha metade do edificio, abandonou-o inteiramente por direitos a 8 dias d'aguas da levada do Montado do Ribeiro Frio em cada giro de 16 dias e 2 dias de 4 da levada da Ribeira da Caixa; e os proprietarios de Valle da Bicca, que já tinham edificado a casa e ermida do Jangão, enquanto alli permanecessem ou morassem em Ponta do Sol, receberiam lenhas para o consumo de casa, podendo mandal-as cortar e juntar aos dominios de Santo Espirito (accordo de 20 d'Abril de 1679).

Os effeitos da crise da canna na Madeira durante o seculo XVII e a insistencia no cultivo da vinha em sua substituição estavam-se a reflectir nas terras de Ponta do Sol, aonde apparecem ainda mattas pelo contracto entre os dois senhores que administravam os dois vinculos instituidos por João Esmeraldo, mas são mattas que restam das primitivas naturaes encontradas pelos colonos e que mal davam já para consumo caseiro,

sendo insufficientes para alimentarem os fornos d'aquecimento dos melaços para o fabrico do assucar.

Em 1700, dos 4 engenhos — 1 na Lombada e outro na Villa, ambos a agua, e 2 nos Lemos, movidos a nora — nem um só existia, e as terras outrora utilisadas na cultura da canna foram sendo plantadas de vinhedos, cujo grangeio era mais economico e a producção mais rendosa. As outras culturas eram os cereaes (trigo, centeio e cevada) e agora a canna, que se vê muito com pomares e pequenos grangeios domesticos e que foi, como nos outros concelhos da Madeira, introdazida por occasião da mangra *(oïdium)* das vinhas em 1852, dando lugar ao estabelecimento de uma fabrica d'assucar a vapor em 1870, que funccionava com os melhores apparelhos, além de outros 3 que transformavam a garapa em agua-ardente e outra para canna. Em 1912 a producção annual da canna andava por 40 contos de valor (40 moios de terra) e a dos cereaes por 20 contos (100 moios); além de muita batata de Demerara (doce), feijão, inhames e batata commum e grande quantidade de fructos, que gozam de grande celebridade; e a industria pecuaria não era menos afamada, vendendo-se os porcos e o gado vaccum por baixo preço.

Por isso toda a paysagem que se desfructa do espinhaço do espigão em que eu caminhava na direcção do solar de Santo Espirito, parece um jardim ou uma quinta profusamente reverdecendo nos socalcos pelas chapadas de todas aquellas infinidades de collinas que se sobrepõem como bastidores no immenso decoro scenico, umas por detraz das outras, até ás linhas dorsaes das lombadas.

Para o lado da Caixa e a nossos pés até ao leito da ribeira de Ponta do Sol, aonde cresce o inhame por entre as jogas e os pedregulhos, as terras e os casaes estão todos em dominio dos dois morgados: representam cerca de 600 fogos e 2.500 almas e abrangem metade da freguezia séde do concelho; para além da ribeira a fertilidade da terra é ainda mais intensa e mais activa a iniciativa do agricultor, sobressaindo de longe em longe os agglomerados que remontam as origens dos seus nomes aos primeiros colonos que alli fundaram as primeiras sesmarias ou ás estancias que engrandeceram os locaes de prosperidade.

Os filhos do *Coxo* chamaram-se Furtados e Rodrigues, e na Fajã do Furtado, que era um dos vinculos d'um descendente do *Coxo,* ha uma pereira com mais de 200 annos, que produz alguns annos 100 cestos de fructa. Dos casaes que se avistam do outro lado da ravina de Ponta do Sol, o mais proximo agglomerado que branqueja por entre o xadrez das culturas de canna e de cereaes é o Pomar de D. João; o Pomar de D. João evoca o titulo de D. João Henriques, que alli vivia em 1510 com a mulher D. Joanna d'Abreu, filha do senhor da Lombada do Arco e irmã da 2.ª esposa de João Esmeraldo, e segundo os nobiliarios era filho do 2.º senhor das Alcaçovas, D. Henrique Henriques, aposentador e caçador mor de D. Affonso V, D. João II e D. Manoel. N'esse mesmo local das Adegas tiveram sesmarias dois vizinhos da villa d'Arruda, de Portugal, D. Pedro Delgado, por alcunha o *Nabo,* e sua mulher Izabel Fernandes, a *Velha da Serra.* O Logar dos Canhas, extremo povoado acavallado na sella do ultimo

espigão tomou o seu nome de Ruy Pires, o *Canha,* que foi fundador da egreja de N. S.ª da Piedade, que depois, por alvará de 30 de Janeiro de 1577, foi séde parochial; primeiro sesmeiro e mesmo do grupo dos primeiros colonos da Ilha.

João de Canha, escudeiro do Duque D. Diogo, aforou em 22 d'Abril de 1484 a Constança Rodrigues de Sá, viuva de João Gonsalves Zarco, a grande fazenda, já povoada, aonde se achava a egreja: e era de um Canha, Diogo Martins, o *Cavalleiro,* a capella de N. S.ª dos Anjos, instituida em 1508 pelos paes Martim e Izabel Affonso.

Beatriz Pires tambem foi instituidora de um morgado nos Canhas na freguezia chamada do Escobar, e esse nome d'Escobar provinha do pae da instituidora, que era hespanhol, vivia em 1500 no Funchal e chamava-se Pedro d'Escobar.

Entre os Canhas e os lombos das Adegas e do Pomar de D. João está o logar dos Lemes. Antonio Leme e Catharina de Barros instituiram ahi morgado na filha Leonor Leme (mais tarde encorporado na Casa Carvalhal) e Antonio era neto de um flamengo que trouxe para a Madeira o appellido de Leme.

Do alto da Lombada, junto á casa de Santo Espirito, avista-se todo o formidavel trabalho agricola que se desprende a nossos pés até ás rochas do mar; e pela linha da Casa e do Pico d'Amendoa, que se eleva abaixo, tem-se a divisoria dos dois morgados do Esmeraldo; este de Santo Espirito esteve na administração vincular dos Carvalhaes e a casa passou na posse do ultimo Conde de Carvalhal pelos mais sumptuosos luzimentos, que aquelle janota celebre do seculo XIX soube

imprimir ás festas com que recebia os seus numerosos amigos; o outro, do Valle da Bicca, foi administrado pelos Ornellas Vasconcellos e até ao seculo xx pertenceu á familia.

IV

Santo Antonio da Serra

Santo Antonio da Serra assenta a freguezia que pertence parte ao concelho de Machico e parte ao concelho de Santa Cruz, no planalto que desafoga a pyramidal disposição dos baluartes montanhosos dispostos aos grupos, reforçando o pico Ruivo franjado de nevoas a cerca de 2 mil metros d'altitude. Paredões ameados que a natureza talhou a capricho correm para sul e para norte em quebradas que a vista vae dispondo á distancia devida. A primeira recorta-se no azul do firmamento; as outras mais baixas divisam-se ao longo d'essa magestosa muralha por confusos dentes de serra que vão morrendo, quer para a vertente que desce para Santa Cruz e Camacha ao sul, quer para Porto da Cruz, Fayal, S. Jorge ou Ponta Delgada ao norte, em planos que se dispõem como pannos lateraes dos decoros scenicos no palco de um immenso theatro.

A confusão chega ahi a tocar a mysteriosa chimica de uma restricta polychromia, no Elisio verdecento; e como se uma poderosa mão apanhasse os pannos macios das bambinelas d'um baldaquino monstro e reunisse as cortinas a esse bellicoso assumpto de fundo,

estendendo-se sobre nós, ondulam suavemente as rugas do magestoso tecido que a luz mais ou menos intensa do sol vae realçando ou amortecendo nos polimentos metalicos a cambiante verde-oiro.

Agora mais proximo de nós, não só a vista encontrou colorido distincto entre o verde dos folhados, dos loureiros, dos fetos, das urzes, diluido pelos pretos dos azevinhos, ensanguentado ao rubro das uveiras, palhetado pelas flores doiradas dos espinheiros, como descançou na descida suave das achadas que se desenrolam até virem morrer ao nivel da planicie em que estamos.

A surpresa que a principio o espirito incauto resentiu, afeito ás ingremes encostas dos foguetes (que é o termo usado aqui para os arrebentões), ainda mais se accentua com a reflexão que se estabelece, porque o solo da Madeira é o mais revoltoso que a natureza certamente tem produzido, n'uma superficie quadrada de 760 killometros, em todo o orbe terrestre, vivendo sobre si no isolamento dos mares. Certamente, os nossos olhos não estão perturbados por nenhum phenomeno d'optica.

Além divisa-se o hotel, abaixo, a pouca distancia, sobre a torre da egreja, e telhados vermelhos nas cercanias, em pequeno numero, indicam-nos a existencia dum agglomerado, que é o Santo da Serra, planando a 700 metros d'altitude acima do nivel do Atlantico por entre discretos renques d'eucalyptos. A alguns metros a levante abre-se o abysmo profundo d'uma ravina que até agora os espinheiros floridos escondiam em compacta barreira, e lá ao longe, aonde as pregas do baldaquino se apanham e começa o feerico recorte

das simuladas fortificações da Serra, prendem-se por um infinito lombo abaixo as ultimas casas da freguezia de Gaula, que nasce ás praias do mar do sul, se reune a meia encosta ao redor da Egreja, para acabar alli, em pleno escampado d'achada, no sopé dos montes.

No extremo leste quem subir a qualquer cabeço verá as ravinas revestidas de mattas de pinheiraes; e em pleno planalto bôas clareiras se encontram em que a lenha em achas aos molhos ou aos montes, e os farellos de serradura aos monticulos jazem pelo chão em destroços de batalha accomettida por rachadores ou serradores de madeiras.

Toda a aba da vertente desde Santa Cruz é abundante de cannaviaes, batata doce, trigo e pequenas culturas d'utilidade domestica; não ha por alli, porém, grande azafama agricola, e só com raras excepções afasta-se com uma foucinha na mão uma rapariga de lenço e saia vermelhos côr de sangue e camisolla branca, que segue a caminho das lides a passo despedido, saltitando os socalcos.

Pelo contrario, na belleza do planalto ao attingir-se o Poiso, no tapete verde-oiro metalico a cambiante que se desenrola para as montanhas, a aridez é manifesta, pela vegetação que reveste o solo eriçado de urzes, uveiras, baixos loureiros, azevinhos e folhados mesclados de flores amarellas dos espinheiros, sem outra variante. É mesmo desoladora essa vasta extensão de terra, que poderia dar pasto a gados e que apenas acolhe pequenos rebanhos para os lados da vertente sul, de pinheiraes d'arvores de baixo porte que tendem a estender-se para a planicie, mas que parecem soffrer

uma expectativa conscienciosa da iniciativa industrial dos proprietarios agricolas da região.

A ideia do bardo dos tempos antigos parece indicar-se para a creação de gados no planalto do Santo da Serra, e se o progresso agricola da Madeira, que na ultima metade do seculo passado se manifestou com grande energia, tivesse diversamente tido a inversa da applicação industrial que de facto teve alli, o Santo Antonio da Serra estaria hoje a fornecer ás emprezas de lacticinios muito mais serviços do que realmente presta.

Os rebanhos de cabras e carneiros, que antes de 1840 nas tradicções coloniaes eram abandonados pelos baldios e logradouros publicos e vagueavam pelas immediações da Serra, á maneira que os arroteamentos e ás utilisações dos socalcos foram sendo feitos pelos cultivadores encorajados pelas construcções das levadas, tiveram a sua hora de perseguição. As sebes que limitavam essas pastagens naturaes baldias eram devassadas, os animaes assaltavam os socalcos ferteis e os prejuizos vinham attacar a economia dos agricultores e damnificar as propriedades. Os rebanhos começaram a ser disseminados e os gados foram recolhidos a estabulos ou creados em regimen domestico ao redor dos casaes, presos a estacas.

O Santo da Serra, como outros locaes, sobretudo para o nordeste, leste e norte nas propriedades dos Ornellas e Vasconcellos para Santa Anna, foram, com grande appoio da Camara Municipal e dos proprietarios, cultivados de pinheiraes.

Desde principios do seculo XVIII que a introducção do penisco para sementeira começára com o esgota-

mento das primeiras essencias florestaes, cortadas para satisfazer ás necessidades do consumo. O morgado Luiz d'Ornellas e Vasconcellos estendia as suas plantações de pinheiros, em meados do seculo, em 22 moios de matta (vara pequena); e o terreno baixo da zona que vae de 750 a 1.630 metros occupava uma grande parte de terra com matta, como ainda hoje occupa, de pinheiros que podiam, segundo sobre o assumpto escreveu largamente o agronomo Tierno em 1895, subir para a parte superior da zona, deixando a terra que tomavam para pastos artificiaes.

Os pinheiraes, plantados em cerca de um milhar d'hectares (13 mil alqueires madeirenses de vara pequena), subindo, deixariam, de cerca de 4.500 de facha utilisavel, 3.500 para creações de gados, excluindo o planalto do oeste do Paül da Serra, que por si só continha outro tanto de superficie utilisavel.

N'essa esperança o industrial Adolpho Burnay montou em 1895 no Santo da Serra uma lavoura, que não conseguiu amplear muito, mas que desenvolveu com grande prosperidade a industria dos lacticinios.

As achadas não foram arroteadas nem se crearam alli pastagens, mas Burnay conseguiu estabelecer por todo o planalto postos de desnatação e estabelecer contractos de compra de leites aos camponezes de Gaula, de Ribeira Grande e d'outros lugares dispersos que conservam os seus animaes estabulados. Hoje encontra-se no Santo a quinta experimental da Junta Geral, que trabalha n'essa orientação d'arroteamento e de plantações; e o hotel que pertence á proprietaria Turner da Quinta Pensão Esperança do Funchal possue um estabelecimento d'engorda d'aves, sob a direcção de

uma rapariga bretã, que pode trazer grandes vantagens pecuarias.

Se bem que no agglomerado estejam edificadas vivendas de varias famillias do Funchal, de Machico e de Santa Cruz, que alli vão passar a estação calmosa, e essas quintas se guarneçam de renques de varias arvores e abrigos de porte assaz elevado, ao redor da aldeia, o planalto continua a ser despido de arborisação e é açoitado pelos ventos.

Mas quão variadas teem sido as tentativas particulares e as movidas pelo Estado para tornarem o local habitavel e colonisavel! Mesmo as iniciativas particulares teem concorrido para isso.

O consul americano Howard March auxiliou com fortes donativos a construcção da egreja que actualmente existe e que foi sagrada em 23 d'Agosto de 1857, e os commerciantes inglezes de vinhos do Funchal estabeleceram por sociedade e em companhia uma casa em 1808, que veiu a chamar-se *Pilgrim's House* e que accolhia os *touristes* quo alli iam de passeio. Mas as iniciativas datam de uma epocha mais remota, da propria fundação da aldeia, que parece remontar ao seculo xvi, depois que um tal Gil de Carvalho, de Santa Cruz, que falleceu em 1541, tinha lá construido a ermida, que em 1612 ficou pelo Bispo Frei Lourenço de Tavora debaixo da Administração diocesana.

Um curato foi estabelecido em 1813; terrenos ao redor da egreja foram tomados d'aforamento para passal do parocho; e como existissem pequenos logarejos na vizinhança, como as Preces, a Ermida, a Magarça, a Madeira da Egreja, que pertenciam á freguezia de Machico; o Louro, Ameixieiras, João Ferino, Curral Velho,

Ribeiro de João Gonsalves e Madre d'Agua, á fréguezia de Santa Cruz; o Santo da Serra acabou por se constituir n'uma freguezia.

Já por alvará de 18 de Dezembro de 1768 tivera sido o agglomerado constituido n'uma aldeia que se chamou Aldeia da Rainha porque o governo de D. José I, tendo vindo em soccorro da crise que atravessava o Porto Santo, estabeleceu á custa do Estado os indigentes da Ilha vizinha em casaes proprios que mandou construir, em Santo Antonio da Serra. As despezas feitas n'essa occasião com os dinheiros dos cofres publicos andaram por 50 mil cruzados; mas ficaram depois inutilisadas, porque os nostalgicos portosantenses voltaram para as suas antigas moradias, não se achando lá nenhum por volta de 1783.

A freguezia conta hoje para cima de 2.100 habitantes, mas no agglomerado não se avistam 50 fogos por junto, e uma das curiosidades sociaes que encerra é a numerosa colonia protestante, que constituiu a sua egreja propria submettida ao rito inglez — historia que se prende intimamente com o exercicio do proselitismo exercido entre 1838 e 1846 pelo medico britannico Roberto Reid Kalley. Este escossez, que começou por exercer clinica gratuita no Funchal, onde captou geraes sympathias, acabou por se utilisar da clientela para propaganda religiosa, terminando por substituir esta por aquella. Teve que fugir para os Estados Unidos, protegido por amigos que conseguiram livral-o ao sitio, organisado por massas populares revoltadas, ao redor da sua casa de Valle Formoso do Funchal; mas o prejuizo para a boa harmonia e socego das familias madeirenses tinha já sido causado, convertendo enumeros

membros d'ellas a religião differente d'aquella que professavam.

No Santo da Serra e no logar da Ribeira Grande, descendo a ribeira d'esse nome que traz as aguas á foz atravez da villa de Machico, 2 egrejas sem apparencia de templos installadas em edificios communs, funcionam actualmente e a religião está dividida entre os habitantes.

É um interessante especimen d'aldeia da serra essa Ribeira Grande, incrustada na margem alcantilada da escavada ravina que pela sua altura e amanhos dos socalcos se assemelha a um valle. Como a Fajã das Gallinhas e Toco da Figueira do Curral das Freiras, perde-se lá no fundo das rochas por entre quarteis de centeio amanhados nos socalcos, mas não é tão sombria como ellas, situada n'um cotovello bem aberto, mais aberto do que o da Ribeira dos Soccorridos, aonde está a Fajã das Gallinhas, fazendo frente á ribeira, que corre direita a Machico em leito bem suavemente espraiado de pedregulhos.

Os seus casaes parecem contas de rosario na vicejante alegria de uma prospera região, que até nas aguas correntes da Ribeira colhe o agrião e planta o inhame, a uns bons 300 metros d'altitude.

Muito mais alto do que esta aldeia, assentando tambem no fundo e pela margem d'outra ravina banhada egualmente por ribeira, a caminho da Portella para a cumieira que domina o norte, o logar da Ermida ajouja-se tambem entre escarpados barrancos. Para se ir á vista da Portella passa-se por lá e subindo pela margem direita acima da grota forrada de vegetação, vae-se a pouco e pouco perdendo-a de vista nas voltas

do caminho até desapparecer por completo as ultimas casas e ficar apenas o magestoso fio conductor dos desaguos das encostas dos espigões da montanha, que avançam para esse lado do sueste.

Em cima assenta sobre o espinhaço d'um d'esses espigões a dorso mais subido e laminado, um atalho que liga o norte com o sul, correndo na direcção de Porto da Cruz. Ahi tem-se então a mais soberba vista que a paizagem da Madeira proporciona aos *touristes* que a vizitam.

O corte da rocha e da montanha, um dos baluartes extremos do agrupamento que do Santo se avistava pelas pregas do cortinado das achadas abaixo, é a prumo e cae logo sobre uma superficie que parece plana, mal distinguindo a vista, do alto, o accidentado do solo ravinoso; e tudo se mistura n'uma massa gretada que se estende do fundo do abysmo para o mar agitado e que vem orlar com a sua babugem branca pela quebrada das vagas nos calhaus e nos rochedos da costa, a Ilha n'uma franja d'espuma. Para a direita o Porto da Cruz está estrellando a terra para dentro de uma bahiasinha e os raios assentam bem, como bordados pelos cimos das nervuras das lombas, pendentes dos dois lados, nos casaes desordenados dispostos como na banda do sul da costa conhecida.

Fica-se porem assombrado, meditativo, hypnotisado ante a magestade sombria dos fundos d'esse monstruoso corte que se abre a nossos pés; e quando, para se desalterar o olhar e aliviar o pensamento, já fatigados de tanta variedade de recortes e de formas n'uma monotona egualdade d'assumpto, se espraia a vista para o mar, ao centro do panorama e como que

subindo d'elle n'uma ancia de nivelamento d'alturas, em massa aterradoramente escura, mais sombria ainda que o fundo em que assenta a sua base, eleva-se um enorme penedo, mais do que penedo, morro, monte ou pico rochoso, todo eriçado d'arestas, rachado por fendas, sulcado de frestas, bicado de pontas, arranhado de laminas, mutilado, ferido, recortado, que se chama a Penha d'Aguia, sob a aza do qual se acolhe n'uma recondita bahia a aldeia do Fayal, apertada tambem pelo Lombo do Costado.

O Lombo do Costado e, noutro plano acima, o Lombo do Palheiro, escondem da vista essa recatada Santa Anna, que só se pode ver das cercanias do Caldeirão Verde e que é o jardim agricola da Madeira e o sacrario das mais antigas tradicções dos usos e costumes dos habitantes. O Fayal apertado entre o Costado e a Penha d'Aguia são cabeças d'alfinetes espetadas na almofada da funda costa, agora varrida por um rijo vento tempestuoso, que açoita sobretudo a Serra, trazendo massas de nuvens esbranquiçadas em desaustinada correria, escurecendo o abysmo e accordando as cristas dos alcantis nos assobios que saem das camadas dos espinheiros floridos.

Os baixos da costa norte que se avistam da Portella são os alcançados tambem dos Lamaceiros situados no cotovello d'outro caminho que desce para o norte, desafogando mais o Fayal da garganta do Costado e da Penha, mas sem mais novidade além da ravina do Tem-te-não-caias que se abre a nossos pés para o oeste, levando a ribeira que nasce pouco acima nas quebradas do Pico do Luna.

Por estes sitios passa a levada do Furado, que nas-

cendo por detraz para o poente do pico e pegando ahi ao Ribeiro Frio com a levada do Juncal, vem serpenteando a varias alturas da aba norte atravessando por tunneis, engrossada de quando em quando pelas aguas das ribeiras, passa a poente do Santo da Serra, vindo á laia de collar á roda dos cumes dos montes lançar-se no sul para aquem do Valle Paraizo, perto da Choupana, ligar-se ás aguas dos braços das ribeiras que banham o Funchal.

As aguas da levada, no alto da Serra, pouca utilisação teem para os terrenos que atravessam, que são incultos e estereis, mas algumas casinholas se encontram perdidas na aridez do matto e construidas de proposito alli para se aproveitarem d'essas aguas na moagem dos grãos; e vêem-se então compridas calhas de madeira, ajustadas na extremidade baixa a tubos que trazem as aguas e as lançam sobre os cachotões d'uma roda que circula ao peso da sua queda e vae revolver o eixo e a engrenagem giratoria sobre a qual assenta a mó que tritura o grão.

São esses os unicos postos d'abrigo que o transeunte encontra n'essas perdidas serras do interior da Ilha da Madeira, para os lados de Santo Antonio da Serra e Encumeada.

V

O Passeio da Camacha

Em varios sitios do interior da Madeira existem casas proprias para abrigar viandantes. A casa modelo, chamada a casa dos romeiros, talvez fosse a casa do Monte, que existia já em fins do seculo XVIII; depois, os inglezes edificaram a «Pilgrim's House» de Santo Antonio da Serra, mais de caracter turistico, visando os interesses dos viajantes inglezes; e por occasião das intervenções do Estado nas grandes obras de viação e d'hydraulica, d'abertura d'estradas e de construcção de levadas, os engenheiros d'Obras Publicas fundaram habitações com o duplo fito de arrecadar instrumentos e acoitar operarios, as quaes, depois de executados os serviços de fomento agricola, continuaram a ser mantidas e conservadas em estado de poderem servir aos vizitantes da Madeira que se aventuram na morosa e accidentada viagem que é a do interior da Ilha.

Atravessa-se a Ilha de Norte a Sul pela estrada que liga o Funchal com Santa Anna — a terra conservadora dos habitos e costumes velhos e a agricola e a pictoresca por excellencia; depois de se dormir ahi vem-se

pernoitar á casa do Estado do Caldeirão Verde, em plena Serra, que é o posto avançado para a ascenção do Pico Ruivo, que se faz no dia seguinte, descendo de lá á aldeia do Livramento, dentro do Curral das Freiras.

Do Curral sobe-se para o Paül da Serra, em que se dorme na casa de que a Junta Agricola se serviu para os seus ensaios agricolas do Planalto, e do Paül alcança-se o Rabaçal das quedas d'agua e dos fetos, onde as grandes obras emprehendidas para a captação das aguas das levadas exigiram a edificação d'outra casa. Desce-se depois para a Calheta e d'ahi embarca-se para o Funchal. É este um dos itinerarios de viagem pelo interior da Madeira que leva seis dias e que para ser levado a effeito com commodidade precisa apetrechamento e aprovisionamento proprios e da utilisação d'essas casas d'abrigo construidas pelo Estado.

A casa dos romeiros do Monte foi fundada porem seculos depois das romarias a N.ª S.ª do Monte, essa Ermida que já reunia devotos antes de findar o seculo xv; e é talvez á memoria d'essas festas que se deve ir buscar sem duvida o nome de Curral dos Romeiros, ao antigo Curral do Concelho da Villa do Funchal, que com o Curral das Freiras, a poente da Senhora do Monte, degollam a leste e oeste o macisso central da cordilheira, aquelle, por assim dizer, que é origem da cadeia e se aguenta nos contrafortes dos espigões que descem sobre o extremo da cidade em Santa Maria Maior e por entre as ravinas que trazem as ribeiras do sul até ao Estreito, de Camara de Lobos. O Curral dos Romeiros, que se escava em forma de triangulo

irregular a fundo accidentado entre os lombos da Relva ao norte e João Gomes a oeste, appoia-se n'uma nervura que abre o leito á Ribeira dos Vinhaticos, que vem do cimo da Serra da Achada Grande e se apega ao lombo do outro lado, chamado o da Choupana.

A Choupana está a meia encosta da ingreme ladeira do caminho do Meio, que liga Santa Anna com a capital da Madeira.

Essa estrada, no caminho do Meio e na descida para o norte, é das mais ingremes da Ilha, e rasgou-a para as suas propriedades cultivadas de mattas, por volta de 1850, o morgado Ornellas, «O Foguete», que assim se chamou pela sua inclinação de 23 graus e que ficou a generalisar o nome aos arrebentões da Madeira.

A Choupana é por assim dizer, n'essa estrada, uma posta de vehiculos! Ahi se tomam os cestos para se descer ao Funchal e se deixam as redes que transportam os amadores d'esta forma de locomoção que veem do norte ou da Camacha por Valle Paraizo, ou do Monte pelo Curral dos Romeiros. N'uma situação mais baixa do que a da Senhora do Monte era o local mais accessivel de que, do Funchal, se attingia ainda ha uns 75 annos esse ambiente de serra onde a flora se despe dos seus matizes exoticos e se aparata com as suas vestes naturaes dos verdes glaucos da sua espontanea vegetação: hoje porem a industria florestal intervem poderosamente para a modificação sensivel que a região apresenta e que, se se perdeu por um lado quanto a aspecto natural e conservação archeologica da natureza, ganhou por outro certamente para o que diz respeito a exuberancia vegetativa, decoração panorannica, riqueza agricola e encanto bucolico.

Duas habitações proprias á muda dos serviços de locomoção — duas bem providas tabernas com um outro edificio desoccupado que serviu a moinho d'agua — constituem essa posta da Choupana, dividida pelo caminho do Meio, marginado a nascente por mattas do Visconde de Cacongo e a poente pela Ravina que no inverno engrossa com as suas aguas as da Ribeira de João Gomes.

Os retoques do pincel espontaneos da natureza que outr'ora matisaram este local, foram substituidos pelas decorações dos artistas da industria: a ravina reveste-se de densas copas d'ácacias floridas, acima das quaes sobem as filigranas dos ramos de frondosos carvalhos, que mancham do luzimento doirado das suas folhas, ainda lá em baixo, o espesso guarnecimento da profunda cova. Incensos guarnecem as partes altas das suas bordas, onde dois *chaletzinhos* de verão se encarrapitam em comoros sobre o espigão que forma uma das grandes paredes do Curral.

O sitio é isolado mas o solo offerece qualquer coisa de acommodador, de convidativo, sentindo-se a mão da Junta Agricola semeando e dispersando exemplares escolhidos dos seus jardins experimentaes, que agora mostram ridentes e decorados os outr'ora ermos e vetustos terrenos, entregues e abandonados ás transmutações da sua limitada flora.

As mattas extensas e espessas d'eucalyptos e pinheiros do Visconde de Cacongo marginam a leste a estrada do Meio e a levada da Serra, cujas aguas veem do sopé do Pico da Serra na vertente norte, passam pelos Lamaceiros, ladeiam a encosta leste da cordilheira do Santo da Serra e veem a 3 quartos d'altura na aba

sul da cordilheira, atravessando a Camacha, quasi juntarem-se ás levadas que banham o Funchal.

São 40 killometros de calhas de bôa alvenaria, das quaes se retira agua para extensas culturas de trigo, de vinha e de canna d'assucar nos terrenos cultivados pela encosta situados abaixo do aqueducto.

A matta é extensa e percorre-se bem meia hora de caminho sob as sombras do arvoredo aromatisado a effluvios d'eucalypto e de pinho, pisando-se a terra humida, até á encosta do Pico do Infante dominando as ravinas. D'ahi vê-se o Funchal lá muito no fundo, como anichado n'uma enorme concavidade abobadada, aberta ao alto, aguardando os seus cimos a archivolta recortada na Serra. A nevoa cobre-o, pairando por cima, n'uma immobilidade protectora, propria da primavera, tão tenue e diaphana como gazes tafues dos paramentos festivos proprios da estação; atravez, a casaria em esmalte destaca-se em massa confusa, como mosaico bysantino, desenhando a cidade, e n'esse fundo de abside invertida, guarnecida de verde, uma mysteriosa estrella ao acaso scintila as reverberações dos raios solares, que incidem sobre uma claraboia d'edificio ou galeria envidraçada d'*atelier*, luminosos como chamas de magnesio queimando de fogo branco a cidade em todas as direcções.

Atravessada a matta e contornado o Pico do Infante chega-se adeante a outro bosque plantado d'essencias varias em estylo de quinta d'acclimação, agrupando enumeras especies exoticas, n'um vasto predio que dá o nome ao cabeço e valle que reveste—Valle Paraizo; e para dentro, ao redor d'um jardim d'alegretes, por entre sébes d'arbustos, de pergolas floridas cobrindo alame-

das, eleva-se a casa de campo dos Viscondes d'esse titulo.

A ravina limita o predio e divide-o das proprieda-des Rocha Machado deitando para a outra encosta, e ao descel-a a vista vae-se espraiando sobre os dois altares cultivados de centeio e de trigo pelos degraus acima da armação pedregosa; em breve as casitas brancas vão resaltar no ondulado verde e de quando em quando quarteis de tapetes de giestas em flor es-tendem-se por entre clareiras abandonadas de plantio de pinheiral; lá muito em baixo o sól espelha-se nas aguas tranquillas do grande reservatorio d'irrigação da quinta do Palheiro; e na estrada serpenteante, assei-xada, transitam homens e mulheres carregando altas medas de cadeirado de vimes ás costas na direcção da cidade. A visinhança da Camacha — esse centro indus-trial da obra vimeira — confirma-se á vista dos muros altos que bordam o caminho do lado da montanha, pelos edificios que povoam um momclão que se levanta de dentro da raviha e que são os ultimos casaes do termo do Canniço; e pelos rododhendros floridos que sobrepujam agora os muros ou que guarnecem as fren-tes dos quintaes das casas dispostos em renque annun-ciando a entrada da aldeia.

A Camacha despega-se pela encosta abaixo, dei-xando a Achada n'um planalto abeirar-se dos abysmos que se rasgam para o Porto Novo. A Achada é uma especie de baldio á ingleza, arrelvado, que serve brita-nicamente de *foot ball field,* e onde se eleva uma pe-quena torre de rellogio a mostradores azues, que de meia em meia hora bate sons bronzeos em harmonioso sino, dadiva do Dr. Grabham — um inglez como tantos

outros residentes no Funchal, que teem na Camacha suas estancias veranis, como as famillias portuguezas. Uma pequena ermida em construcção santifica o baldio e arreligiosa as duas gollas que se abrem de cada lado do esporão do plano que avança pela ribeira abaixo para Porto Novo, no extremo do dorso do qual os habitantes do sul da freguezia construiram as ultimas moradas.

N'uma sella da cumieira da margem direita da ravina do Porto Novo vêem-se casaes do Canniço; sobre a margem esquerda, pelas pregas acima das achadas, em renque muito cortado, interrompido e quebrado, alinham-se casaes da freguezia de Gaula, que das bordas do Oceano até acima de Santo Antonio da Serra, em plena serra, vão-se alongando pelo espinhaço das lombas. Para esse lado, mais longe, divisa-se a orla cerrada de pinheiraes dos altos das vertentes da ribeira de Bôa Ventura; e mais se avistaria para os lados do Santo da Serra se não fossem ellas altas, muito elevadas e se achar assaz baixo o baldio, se bem que esteja a 700 metros acima do nivel do oceano; mas descendo a vista para o mar, como extremo da terra vê-se, em forma de fouce ceifando o Atlantico, vertendo espuma, a ponta de S. Lourenço, sahindo do plano mais proximo de Bôa Ventura e apontando as Desertas, cobertas por uma campanula opalina que desce até á superficie do mar.

Os pinhos silvestres cobrem a grande parte da superficie da terra, e por entre as mattinhas novas, plantadas muito bastas, alguns retalhos de arvores de 20 a 30 annos estendem as suas pernadas pyramidaes á mistura com as copas guardasolescas dos pinheiros mansos.

Atravez das mattas, raparigas e rapazes apanham gravetos, camponezes cruzam-se carregados de mólhos de ramada aos hombros; medas d'achas juntam-se cerca das sébes ou nas clareiras; e a industria florestal apparece na região como constituindo um dos principaes productores da riqueza local que vive do grangeio quintaleiro, do retalho do socalco, cultivado ao redor da habitação.

Mesmo o vime, que contribue para o principal ramo industrial da população, que é a obra de verga, poucos são os renques que se estendem ao longo das grotas humidas por onde se passa no caminho do Palheiro; no entanto não são só os carregadores do mobiliario que se encontram, trazendo ás 8 e ás 10 peças de cada vez, empilhadas umas sobre as outras, ás costas, a caminho da cidade, que nos annunciam a actividade manufactureira da freguezia; são as officinas abertas, dentro das quaes alguns operarios trabalham por entre taboas e vimes.

Creio que a primeira casa que se topa na guarda avançada da aldeia, isolada, é uma tenda de vimeiro, pobre, terrea, desguarnecida de modellos artisticos, de conforto, de commodidade, de luz mesmo; a obra é grossa e não exige applicação nem claridade; a um lado trabalham os serradores e os recortadores de madeira preparando as bases do revestimento de assentos, braços, costas de moveis, que vão receber coberturas; do outro, aprendizes e auxiliares mergulham e humedecem as varas na agua, já descascadas em liquido, ou cortam-nas e aparam-nas, separando-as dos mólhos que jazem no chão a seu lado. Os revestidores entrelaçam, empalmam, engregam, cruzam as varas ou as

fitas em dedilhação rapida e certeira; e voltando e revoltando o objecto tosco acabam por lhe dar a forma definitiva de cesto, de cadeira ou de costureira, completando-o, no estylo adaptado ao uso proprio.

A entrada do vizitante não incommoda os obreiros, acostumados já á curiosidade do transeunte, e respondem ás perguntas, conversam e attendem aos pequeninos que, vestidos de camisolas brancas, de caras sujas, trincando algum biscoito ou pedaço de pão, aproximam-se dos paes e da obra como se alli encontrassem um brinquedo predilecto.

E como esta casa, encontram-se muitas outras distribuidas pela Camacha, aonde a arte se creou ha pouco mais d'um seculo e se fundou a industria por volta de 1850.

Hoje a producção de varas na Madeira anda por cerca de 800 toneladas exportaveis, excluindo a porção applicada em amarra de cepas e outras utilisações domesticas, metade das quaes pouco mais ou menos saem em obra e metade em bruto para as Canarias, para o Cabo da Bôa Esperança e Inglaterra, sendo a Inglaterra e o mercado de Lisbôa os principaes importadores do mobiliario e dos cestos.

VI

A Quinta do Palheiro e o Jardim da Serra

Descendo da Camacha para os lados da Estrada Nova de Machico, na altura do Cabo Garajao, encontra-se a Cancella que dá entrada para os relvados de creação da Quinta do Palheiro do Ferreiro, que é hoje propriedade do Snr. João Ernesto Blandy.

Ao redor de um enorme reservatorio cheio d'agua, acimentado, que serve para as irrigações da propriedade, plantada, ajardinada, edificada em declive, pastam alguns carneiros, d'aspecto meio serrano meio *south down* e *devon* inglez.

A Quinta do Palheiro, outr'ora dominio da casa Carvalhal, tem a sua historia ligada um pouco á industria pecuaria da Ilha, e esses carneiros de lã ainda comprida e que esperam a tosquia de Junho, gordos, de cabeça baixa, a arrancarem o azevem do prado, aos grupos, uns malhados de preto, mas na maioria brancos, mouchos e de focinhos mascarrados, esses animaes representam uma tradição no Palheiro.

Ha 30 annos, quando o dominio foi trespassado á familia Blandy, eram os gados do Palheiro aquelles que produziam as melhores lãs e que mantinham ainda

a tecelagem apurada dos estofos manufacturados nos teares caseiros; mas com a protecção á agricultura e as preoccupações d'arborisação, os gados manadios ovelhum e cabrum extinguiram-se para dar logar ás creações por estabulamento e o commercio por grosso das lãs derivou da tecelagem para a industria caseira dos acolchoamentos e n'essa occasião os gados do Palheiro tornaram-se gados d'apuramento.

A região que vem da Choupana por Valle Paraizo á Camacha, entre o caminho do Meio e a estrada dos Pinheirinhos, que desce da Camacha para o Palheiro, e que se acha plantada de abundantes tractos de matta, esta região era comprehendida no antigo Bardo, em parte logradouro commum, e n'elle pastavam os gados manadios, que os proprietarios lançavam para lá marcados e ferrados, e que viviam sob os olhos dos pastores inteiramente no estado selvagem. No Poiso a Santo Antonio da Serra, dirigindo-me para o Charco, supposto ser uma extincta cratera de vulcão, vi uns exemplares d'esses animaes selvagens — uma porca rodeada de bacoros, que pastava e que apresentava as caracteristicas d'animal serrano, com a espinha dorsal acorcundada, os pellos hirsutos e cerdosos, um grunhir desvairado.

Os Ornellas, proprietarios da região e de terras que se estendiam para Santa Anna na costa do Norte, começaram logo no primeiro quarteiro do seculo as culturas dos pinheiraes para lá, assim como na Camacha e para os lados de Valle Paraizo e Choupana, para onde se estendiam os terrenos que Luiz d'Ornellas e Vasconcellos acabou de cobrir de arvoredo n'uma extensão de cerca de 22 moios de superficie.

Pouco mais ou menos por essa epocha, o primeiro Conde de Carvalhal, João José Xavier de Carvalho Esmeraldo Vasconcellos d'Athouguia Bettencourt Sá Machado, senhor então de um terço da Ilha, arrendado e aforado a cerca de 800 pessôas, e de uma das mais ricas casas morgadias de Portugal, rendendo em 1825, com os juros dos capitaes depositados em bancos inglezes, cerca de 120 contos de réis annuaes, fundou os alicerces do Palheiro do Ferreiro, que se destinou primeiro a tapada de caça, sendo n'ella construido um pavilhão de reunião em pleno bosque de abetos e carvalhos, plantados ao lado das naturaes essencias existentes dos loureiros, e que em 1826 estava recortada por numerosas alamedas e ajardinada ao redor do edificio com alegretes d'arbustos, canteiros de flores e renques de camelias, que faziam já a admiração e o encanto do estrangeiro que vizitava a propriedade.

Mais tarde, em 1828, obrigado o Conde a emigrar pela occupação da Ilha pelas tropas miguelistas e permanecendo na Inglaterra até ao estabelecimento do Constitucionalismo em 1834, transformada a tapada em vasto horto botanico com quintas, pomares e jardim, ampleou as construcções, adaptando arribanas e annexando amplas dependencias ao antigo *chalet*, onde morreu em 11 de Novembro de 1837, já existindo a capella em que foram sepultados os seus despojos mortaes: e n'essas disposições do Palheiro de 1837, mais ou menos, encontra-se agora a propriedade, conservada e mantida pela familia Blandy, que n'ella faz residencia de verão, situada nas encostas d'um cabeço de 630 metros d'altura e que é, com o Jardim da Serra para o outro lado do Funchal, no concelho de Camara

de Lobos, na vizinhança da cumieira do Curral, um dos documentos interessantes d'esse periodo scientifico do fim do seculo XVIII, em que as collecções foram postas ao serviço da instrucção popular, reunidas em bibliothecas, em museus, em hortos botanicos e jardins experimentaes. Para auxiliar n'esta ordem de ideias os serviços a prestar pelo Horto d'Ajuda, o botanico Domingos Vandelli poz-se em communicação com o capitão general Diogo Forjaz Coutinho para este estabelecer aqui na Madeira uma quinta viveiro d'acclimação, destinada á reproducção das especies exoticas. O clima do Funchal e da Madeira era excepcional para esse fim, offerecendo uma zona humida entre 800 e 1.000 metros d'altitude na aba sul e 700 a 800 metros na vertente norte, coberta de nevoeiros; uma outra que sobe a 2 mil e onde não são raras as neves no inverno; e a zona quente, que desce até aos alcantis do mar. As arvores da flora tropical achavam aqui condições favoraveis athmospherica, germinando entre tufos de pedra molle aquecidos pelos raios solares durante as horas do dia e emanando o calor retido e conservado pelas materias porosas e friaveis do solo secco e bom concentrador de calorias; as plantas das regiões mais frias recebiam as saraivadas do outomno e da primavera, ou as geleiras do inverno; os vegetaes dos climas temperados adaptavam-se sem difficuldade á temperatura propria da terra costeira da Madeira, que é em media nos mezes frios de 15,24 graus, na primavera de 16,30 graus, no verão de 20,71 graus e no outomno de 19,64 graus.

Em 1799, como o governador tivesse fallecido, foi o Dr. José Maria d'Affonseca, que se occupou da via-

ção e do fomento pelo interior da Ilha, encarregado d'escolher locaes proprios para estabelecer os viveiros experimentaes, que occuparam terrenos na Lombada da freguezia do Monte destinados á flora septentrional, ficando os da flora meridional para ser escolhidos por tentativas onde melhor conviesse ao director das experiencias.

N'um relatorio por elle dirigido ao Ministerio da Marinha em 10 de Agosto de 1823 se diz que 20 mil arvores tinham sahido dos viveiros do Monte para varios pontos da Ilha da Madeira e do Porto Santo, o que dá uma ideia da influencia que tiveram os viveiros na decoração florestal e florida d'esta encantadora Ilha; e que hoje mesmo em plena serra se verificam não só nos eucalyptos, nas acacias, nos carvalhos e nos pinheiros que cobrem os mattos e revestem as ravinas, como nas fuchsias que crescem sobre os muros e sobre as sébes, nos pelargonios arroxados ou avermelhados que se vêem em macissos, nas violetas que se intermedeiam pelas grotas com os aiorangueiros, e nas margaridas, malmequeres e papoulas que nascem nos campos.

As mattas estendidas n'essa facha da aba do sul da cordilheira e que do monte correm até á Camacha e sobem até ao Santo da Serra, são bem um documento do movimento florestal dos principios do seculo XIX, tão genuino como o Palheiro, situado na orla baixa d'essa zona d'arborisação, que acolheu uma variedade grande de plantas, entre as quaes aquellas que se desenvolvem mal nos jardins do Funchal, como as camellias, os rhododendros arboreos, os loiros-cerejos, as carochas ou magnolias, as groselheiras, as betulas, os lilazes.

Os jardins da vivenda, que se estendem para os

dois lados e para detraz do palacete e dos tanques-aquarios construidos pelo fundador, estão profusamente plantados no coração do predio e correm ao longo de veredas cobertas de rosas marginaes, de bucheiros tosquiados em bordadura baixa, formando nos angulos e nos extremos caprichosos modellos d'aves ou balaustres: para dentro os canteiros juncados d'arvores, arbustos e plantas herbaceas cobrem-se de flores que desabrocham exhalando subtis e delicados perfumes que aromatisam o ambiente; para traz dos ultimos alegretes floridos e da arborisação, que é rala, começa a matta, por entre a qual desce a grota do Inferno, onde os fetos arboreos e negros se ellevam a 12 e 15 metros d'altura sob a copada de carvalhos, castanheiros e outras arvores a porte elevado n'um ambiente humido e a ingreme declive; emfim, na parte mais alta da quinta crescem as gramineas, e os carneiros aos bandos pastam á solta.

Sem ter entrado nos edificios nem nas dependencias, nem tampouco ter visto as cavallariças ou a granja, que constituem as outras curiosidades da Quinta do Palheiro, vi o sufficiente para avaliar da fecundidade da flora de jardim acima de 600 metros, que no Jardim da Serra, acima do Estreito de Camara de Lobos, hoje pouco se avalia da influencia que teve na horticultura da Madeira. Situado a 750 metros, a mais de 120 acima da altitude do Palheiro, o Jardim da Serra estende-se ao longo da vertente leste do espigão que avança pela ravina do Vigario e divide a Ribeira d'este nome da do Jardim, que é sua affluente e que lhe passa á cancella em corrente assaz nutrida para conter a frescura no valle.

A casaria vermelha do antigo consul inglez corre ao longo de um terraço á frente de um bosquesinho, animando uma solidão que seria grandiosa e pittoresca, banhada pelas aguas da ribeira, se o nosso espirito com o habito adquirido não exigisse já a intervenção social na obra decorativa da natureza da Ilha. O muro amainelado debruçado sobre o leito das aguas correntes, a grande cancella de gradeamento de ferro que dá entrada para a propriedade hoje pertencente aos proprietarios do Bazar do Povo do Funchal, a ponte que conduz a essa cancella, de tosca madeira estafada pelo transito e carcomida pelo tempo; a prolongada alameda de carvalhos revestidos de tenros rebentos amarelados da nova folhagem da primavera, que continua a estender a quinta pela vertente fóra, coberta recentemente por mattas d'eucalyptos e pinheiros: toda essa cuidadosa vegetação e disposição do dominio nobilitado evoca-nos o papel e a influencia florestal e botanica que desempenhou o Jardim da Serra na Historia da Madeira, envolvendo-o n'uma especie d'estancia lendaria, em que o tumulo do seu fundador, levantado em modesto obelisco, é o padrão commemorativo da sua gloriosa fundação.

Henrique Veitch, que parece ter iniciado a sua carreira como agente dos negocios commerciaes do seu paiz no Funchal durante a segunda occupação pelas tropas britanicas de 1807 a 1814, edificou a casa e plantou as terras juntas, de variadissimas essencias, cultivando e ensaiando curiosidades horticolas, e d'essa iniciativa surgiu a acclimação do chá, do café, da canella e de muitas outras especies exoticas, que á mistura com arvores e plantas de flores povoaram aquelle sitio

ermo em que a urze, os loureiros e a uveira eram os unicos habitantes vegetaes com as hervas e os fetos.

A paisagem é pittoresca por toda a região até á cumieira que recorta a bacia magestosa do Curral das Freiras e descendo a Corrida, os primeiros colmos, dispostos por alli a cerca de 900 metros, exhalando fumo dos intersticios das palhas, mostram-se rodeados de ginjeiras e ameixieiras cobertas literalmente de flores brancas: e essa florescencia dos primeiros dias de primavera matisa o guarnecimento verde da encantadora ravina, onde fajãsinhas por um lado atapetam-se d'espinheiros amarellos e tufam os alcantilados diques de basalto que resaltam das barreiras da encosta abrupta do outro lado, como castellos em ruina. Aqui o arvoredo escasseia, mas a natureza ostenta as suas vestes floridas na mais pomposa e rica recamação, dando as proprias couves dos quintaes bellas paniculas ornadas das suas flores amarellas.

N'outra zona porem, n'essa zona baixa propria á flora do clima temperado, julga-se das propriedades germinativas d'este privilegiado solo e clima da Madeira, na quinta da Magnolia, cerca do Salto do Cavallo, ao Funchal, pertencente ao Dr. Whatney, onde crescem em franca promiscuidade plantas de varias zonas climatericas do globo, misturando-se as coniferas com differentes sortes de bambusas, multiplas qualidades de cactus e enumeras especies de palmeiras, em profusão deslumbrante.

Esta quinta, como o Palheiro, a quinta de Santa Luzia, a do Deão e outros jardins do Funchal e dos arredores, constituem graciosos e artisticos arranjos

horticolas especiaes á terra inclinada e ao solo gretado da Madeira e por isso são d'uma originalidade encantadora: as aleas cortam transversalmente a propriedade ou na sua obliqua como na quinta da Magnolia, ou como no Palheiro que foram plantados sobre um cabeço elevado; e no primeiro a jardinagem desce as ravinas que cortam o terreno a norte e a leste trazendo os ribeiros que alli se juntam, para trepar novamente pelos dois barrancos oppostos dos lombos que se quedam sobranceiros.

Essas aleas asseixadas são intermeadas por compridos rectangulos de canteiros, nivelados umas vezes, inclinados n'outras em disposição de degraus, tal qual como os socalcos no campo; as estufas — que são dependencias indispensaveis, como os estufins e os caramanchões, á adaptação das especies — acham-se dispostas ou em exposição ao sol ou armando qualquer elevação do solo ou balconete de muro: e sobre as paredes, trepando no interior ou caindo já para a rua, as glycineas, as begonias, as bouganvilias, as senecias se o muro é baixo, como mostruario ou reclamo, indicam um interior ajardinado e plantado d'onde se elevam as copas altas das arvores que atiram pujantes copadas para o ceo e reverdecem o ambiente.

Mas esse recamo não é exclusivo da quinta e qualquer jardim de *chalet* ou quintal de casa de campo, de solar antigo ou de moradia avarandada dos arredores do Funchal, toda a vivenda em summa, é rodeada de flores, coberta de plantas, assombreada por arvores; e a polychromia luxuriante que apresentam em qualquer estação do anno os matizes das flores e das folhagens

intensificam-se constantemente no panoramma da Madeira, porque a mutação florifera é continuada, seguindo-se ás bouganvilias e aos geranios as senecias e as viburnas e as glycineas, a estas os jasmins e os jacarandás, depois as rosas e as madresilvas, etc.

PARTE IV

A MADEIRA SOCIAL

I

Os Inglezes

No artigo consagrado ao turismo ficará bem frisada a influencia ingleza que entra no movimento internacional de passageiros que durante a semana desembarcam dos transatlanticos e se alojam nos hoteis do Funchal para passarem uns dias, uma temporada ou a estação na capital da Madeira. Assente que mais de 60 p. cento d'esses viajantes e 98 p. cento dos que estacionam nos hoteis são inglezes, temos os inglezes, com as suas carreiras de navegação regular para a America e para a Africa, a predominarem entre os estrangeiros que pelas estatisticas de transito transoceanico passam na Madeira.

Mas os inglezes tiveram desde remotas eras uma predilecção por esta encantadora Ilha, que lhes advinha talvez da famosa lenda de Machin e d'Anna d'Arfet ou Dorset. Parece que estes dois namorados do seculo XIV teriam fugido a bordo de um navio á perseguição da familia da noiva e que das costas da Mancha uma tempestade os tivera trazido até á Ponta de S. Lourenço, fallecendo ambos dramaticamente no sitio aonde mais tarde se fundou a villa de Machico. O piloto

teria seguido com o navio sobre as costas do Continente Africano e lá communicado o acontecimento a maritimos hespanhoes que depois o tornaram conhecido dos navegadores portuguezes.

Essa lenda, que disperta a immaginação das lendas do paiz de Galles em que se falla já das ilhas pelo Atlantico em que Brandão estivera nas suas viagens maravilhosas, acariciava um pouco a phantasia anglo-saxonica; e a prioridade ingleza sobre a descoberta da Madeira por Machin, contada por Fructuoso na sua Chronica das Ilhas, acabaria na tradicção oral — porque o manuscripto quedou-se inedito — por arreigar nos sentimentos inglezes, á primeira opportunidade, a predilecção que elles dispensariam no futuro por esta terra, que por outra casualidade da politica colonial ingleza ficaria nas vias maritimas de duas importantes possessões ultramarinas, entre ellas e a Metropole. A occasião surgiu com os esponsaes de Catharina de Bragança e de Carlos II, negociados no hinverno de 1660.

Pelo tratado de 1661, em que do lado da Inglaterra se offerecia um appoio seguro nos mares, e sobre terra o auxilio com forças de terra e mar para garantia da defeza nacional contra os hespanhoes e os hollandezes que ameaçavam os territorios nacionaes na Metropole e nas Colonias; tratado em que D. Catharina, na qualidade de soberana da Grande Bretanha, receberia annualmente a pensão de 30 mil libras esterlinas; Portugal, por sua parte, compromettia-se a ceder Tanger e Bombaim, a dotar a princeza com quatro milhões de cruzados e a incluir possivelmente a Ilha da Madeira em virtude da doação de 1 de Novembro de 1656, feita

por D. João IV, enfermo da molestia que o mataria 5 dias depois, á filha, da Senhoria da Ilha com as rendas que antes pertenciam á corôa, provenientes das contribuições e impostos. N'esse sentido D. Luiza de Gusmão, na menoridade de D. Affonso VI, em 1660, ainda assignou, a 18 de Novembro, uma carta dirigida ao Senado do Funchal e outras aos dos Concelhos, que foram trazidas pelo Governador Diogo de Mendonça Furtado em Dezembro seguinte; pelas quaes era manifestada a vontade regia para quando fosse tempo opportuno entrar a Infanta na soberania da Ilha, nas condicções prescriptas, usufruindo as rendas n'ella arrecadadas.

Não tendo sido incluida essa doação no contracto de casamento, a Madeira não figurou nas obrigações do Tratado: mas não só em Portugal se receiava quebrar-se os foros de «realenga para sempre» concedidos á Ilha por El-Rei D. Manoel, como se esperava que o governo inglez viesse um dia a reivindicar os direitos que deveriam advir á sua Rainha pelas disposições do pae defunto.

Tal não succedeu, porque não havia razões nem obrigações estipuladas para que tal succedesse; mas em Portugal D. Francisco Manoel de Mello, o fidalgo publicista e chronista, nas suas *Epanaphoras* reviveu a lenda de Machin e de Anna Darfet ou Dorset, publicadas n'esse mesmo anno de 1660, extrahindo a aventurosa historia do descobrimento da chronica de Fructuoso, que vigariava N.ª S.ª da Estrella da Ribeira Grande da Ilha de S. Miguel, em cuja freguezia possuia o fidalgo escriptor grande parte da sua casa, vinculada no Morgado da Ribeirinha. A lenda seria então igno-

rada da grande massa da população do reino e quasi esquecida entre os lettrados, porque a chronica de Fructuoso nunca fora impressa e só alguns manuscriptos andavam por entre os livros de algumas bibliothecas de casas nobres.

A lenda assim vulgarisada na *Epanaphora* tinha certamente o intuito de preparar a opinião publica e fazel-a acceitar qualquer intervenção ou fiscalisação que porventura se viessem a dar pelas auctoridades inglezas na Ilha, mostrando ao mesmo tempo que advinham de facto aos nossos alliados inglezes certos direitos e mesmo uma prioridade no descobrimento do territorio que se achava depois de 1660 sugeito a uma reivindicação e possivelmente a uma alienação.

Desde essa epocha, ou fosse na esperança de auxiliar o governo na aquisição da Ilha ou fosse simplesmente com intuitos commerciaes, os inglezes começaram a estudar a industria da Madeira, sobretudo a do vinho, que era de facto já velha mercadoria d'importação nas praças e portos da Inglaterra, e fixaram-se no Funchal. O terreno estava bem preparado desde o periodo republicano de Cromwell pelo tratado concluido entre os dois paizes em 1654, que garantia tambem a entrada das mercadorias inglezas em Portugal sob um regimen de preferencia, sugeitas a uma taxa minima de direitos; quatro annos depois o governo inglez creava o consulado do Funchal, que veiu a ser occupado por John Cater, e em 1660 o governo da regencia isemptava de direitos os inglezes estabelecidos em Portugal que exportassem vinhos, os quaes até então soffriam a taxa de 400 réis por pipa pela lei de 1646.

Nos 20 annos que se seguem as casas commerciaes

extrangeiras que exploram o commercio dos vinhos são cerca de vinte, isto é, trez vezes o numero das casas portuguezas, e o commercio nos principios do seculo seguinte sobe gradualmente até atingir o maximo conhecido na historia da Ilha, de vinte mil pipas. Os inglezes á sua parte constituiam dez firmas e exportavam o vinho para Inglaterra contra mercadorias; do vinho inferior distillava-se agua-ardente, e essa agua-ardente, que não era utilisada no fabrico do vinho, era trocada nas costas d'Africa e do Brazil por oiro e escravos.

O intercambio commercial entre a Madeira e a Inglaterra era fortemente reforçado pela occupação da Jamaica por esta durante o governo de Cromwell pelos navios da Republica em Maio de 1655. Assim as tremulas tentativas inglezas para o desenvolvimento da colonisação nas suas possessões da America Central, aonde mal ainda sahiam dos arvoredos virgens de Barbados os productos das culturas feitas pelos colonos dos mercadores de Londres sob o governo de Charles Watferston, iam consolidar os pequenos nucleos de população que se tinham estabelecido na visinhança de Berbice e Surinam na Guyanna Hollandeza por volta de 1630, e as Antilhas com o reconhecimento da soberania ingleza pelo tratado de Madrid de 1670.

Com as preoccupações de colonisação e progresso colonial na America Central, as communicações que os inglezes estabelecem com as suas possessões concorrem para desenvolver o commercio inglez no Funchal, porto agora d'escala quasi forçada no caminho d'esses dominios e que se torna para as auctoridades coloniaes que ahi param e que vão no desempenho de missões ou

investidas de cargos, objecto d'observações especiaes tendentes a expandir o commercio ou a industria da Inglaterra.

Alem d'essas auctoridades, viajantes ou homens de sciencia que vão estudar as Antilhas ou as Indias de oeste, ou que se dirigem mesmo para Oriente, ao passarem pela Madeira observam a Ilha, estudam-lhe a sua flora, a sua fauna, os recursos economicos e o estado da sociedade, e fazem nos livros que publicam sobre as viagens realisadas larga propaganda da Ilha: Christopher Jenfferson n'um livro diz que a Ilha produz 25 mil pipas de vinho e elle proprio leva para St. Kitts alguns cascos embarcados comsigo; o capellão de S. M.de Britannica J. Ovington, em viagem para Suratt a caminho do Oriente, em 1689, dá informações, n'outras relações de viagem, da ilha, onde permanece alguns dias, e em especial sobre os seus compatriotas estabelecidos no Funchal em 12 casas commerciaes, que vivem nas suas quintas plantadas de larangeiras e de limoeiros, á sombra dos quaes se refrescam, nas horas de calor, bebendo *sucket* (limonadas). A França tinha importado 3 navios pequenos d'esses fructos no anno anterior; o assucar era todo consumido na Ilha, satisfazendo apenas o seu fabrico as necessidades locaes; os trigos eram importados dos Açôres; os Jesuitas possuiam as propriedades do Estreito e Camara de Lobos e detinham o monopolio da producção do Malvasia; as bananas eram extraordinariamente apreciadas pelos insulares. Raras eram as casas que envidraçavam as janellas e geralmente eram os ralos e as gelosias que as guarneciam; os tectos eram chatos e ao redor da cidade as collinas estavam cobertas de latadas de vi-

nhedos. A população affectava um ar sombrio, vestida toda de preto e armada d'espada, que pendia ao longo da perna esquerda mesmo dos creados quando serviam á meza.

Em principios do seculo XVIII é a obra sobre a Jamaica de Hans Sloane que falla da Madeira, aonde passára em Outubro de 1686; o livro é consagrado á historia natural das Antilhas, mas a natureza do livro não contraria, antes pelo contrario exige chronica e elle aborda as questões sociaes e politicas das ilhas que vizita. Na Madeira, de passagem, nota a excessiva vida caseira das mulheres, o uso dos negros e escravos ao serviço, a curiosidade dos vehiculos montados sobre prancha ou madeiro deslisante, puchado por bois, unica tracção possivel em estradas estreitas e rochosas e caminhos tão inclinados como são os da Ilha; descreve a gente vestida de gibões e capas pretas, armada d'espada a grandes guardas, de navalha aguçada na algibeira sempre na ameaça de qualquer agressão de rua, aonde invariavelmente se não vê alma depois do anoitecer.

Um chefe d'expedição, Peterson, em 1689 refere-se ao processo d'escambo no negocio dos vinhos por trajos agaloados que a gente da sua tripulação cede por cascos ou barris; e Atkins em 1720 troca 2 pipas por cabelleiras, fatos e outros artigos, confirmando assim tambem o que se sabe sobre transacções commerciaes d'essa epocha entre inglezes e portuguezes. Mas não sejam esses escambos motivo d'engano, fazendo suppor que a escassez das mercadorias d'importação ou que a abundancia do producto agricola insular no mercado do Funchal eram por qualquer forma

a causa d'esse processo mercantil: longe disso! e José Soares da Silva, o historiador do reinado de D. João I, refere-se a uma exportação de 20 mil pipas annuaes, que poderia ter sido a media da sahida do vinho por essa epocha; mas o commercio nos trez ultimos quarteiros do seculo xviii baixou, e mantem-se mais baixo até ao periodo das guerras napoleonicas, depois de 1798.

Data então d'essa epocha não só um grande desenvolvimento e progresso no commercio inglez dos vinhos como uma remodelação na industria vinicola.

Durante as guerras da Republica no Russilhão, de 1793 a 1795, os francezes aprizionaram cerca de 200 navios de commercio portuguezes, num valor de 10 mil contos, e a crise não pára por aqui, soffrendo novo revez quando se restabelecia, depois das negociações de paz entre a França e a Hespanha de Julho de 95, quando Napoleão em 1801 moveu os hespanhoes á invasão de Portugal. Olivença e Juromenha foram tomadas em Maio e os inglezes expedem tropas para reforçar o exercito portuguez e em 24 de Julho desembarcam na Madeira alguns da Divisão auxiliar que viera para Portugal.

Essa estada das tropas inglezas na Madeira não se prolongou por mais de seis mezes, porque em Outubro de 1801 foi assignada a paz d'Amiens, mas a dominação dos mares que resultou d'essa acção conjuncta das marinhas britannica e portugueza pelo estabelecimento da base de Cliton no Funchal proporcionou o revivescimento do commercio d'exportação que depois, com a nova occupação de 1807 quando de novo se reuniram os exercitos das duas nações para repellir a acção con-

juncta da Hespanha e da França na invasão, se consolidou pela permanencia da base d'operações ingleza no Atlantico até 3 d'Outubro de 1814.

Durante esse periodo a exportação do vinho regula entre 11 e 17 mil pipas annuaes, subindo gradualmente o preço da pipa d'exportação de 40 libras para 70. A alta era motivada pela procura do vinho, consumido em Inglaterra em grande quantidade, e como os commerciantes se achassem em breve praso de tempo esgotados de *stocks* e impossibilitados d'exportar vinho e de o obter amadurecido em estado de ser consumido, lançaram as casas exportadoras do Funchal um novo processo de fabrico na industria vinicola por meio d'estufa ou aquecimento: o calor era de velha data tido como um agente physico necessario para o amadurecimento do vinho, mas era empregado naturalmente; e o emprego do calor artificial por meio d'estufa na iniciação como a pratica estivesse ainda longe de ser servida por uma experiencia segura, os vinhos estragaram-se muito pela incompetente applicação da temperatura; e o commercio, por consequencia, soffreu uma crise, porque as praças inglezas, á invasão do mau vinho, restringiram as encommendas, servindo-se do pretexto para justamente no momento em que o vinho melhorava, manterem um preço baixo, que deu logar a uma crise commercial que obrigou muitos membros da Colonia a emigrarem e a abandonarem os seus negocios. Os acontecimentos passaram-se assim:

Uma lei de 1823 prohibiu a importação de vinhos e aguas-ardentes e obrigou os vinicultores a distillarem dez mil pipas annuaes d'agua-ardente; o fabrico diminuindo, baixou por conseguinte a exportação; mas d'ahi

resultou uma melhora manifesta na qualidade e um progresso industrial incontestavel. Mas a Feitoria ingleza — como os subditos britannicos chamavam ao seu gremio commercial do Funchal — não vendia o seu vinho em Inglaterra, já pelo preço que elle attingira em 1816, de 77 libras por pipa, e baixando o preço para 60 em 1819, para 50 em 1820, conservou-se a 46 libras de 1826 até 1852, data do apparecimento do *oïdium* e da grande crise viticola, que se aggravou depois com a phyloxera em 70. Os inglezes então abandonam a Ilha e só das velhas casas exportadoras ficaram as de Newton Gordon & C.ª, J. W. & T. Selby, Blandy & Rutterford, e Grant, empregando-se as duas ultimas firmas no negocio do carvão de pedra, que já era importado em assaz importante escala para abastecimento da navegação.

N'essa epocha a Madeira, para a colonia ingleza, redobrára d'interesse d'estancia hibernil, porque o clima d'Italia, aonde os inglezes costumavam procurar a amenidade da temperatura, estava-lhes fechado pelas perturbações politicas e as guerras da unificação. A navegação frequente punha os portos d'Inglaterra em contacto immediato com o Funchal, directamente, em 7 dias: a «West Indies Packet» sahia todos os mezes, no dia 17, de Southampton e chegava á Madeira a 24, custando a passagem 30 libras; para Lisbôa, a «Peninsular e Oriental Company Steamers» tinha trez vapores por mez, que deixavam Southampton a 7, a 17 e a 27 de cada mez. De Lisbôa vinha a escuna portugueza «Zarco» e o brigue «Galgo», que traziam passageiros; e em navios de vella tambem de Falmouth seguiam directamente a 4 de cada mez, regulando a

travessia 12 dias, os brigues da «Brazil Packet Sailing Brig».

Os extrangeiros gozavam da faculdade de poderem, mediante um deposito na alfandega do Funchal, desembarcar sem sugeição de direitos o seu mobiliario por espaço de 18 mezes: e encontravam dois hoteis — o «London Hotel», de John Lewis, e o «Yates familly Hotel», mais moderno — que por 50 mil réis mensaes os alojavam, assim como casas de campo nos arredores ou dentro da cidade e nos melhores bairros que lhes procuravam os agentes de aluguer d'habitações Samuel Wilkinson e John Payne pelo preço de 50 a 100 libras semestraes, incluindo o mobiliario.

A media annual dos inglezes que frequentavam o Funchal entre 1848 e 1852 andava por 320, e desde então, não só a população extrangeira fluctuante progride gradualmente, accorrendo ás bôas condicções climatericas apregoadas por todos os hygienistas e proclamadas em todos os livros e revistas scientificas, como a industria hotelelra se desenvolve prodigiosamente, sobretudo depois da vinda para a Ilha de William Reid, inglez de Kilmarnock, que morreu com 66 annos em 1888, depois de ter creado, com a sua mulher e os seus filhos, a grande industria dos serviços d'hospedagem. Fundou o primeiro hotel de Santa Clara junto ao Mosteiro, bem situado no alto, dominando a cidade, que foi o melhor e o maior da Madeira no seu tempo; em pleno bairro da baixa, junto ao jardim publico, montou um outro, que se chamou o «Royal Edimburgh»; com Jacintho Nunes, que era portuguez e fallava o allemão, estabeleceu o «German Hotel»; e alem disso, no monte aonde mais tarde a

famillia edificaria o Hotel, alugava ainda uma casa. Pelo seu lado, o filho William Jnr dirigia o hotel do Carmo; e, além de muitos *chalets* e quintas que os funchalenses cediam d'arrendamento durante a estação, em 1884 existiam ainda o «Falkness Private Hotel», junto do Hospicio da Imperatriz, ás Angustias, o «Jones Private Familly Hotel», a um killometro da cidade, no caminho de Camara de Lobos, e o «Central», á entrada da cidade, que era mantido pelo Coelho e Carvalho.

II

O vinho

O meu Ex.mo Amigo José Marceliano da Silva Pereira é um homem universalmente conhecido no Funchal pela sua actividade! Assaz moreno, de compleição e de fortes bigodes brancos que lhe imprimem o relevo do claro-escuro proprios d'uma velha gravura de Rembrandt de que a sua cabeça se torna um exemplar modelo, é raro o dia em que se não encontra pela rua com uma pasta de documentos debaixo do braço, a caminho da Repartição de Finanças. Se bem que n'essas voltas se trate de meros negocios particulares ou de negocios de Companhias, a categoria social do Snr. Marceliano da Silva Pereira é a de Coronel do Exercito e na sua longa carreira desempenhou os mais altos cargos militares, exercendo no governo Sidonio Paes as funcções de governador militar do districto do Funchal.

A sua morada é n'um dos edificios da rua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro, n'um predio que foi do seu sogro e onde o conheci ha mais de 30 annos na companhia dos irmãos Lourenços de Freitas — dois grandes amigos de meu pae — que estou a ver com o

aspecto physico e moral dos negociantes, gordos, atarracados, de movimentos sobrios, pessôas reflectidas e conceituosas, uma das quaes era o pae da Ex.ma Senhora D. Assumpção.

O Coronel Marceliano herdou do Snr. Candido Henriques de Freitas uma adega das mais extraordinarias e curiosas em vinhos de varias naturezas, proveniencias e edades, e o outro dia teve a gentileza de me convidar a uma prova, quando eu acabava d'almoçar no «Golden Gate». Essa prova foi de facto um raro momento que é raro alcançar, collocando-me frente a frente a uma completa collecção d'exemplares de productos da velha industria madeirense. Sete ou oito garrafas foram dispostas sobre a meza de jantar e algumas d'ellas offereciam já uma apparencia d'objectos de museu pelo aspecto archeologico que tinham; uma com gargalo deslocado e bojo disforme denunciando um fabrico de data imprecisa, outra fosca tambem e de côr incerta; todas encardidas, de poeira adherente, que formava como que uma pasta terrea; e de rolhas queimadas já pelos vapores e apodrecidas pela edade. As garrafas abertas exhalavam uma variedade de perfumes que se expandiam suavemente na sala, e o seu alinhamento sobre a toalha branca infundia qualquer impressão estranha de solemnidade ao acto que não era facil traduzir no momento e agora muito menos de explicar.

Um vinho côr de topasio carregado cahiu oleoso e pesado nos calices, acompanhado do gargalar musical que se produz sempre ao vasar de um liquido contido em garrafa cheia pela entrada do ar que vae occupar o espaço deixado por esse liquido.

Era um explendido serceal velho, amadurecido pelos annos na pipa e conservado alguns lustros em garrafa. Tinha o seu gosto secco, um grau alcoolico subido e impregnado do sabor particular do vinho da Madeira dado pela uva, concentrado no velho casco, conservado pela agua-ardente.

Um outro mais assombreado seguiu-se ao primeiro: era um boal e portanto menos secco, precisamente aberto na altura em que o alcool se evaporou o sufficiente para que o vinho guardasse a força precisa para reforçar o sabor do sumo do fructo com que fôra fabricado: na bocca deslisava pela lingua suavemente e evolava-se volatilisado em effluvios para o palato, conservando-se o golo na bocca sem se sentir mais grau alcoolico do que aquelle que as mucosas são susceptiveis de perceber. Claro que este vinho podia ser tanto mais velho como mais novo que o primeiro, sendo impossivel precisar-lhe a edade, que talvez fosse de 100 annos de pipa, e cuja perfeição lhe vinha do equilibrio entre o grau de alcoolisação que recebera ao fabrico, na pipa, depois de soffrer a fermentação e a volatilisação lenta d'esse alcool depois, atravez os annos, no recipiente de vidro.

Mas a surpreza ia exceder toda a expectativa quando levei aos labios a 3.ª qualidade do vinho contido na garrafa deformada e que o Coronel Pereira me affirmou receber a custo a pressão de qualquer novo rolhamento, sem se partir: agora nem mesmo vinho já era o que eu estava a beber, era uma especie d'extracto ou essencia de sumo d'uva, sem grau alcoolico, perfumado naturalmente — um solera amadurecido em estufa, aquecido aos raios solares — tendo sido conservado desde 1775

pouco mais ou menos e resistido á adulteração desde essa epocha para cá.

Depois vieram os gordurosos tintos espessos e queimados, vinhos de meza de 15 e 20 annos já manipulados depois da phyloxera com castas novas de *Jacquez*, *malvasias* de Camara de Lobos e da Fajã dos Padres, obtidos com a cadel, as aguas-ardentes com os seus *bouquets* especiaes, os seus perfumes *sui-generis;* vinhos e licores que eu ia bebendo, inebriado, não pelos vapores mas pelos aromas e pelos sabores.

Ingenuamente occorreu-me ao pensamento o *père Gaucher* do conto de Daudet, que para conservar o segredo do fabrico dos seus licores se fechava na sua cella, aonde um dia os irmãos o foram encontrar bebedo! Se a razão não presidisse n'aquelle momento ás numerosas e repetidas provas que fazia, eu acabaria, como o padre Gaucher, por me embriagar com ellas, sem me sentir perturbar gradualmente, mas subitamente, devido a ingerencia excessiva d'alcool, pela natural insistencia de perceber as differenças para conservar na memoria os paladares de todos aquelles nectares.

A sessão d'analyse que me proporcionára o Coronel Pereira levou-me o pensamento para a historia do fabrico do vinho na Madeira desde que as primeiras castas de bacellos foram introduzidas na Ilha, de Bucellas e de Candia, pelo Infante D. Henrique, antes de 1445, data em que Ca-da-Mosto se refere já á excellencia do vinho da Madeira: e revi n'um instante todo o fructo das minhas leituras sobre o assumpto durante estes trez mezes que me demorei no Funchal.

As cepas de Bucellas no clima da Madeira produ-

ziram acclimados a celebrada boal; os bacellos trazidos de Creta dariam os malvasias d'origem; mais tarde seriam introduzidas outras castas, como as da região rhenana allemã, que seria o serceal.

Estas trez castas são perfeitamente distinctas pela natureza das parras, pela qualidade dos cachos e pelo sabor e forma das uvas: enquanto as folhas da boal são recortadas por sinus profundos e angulosos de denteluras agudas e irregulares, aveludadas nas duas faces, as do serceal são arredondadas nos recortes e são constituidas por fortes nervuras que lhes dá a apparencia d'emrugadas, offerecendo um colorido accentuado especial verde-claro muito amarelo, algodoadas dos dois lados: a malvasia, especialmente a cadel, que é a melhor das variedades, tem as folhas amareladas nas extremidades da dentelura, sendo o resto tintado de verde amarelado-escuro e as duas paginas lisas.

A malvasia tem as uvas douradas e pouco duras, produzindo cachos grandes como a boal, que é de bago rijo; a serceal, que amadurece mais tarde e que não se approxima do dourado nem do adocicado das outras, é de cacho pequeno.

Estas castas porém, se bem que deem o nome ás trez qualidades de vinho que constituem typos commerciaes do ramo do negocio, estão longe de preencher o rol das variedades das cepas madeirenses, que contam, entre outras castas acclimadas e já existentes desde o seculo xviii e tambem vinificaveis, a negro molle, a verdelho, a bastardo, a negrinha, a ferral, a dedo de dama, a alicante, a muscatel e muitas outras.

Dizia o medico inglez que aqui se fixou em fins do seculo xviii, Gourlay, que n'essa epocha as melhores

qualidades que deviam ser conservadas para vinificação eram a negro molle, a verdelho e a boal; e de facto de uma mistura de verdelho, boal, bastardo e negrinha fazia-se uma marca com a designação de vinho da Madeira, que perdurou até hoje. Da negro molle e da verdelho, que eram as qualidades mais sensiveis ao rato e á lagartixa, fabricava-se o tinta, muito apreciado depois d'alguns annos de garrafa, mas não por espaço muito prolongado: fixava-se-lhe a côr fazendo-o fermentar nos cascos com as cascas das uvas que passavam atravez do coador vulgar, que era o cesto, depois de soffrer uma só pressão de vara no lagar. E toda a operação do fabrico do tinta era differente, guardando-se o mosto n'um tonnel durante 15 dias com o batoque aberto e remexendo-se a massa trez a quatro vezes no dia, lançando-se o liquido para os cascos depois da sua fermentação.

Da negrinha fabricava-se o marota, que era um vinho escuro tinto, muito cordeal, adstringente, e obtido com uvas seccas, que para esse fim eram seccadas ao sol, postas sobre os telhados das casas. O malvasia levava um pouco d'assucar queimado, quando não era produzido com as uvas da cadel, e esse adocicado era já provocado durante a fermentação dos mostos, suspensa mais cedo que no fabrico dos outros vinhos. Só a cadel, das variedades da malvasia, era doce bastante para imprimir o *bouquet* natural ao vinho, a cadel era quasi de producção restricta a certas fajãs onde a concha mais ou menos pedregosa constituia o ambiente excessivamente quente que precisava para sua completa maturação e só se encontrava na Fajã dos Padres junto á rocha do Cabo Girão e em outros restrictos socalcos

do concelho de Camara de Lobos e no Jardim e Paül do Mar.

Assim como Camara de Lobos era a região privilegiada da malvasia, o Paül do Mar era o sitio proprio das melhores castas de serceal e Porto da Cruz, no nordeste, onde amadurecia o melhor verdelho.

As mais finas aguas-ardentes eram as de Porto Santo; e no norte todo, como o vinho era em geral d'inferior qualidade, distillava-se grande parte d'elle em agua-ardente.

Hoje, quem entra n'um d'esses grandes estabelecimentos industriaes de vinificação do Funchal não é desorientado da ideia que concebeu sobre os processos antigos da fabricação do vinho da Madeira, porque tem na sua frente um verdadeiro mostruario explicativo da evolução que soffreu.

Os vinhos, no fim do seculo XVIII, começaram a ser envelhecidos pelo processo da roda. A roda era uma viagem á India ou á America Central, em que as pipas cheias e armazenadas nos porões quentes das embarcações passavam ou estacionavam algum tempo no Equador e recebiam os calores tropicaes: tinham então esses vinhos que estavam maduros e aptos ao consumo, depois do regresso, o nome de «East e West Indies», boal, serceal, malvasia ou Madeira, e distinguiam-se dos outros envelhecidos no Funchal e que tomavam o nome commercial de «London Particular» e que eram exportados directamente, dos armazens para Londres.

Da pratica pelo envelhecimento da roda nasceram as estufas aquecidas pelo vapor a uma temperatura de 30 a 60 graus centigrados, que as grandes casas exportadoras do Funchal puzeram em execução logo que

constataram que o amadurecimento do vinho aquecido se dava em 2 ou 3 annos, destruindo rapidamente os germens de fermentação n'elle contido, o que pelo processo de conservação normal levava muitos annos.

A casa Cossart Gordon & C.ª, a mais antiga existente na Madeira por ser a que representava a antiga firma de 1745 de Francis Newton, arrumava em 1885 cerca de 1.600 pipas na sua estufa por uma só vez. Era o processo antigo ainda do aquecimento no armazem fechado, por tubos de vapor, que distribuiam a temperatura no ambiente e no vinho, que para a receber directamente ficava de pipa aberta.

A casa Cossart Gordon & C.ª tinha para esse fim um corpo de construcções de dois andares divididos em quatro distinctos compartimentos, no primeiro dos quaes os vinhos communs eram sugeitados durante 3 mezes a uma temperatura de 60 graus; no segundo os vinhos d'intermedia qualidade eram aquecidos a 50 graus durante um periodo de quatro mezes e meio; no terceiro, reservado a vinhos melhores, a temperatura era conservada durante 6 mezes e o calor variava entre 42 e 50 graus; no quarto, designado pelo compartimento ou deposito do «Calor» e destinado aos vinhos superiores, o aquecimento não era produzido por encanamentos mas provinha d'uma divisão contigua quente e a temperatura oscilava entre 30 e 40 graus.

Desde o principio do seculo XIX a descoberta do amadurecimento dos vinhos pelo calor dispertára á industria vinicola da Madeira a curiosidade d'ensaiar processos experimentaes para a sua execução, e levadas pela economia, algumas casas, sobretudo industriaes concelhias, construiram estufas de vidro, chegando a

obter pelos raios solares 47 a 54 graus de calor, mas como as alterações provocadas durante a noite estabeleciam descidas rapidas de temperatura, a utilidade do processo foi posta am duvida e este abandonado. Pelo contrario, a elevação da temperatura é que trouxe conclusões claras ao systema do aquecimento artificial e as estufas foram sendo substituidas pelas cubas ou reservatorios, aonde o vinho, n'um grau de calor mais subido, é aquecido directamente por serpentinas d'ar ou agua quente que lhe mantem a temperatura regular e constante.

O vinho, quando amadurecido pelos raios solares, tomou o nome de «solera», e as grandes casas que tinham adoptado simultaneamente os dois processos de amadurecimento pelo calor artificial e pelo calor natural conservaram, como ainda conservam, os «soleras».

O espirito de conservantismo, de resto, manifesta-se tanto nos processos como nos costumes da industria e as grandes firmas commerciaes, como as d'outr'ora, continuam a occupar-se exclusivamente do amadurecimento dos vinhos, que são trazidos em mosto dentro de barris ou em borrachas (odres) directamente do viticultor em corsas quando produzidos em logares vizinhos accessiveis ao transito dos vehiculos de tracção animal, ou por mar, em vapor, quando provenientes dos concelhos afastados do Funchal; e as suas instalações conservam o typo e as divisões dos antigos armazens.

O outro dia entrei na fabrica Cossart Gordon & C.ª, que, se bem que o seu edificio seja novo e differente do que existia no seculo passado, conserva o seu estylo

tradiccional do da velha fabrica de vinhos: a entrada é de rampa asseixada e dá accesso para um vasto pateo interior aclaustrado de pergollas de floridas trepadeiras; n'esse pateo repartem-se as instalações, dando para um lado os depositos de conservação de tonneis e barricas, para outro o dos tubos d'aquecimento e o dos depositos em alvenaria tambem das arrecadações dos vinhos em mosto chegados da vindima; n'uma vasta tenda fabricam-se os tonneis e toda a sorte de vasilhame, que obedece a medidas particulares; sob um telheiro, além, algumas machinas a vapor serram os chaprões de bordo e de castanho usados pelos tanoeiros do outro lado; e ao centro da grande estufa, aonde estão instaladas as cubas d'aquecimento e os reservatorios dos vinhos novos, acha-se o lagar, o inutil lagar n'este estabelecimento de vinicultura.

III

As Minas de Vulcano

Na rua Bella de S. Thiago do Funchal, quem por alli passa é dispertada a sua attenção pelo mostruario disposto n'um pequeno vestibulo d'uma construcção d'apparencia industrial, que de facto tem na fachada um distico com estes dizeres: «Empreza Industrial Madeirense» Gonçalves & Comp.ª

Os objectos expostos, como telhas, canos, mezas, balaustres de terraços e escadas, lavatorios, banheiras, etc., são todos construidos de cimento, e se bem que as telhas offereçam o aspecto de telhas de barro, as mezas e as banheiras tenham a apparencia de marmore, os pés das mezas e outros moveis proprios de jardim se assemelhem a obra de madeira tosca e por apparelhar, conservando os troncos e os ramos das arvores a casca e não soffrendo outro lavor mais do que a serragem e ajustamento dos pedaços preparados á armação do objecto a que se destinam; apezar de todos os caracteristicos que se notam no extravagante mobiliario rustico, elle é bem o mobiliario de cimento annunciado na taboleta da porta da entrada, que toda a gente lê, ao passar na rua, acompanhando o titulo da firma.

Os marmores n'esta industria são constituidos por massas compactas de cimento e lascas de pedras marmores de differentes côres lançadas na argamassa de cimento e comprimidas com ella; o agglomerado compacto e duro é depois polido e assemelha-se a certos marmores multicolores, como alguns d'Extremoz.

As madeiras são obtidas com moldes formados pelo methodo da fundição de modellos eguaes aos que se querem representar e n'este caso são troncos ou ramos de vegetaes, vasados, dentro dos quaes se amoldam por compressão as peças que depois são juntas e soldadas e recebem um pequeno colorido, depois de seccas, egual ao da madeira.

A industria é prospera e os lindos *chalets,* villas, casas de campo ou vivendas ajardinadas dos bairros rusticos da cidade, todos esses ediñcios cobertos de glycineas, plantados de jacarandás, ornamentados de geranios, decorados de bouganvileas, mostram, por entre as suas sébes e macissos de compacta florescencia, brilhantes telhados polychromos que são armados por estas telhas de cimento dispostas em imbricado, formando pela matisação das tintas figuras geometricas, graciosas, lavadas, aprazivels á vista. Nos jardins os mobiliarios provecm d'essa «marcenaria» empedernida e as pias, os lavadouros dos quintaes, os depositos, as fontes nos tanques, as banheiras nos quartos de *toilette* e muitos outros objectos d'uso domestico ou empregados nas construcções, teem a mesma origem nas officinas da rua Bella de S. Thiago da firma Empreza Industrial Madeirense de Gonçalves & Comp.ª

Nunca tinha, até estes ultimos dias, pensado na invenção de semelhante industria, que não é exclusiva

d'esta industriosa Ilha, nem quem seria o inventor d'ella; nem tampouco a historia da sua origem. Casualmente, porem, depois de conhecer os trabalhos da firma Gonçalves & Comp.ª, encontrei, nos meus passeios pelo campo madeirense e nas leituras d'alguns livros consagrados, por reputados homens de sciencia, á geologia e geognosia da Ilha, a ponta do fio d'esta meada do labyrintho industrial que deu sahida a este ramo de negocio de mobiliario de madeira empedernida.

Devo o achado á curiosidade de querer profundar os mysterios da sciencia archeologica dos geologos por observações pessoaes que me instruiriam mais positivamente sobre assuntos tão discutidos e diversamente apreciados e que em geral nós, os superficiaes analystas das coisas do mundo, deixamos passar despreoccupadamente sem entrarmos nas hypotheses das origens d'ellas. Levado pois por esse interesse, fui ver os leitos dos fosseis á Piedade do Canniçal, a que estão ligadas variadissimas theorias cosmographicas, vulcanicas, mineralogicas, geologicas, petrographicas, e mesmo zoologicas e chimicas.

A Piedade é uma pequena ermida que assenta sobre um monte assaz elevado, o monte Gordo, cortado quasi a prumo sobre os calhaus da praia a 4 killometros do Canniçal. A Garcia Moniz, primeiro administrador do morgadio do Canniçal, instituido por Vasco Martins Moniz, seu pae, por testamento de 5 de Setembro de 1489, quer a tradicção que tivesse erecto o templosinho que é hoje alvo de uma festa das mais curiosas da Madeira — uma procissão maritima que sae da Parochial e para alli se dirige em barcos floridos aos estampidos dos bombões.

De Machico navega-se em barco para o Canniçal e passa-se a freguezia que se abriga entre as dunas aridas, baixas, mas sempre onduladas, que correm ahi em suave declive para o mar, completamente despidas d'arvoredo ou de qualquer outra vegetação além de gramas e outras hervas rasteiras, como o balsamo e o orobus, reverdecendo ainda assim com ralos, entre as areias escoreaceas barrentas do solo.

Bordeja-se ao longo das penedias do calhau, pretas e soturnas, com a ponta de S. Lourenço em arco de foice a limitar a nascente a ilha formosa; e entra-se na bahia da Piedade, onde um macisso de basaltos serve de desembarcadouro.

A viagem interessa logo desde a largada de Machico na alpendrada dos alcantis monstruosos formados por stratos espessos de tufos avermelhados agora, mais amarellos lògo, acamados a certa altura em cascalho fino completamente carbonisado, barrados por columnas basalticas de rocha rija, tudo recortado de quando em quando por laminas de pedra estriada que como soldas unem verticalmente este conjuncto de rochas como fustes parietaes subindo n'uma enorme fachada de templo em ruina.

Agora desde as proximidades do Canniçal a costa é varrida pela vista e a sua calvicie e suavidade de inclinação contrastam com tudo o que se viu na Madeira até então.

O calhau de desembarque é alveolado de poças e no fundo da agua salgada acama uma areia torrada ferruginosa de biscoito triturado á mistura com granulos brancos de qualquer materia calcarea; por entre essas poças elevam-se grupos de rochedos laminados e

truncados como pedaços de cristaes de rocha que se encontram nas geleiras da Suissa. Sobe-se a encosta, que n'esse local é assaz ingreme, e a pouca distancia começa-se a encontrar no terreno filões esbranquiçados d'uma massa humida semelhante a pós de gesso, que em certos sitios endurece, lamina e assenta ás folhas como tabuas de lioz partidas, especialmente pelos bordos das covas. Mesmo n'uma quebrada de rocha, toda a orla do cimo, á nascença das areias do solo, é franjada d'esse gesso empedrecido, em massa mais espessa. D'ahi por deante o terreno, n'esse espaço que não excede 1 killometro quadrado de superficie, abunda em formações extravagantes n'essa natureza: e aqui encontra-se um tronco de dracena como elle apodreceu petrificado nos bordos, occo por dentro, onde se corrompeu sem duvida, pois que a petrificação só parece produzir-se ao isolamento do ar; mais adeante vê-se uma massa de raizes envolvida do cabellame; além topa-se com um troço de ramo, sempre de dracena, despido de miolo, restando só em bainha a estructura exterior com a sua apparencia natural. Ás vezes nos pedunculos — mas lenhosos sempre, porque a propriedade d'agglutinação do vegetal não se estende ás folhas nem aos elementos tenros da planta, não existindo um só exemplar d'elles na enorme variedade d'objectos que se encontram pelo chão — a massa fibrosa e lenhosa do interior toma o aspecto de barro amarello muito claro e parece fibras lenhosas d'um córte de páo com os seus vasos capilares reunidos pela trama fina ainda visivel.

Este mysterioso logar, como o da Praia Formosa á fabrica de conservas de peixe Fialho, junto ao Funchal, e um outro a noroeste da Ilha de Porto Santo, são

certamente activas officinas das minas de Vulcano, onde um ente sobrenatural parece presidir á confecção d'esses espectros vegetaes em pedra, como outr'ora, na mythologia, Clotho, a mais infante das trez Parcas, tecia os destinos da humanidade, resuscitando pelo processo do transformismo uma matta de dragoeiros alli soterrada e apodrecida.

Que Vulcano alli intervem e que arvores ahi existiram affirmam os sabios e confirma-o a historia.

Bowdich, em missão ingleza, em 1826, para o oeste d'Africa, vizitou as «minas de Vulcano», que presupôz revolucionadas por uma erupção marinha que para alli elevasse um berço tão denso de calcareo em particulas e concentrasse a matta de dragoeiros; e explica o phenomeno vulcanico tendo tido logar ao norte em local hoje occupado pelo mar entre a costa leste da Madeira e o Porto Santo, onde produziu eguaes effeitos aos que se observam nos montes e barreiras da Piedade e arredores. D'essas elevações, que se prendem aos espigões que avançam do contraforte da cordilheira, formadas pelo mesmo tufo das dunas mas onde se não encontra a mesma areia ferruginosa, proveem, trazidas pelo vento, as pulverisações das massas dos tufos vermelhos, que é o que produz, com o calcareo e silicatos alli existentes, essa combinação areosa; a massa, agglutinada hoje ao contacto do ar e das aguas, foi-se revolvendo e subindo de nivel á maneira que as chuvas e o vento foram escalvando o solo; e retida e fixada pelos ramos, troncos d'arvores e raizes, acabou, corrompidos os detrictos vegetaes pela acção d'essas aguas e dos carbonatos que se produziram, por se transformar na alvenaria dura que hoje constitue os objectos vege-

taes, com mais resistencia do que a vulgarmente formada na industria.

Bowdich não explica a origem dos silicatos nem da alvenaria, mas nota a existencia de trez qualidades de conchas; uma delfina, assemelhando-se á « delfina sulcata » de Lamark, que só tinha até então sido encontrada em Grignon no estado fossil, e duas helices, pertencendo ao grupo das lomelatas do sub-genero helycostyla de Ferussac; conchas perfeitamente distinctas das geralmente encontradas agora na Madeira. Quanto á existencia da madeira da Piedade, já n'uma epocha em que a Ilha era habitada, portanto a uma data muito posterior á da erupção supposta por Bowdich, conta Fructuoso que para o Canniçal tinham os Teixeiras uma coutada onde caçavam coelhos, perdizes, pavões e até porcos javalis, e uma carta de D. Manoel confirma esse facto, assegurando á Camara de Machico o direito ao Donatorio de caça, mas restringindo-o a essa coutada e aos campos de Santa Catharina em Santa Cruz. Um pico situado nos arredores, conhecido pelo nome de Dragoal, seria outra demoastração da existencia de mattas de dragoeiros alli, onde hoje se vê um deserto d'areia em extensa duna.

Não resta duvida que na Praia Formosa, junto ao Funchal, se encontram esses mesmos veios de areia e calcareo agglutinados, empedrecidos, dispostos em laminas pelos extremos das quebradas do terreno, e se bem que ás vezes se encontrem em cordões, esses cordões nem offerecem nenhuma semelhança com raizes ou ramos petrificados por essa argamassa rija, nem a sua petrificação se confunde com a dos vegetaes da Piedade.

Na Piedade tambem o vegetal desappareceu para dar logar á sua forma como espectro d'aquelle que existiu agglutinando-se na materia corrompida do objecto d'outr'ora, na massa mineral corrosiva, occupando e substituindo o espaço com uma harmonia e relação de densidades correspondentes ás das madeiras transformadas como se ellas tivessem de facto servido de moldes, apparecendo a pouco e pouco á maneira que o vento e a brisa foi removendo as areias das camadas jacentes á superficie do solo.

Vulcano terá guardado o segredo da chimica que produz a petrificação imitativa dos vegetaes e a completa natureza da agglutinação petrificada das massas areosas, da laboração das suas minas; ou achar-se-hão desvendados esses mysterios e conhecidos dos mortaes, e explicadas a composição e dose das qualidades dos elementos que são necessarios para a solidificação da argamassa em maçonaria?

Será o elemento viscoso e sicativo d'origem animal e fossil, e será elle que, entrando n'uma proporção minima na massa agglutinada, produza, misturada com a areia vermelha d'um tetim mais fraco do que o michaelense nas faculdades hydraulicas, essa aptidão empedrecedora espectral?

Os geologos dividem-se em opinião quanto á natureza do calcareo vulcanico encontrado na Madeira, em S. Vicente, na Piedade, na Praia Formosa, em Porto Santo; uns querem-no ver vomitado para a ilha por erupção marinha, trazendo-o das mais profundas formações sedimentares que constituiram outr'ora o globo; outros combatem esta theoria remota de calcareo de transição baseando-se nas conchas fosseis que perten-

cem ao periodo terciario achadas nos rochedos calcareos de S. Vicente, especimens que se encontram tambem nos leitos classificados d'esse periodo como datando do mioceno em Malta, na Italia e na Grecia e mesmo na propria Serra Morena da Andaluzia.

O certo é que os professores abalisados do Funchal que analysaram ao microscopio a natureza da maçonaria das minas de Vulcano ainda não conseguiram encontrar um atomo de materia lenhosa e vegetal nas mineralisações arboriferas da Piedade.

Mas Vulcano, que obedece sempre como filho submisso ás vontades de Jupiter, um dia ou outro deixará os mortaes estabelecer em formulario consagrado as composições chimicas da sua obra predilecta, entregue é certo já ás mãos dos obreiros terrenos, mas por desvendar na fórma como se restitue um vegetal morto, no seu semelhante vivo, em pedra.

Só um segredo da arte de Vulcano jámais será divulgado: é o da susceptibilidade da argila ser transformada em Eva, isto é, n'um ser animal. E sabe o leitor porquê? Porque Jupiter lhe tornaria outra vez a dar a boceta dos males do mundo e a boceta seria outra vez aberta por um Epimetheu e d'esta vez nem a esperança ficaria no fundo.

IV

Os auctores do «Elucidario» e Santo Antonio

A velha obra do Padre Santa Rosa de Viterbo que teve por titulo o *Elucidario* encontrou ao cabo de mais de um seculo, na Madeira, dois renovadores do antiquado titulo e sua orientação, no Padre Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, que escreveram um diccionario historico, politico, geographico e scientifico respeitante ao Archipelago da Madeira, em dois volumes, chamado *O Elucidario Madeirense,* e cujo 2.º tomo acaba precisamente d'apparecer á venda.

Esta obra falla por si, replecta de magnificos artigos historicos coordenados por ordem alphabetica, trazendo as mais interessantes notas historicas sobre os assumptos, localidades ou pessoas a que elles se referem; e a obra tambem falla dos auctores porque as suas intellectualidades e os seus caracteres n'ella se retratam moralmente. Mas as suas personalidades é que se encontram ahi apagadas, justamente porque os auctores do *Elucidario* naturalmente se desviaram de n'elle se evidenciar, a fim de reforçarem a missão que se tinham imposto e seu objectivo na publicação de um diccionario de consulta.

Não sendo portanto necessario criticar a obra e os auctores, torna-se quasi indispensavel conhecel-os para traçar-lhes as individualidades ou, melhor, as personalidades — esses traços physicos e sentimentos moraes, occupações e habitos que são os reflexos dos caracteres e das intellectualidades. Além d'isso, não assignando os auctores nenhum dos artigos do diccionario, preciso é pois esclarecer e distinguir as aptidões d'um, das especialidades do outro, e essas aptidões e especialidades são bem diversas nos dois escriptores. Um, inclina-se ás sciencias d'observação, o outro, ás sciencias da tradicção; um percebe directamente da natureza, o outro pondera no documento escripto; um regista, fixa e enumera, o outro compara, elucida e reproduz, orientando a verdade.

O senhor Carlos d'Azevedo de Menezes, botanico, como botanico aggregou a si os ramos da obra do *Elucidario* com que a botanica se relaciona intimamente, como climatologia e meteorologia, geologia e agricultura; o rev.^{do} P.^{e} Fernando historia nas suas variadas especialidades abrangendo a politica, a social, a religiosa, a administrativa, a agricola, etc.

Ambos eram conhecidos e apreciados no mundo das lettras e na edade em que os longos estudos e a experiencia das coisas tornam os actos praticados pelos individuos, reflectidos e amadurecidos, actos portanto offerecendo a garantia d'uma maxima ponderação e esclarecimento; e a obra do *Elucidario,* assumida assim pelos dois escriptores de reputação consumada, tornou-se uma obra d'actualidade e de interesse, ardentemente esperada e acatada e anciosamente aspirada no meio intellectual d'esta terra. Conheci o senhor Carlos

A. de Menezes, bibliothecario da Bibliotheca Municipal em 1913, quando elle era já muito conhecido em Portugal no meio scientifico, pelos seus trabalhos de catalogação e de classificação botanica, editados na Madeira e publicados em varias revistas: era elle então um homem que andaria ao redor dos 50 annos d'edade, cabellos escuros, compleição amorenada, d'humor scintillante e prazenteiro, officioso e gracioso no seu mister; prompto a esclarecer qualquer assumpto ou qualquer questão dos negocios a seu cargo que pudessem esclarecer o solicitante, com a desenvoltura propria de uma pessôa inteiramente na posse de todos os segredos do officio por uma longa practica de muitos annos na superintendencia d'elles.

De facto aposentou-se n'esse anno de 1913, mas não deixou de proseguir nos trabalhos da sua especialidade, reunindo em volume no anno seguinte, na *Flora do Archipelago Madeirense,* os assumptos dispersos em numerosos folhetos, livro que foi mandado imprimir pela Junta Agricola da Madeira e tornou-se edição official da Junta Geral do Districto.

Como o actual bibliothecario, o senhor Adolpho Cesar de Noronha, que é tambem um naturalista mas que se dedica aos ramos geologicos, e como o illustre michaelense o sr. Coronel Francisco Affonso Chaves, o sr. Menezes tem sido por largos annos um grande auxiliar dos museus e dos naturalistas de grande nomeada, mantendo com elles estreitas relações e fornecendo-lhes esclarecimentos de todo o genero, recebendo em troca informações valiosas dos seus criterios e conhecimentos scientificos. Talvez seja mesmo d'esse labor obscuro e particular que tenham sahido os mais

notaveis serviços prestados pelos eruditos obreiros da sciencia insular e que se patenteiam nos museus das nossas capitaes da Madeira e de S. Miguel, nas bibliothecas, nas collecções d'archeologia, nos mostruarios de petrographia, etc., etc.

E o que se tem realisado entre nós em estudos d'esta natureza nas duas Ilhas que constituem o Districto, em Santa Maria e S. Miguel, ambas habitadas, offerecendo facilidades a uma residencia de dias que permitte uma exploração profiqua, aqui as investigações estendem-se a varias ilhas, que por serem deshabitadas não apresentam por isso menos interesse á Historia Natural, mas que offerecem todos os inconvenientes e difficuldades do seu isolamento maritimo. O sr. Noronha n'uma occasião esteve trez semanas n'uma das Selvagens sem communicações com a Madeira, distanciada mais de 150 milhas do porto do Funchal, com os viveres esgotados, alimentando-se dos productos naturaes, substituindo ovos de galinha por posturas de Cagarra, caçando cabra e usando dos mariscos, n'uma perfeita existencia á Robinson Crusoé.

N'estas paragens inhospitas tem o sr. Menezes ido colher hervas aos cumes dos rochedos das Desertas e desaggregado lichens aos pedregulhos banhados pelas ondas do Oceano a fim de colher novos especimens para as suas collecções, e agrupal-os nos generos e nas familias conhecidas, ou classifical-os entre as especies novas que apparecem todos os dias por toda a superficie da terra, em qualquer paiz onde trabalhem os exploradores ou estudem os sabios.

O Senhor Padre Fernando, esse, o seu mundo é n'uma bibliotheca — esta particular — e deixa-n só

para vir á aula da Escholla Industrial do Funchal ou para exercer as suas occupações na parochial de Santo Antonio, junto da qual habita n'um passal amplo de velha casa construida á seculo XVIII, com reminiscencias d'architectura mosarabe agrupada em pavilhões, faltando-lhe a açotea, que é substituida por um torreão coberto, justificado pela situação da habitação, que se acha a mais de 300 metros sobre o nivel do mar, varrida pela brisa da serra que fica sobranceira á freguezia, trazendo muitas vezes esse ar coado e molhado das neves que cobrem durante dias consecutivos o alto da Encumeada, revestindo os picos, enchendo os relevos do planalto da compacta massa branca e refrigerante.

Fui lá na tarde fria e sem sol do dia 3 de Março! O passeio segue a estrada de Camara de Lobos, que evoca as geniaes inspirações de Mousinho d'Albuquerque, mostrando-nos logo á sahida do Funchal a grande ponte do Ribeiro Secco, que o engenheiro tinha projectado construir pensil, assente sobre dois pilares colossaes erectos nas margens da escavadissima ravina n'aquelle sitio.

Essa estrada foi a primeira projectada na Madeira, ao longo da costa, destinada a ser accessivel a todo o genero de vehiculos e ligar Camara de Lobos com a cidade; e a Rainha viuva Adelaide da Grã Bretanha, interessou-se tanto pela obra, que tinha sido interrompida pela morte de Mousinho e pelos acontecimentos politicos d'essa epocha agitada, que offereceu 100 libras para a subscripção publica que em 1847 José Silvestre Ribeiro, então governador civil do Districto, abriu, a fim de levar o projecto a cabo, entregue agora ás mãos dos capitães d'engenheiros Tiberio Augusto Blanc e

Vicente de Paula Teixeira. Mas a ponte, que já tinha sido planeada para assentar sobre arcos de cantaria, foi construida afinal em alvenaria, tal qual se acha hoje.

Depois de passada essa ponte e seguindo-se a estrada hoje calçada a seixos, antes de se chegar a Camara de Lobos, sobe-se para o norte na direcção de S. Martinho, pelo Arieiro, tendo ao fundo a Encumeada elevando-se das nervuras dos espigões que descem em declive formando e avançando para as ravinas.

É uma tarde sem sol, d'atmosphera e colorido tenue unido e sombrio; a serra acha-se revestida da gaze azul e vaporosa que lhe está tecendo a camada fria dos pincaros, e transparece, com os seus coloridos severos dos macissos densos de vegetação que parecem uma roupagem de damasco em folhagem e copas d'arvoredo d'um verde glauco, por entre a neblina pairante, leve, imperceptivel quasi.

O automovel sóbe na zona baixa por um espinhaço acima e essa zona sinuosa de terrenos esquartelados e vincados está enxaquetada de cannaviaes por entre quadrados mais ou menos regulares de tufo ou barro vermelho, ou de saibro amarello; e como n'um presepio apegam-se os casaes pelas lombas acima e até ás cristas dos altos das montanhas que descem ao mar no Cabo Girão a oeste, na ponta do Garajau a leste, sobressaem as manchas brancas das fachadas ou as escamas rubras dos telhados. Nos dois valles mais profundos o Funchal jaz inanimado na tranquilidade da tarde d'inverno e só o esfumado no ceu, de um navio que larga o porto, a todo o vapor, imprime actividade áquella quieta rigidez que como um corpo cataleptico

não manifesta energia latente, vitalidade; no valle do poente, povoado por Camara de Lobos e Estreito, sem illuminação de raios solares, esse torpor da morte, com o fallecimento precoce do dia, ainda mais naturalmente se apresenta infundindo um certo sentimento de desolação.

Estamos em pleno campo e, no entanto, não se ouve chilrear um passaro, não nos chega ao ouvido um mugido de vacca, não se sente o latir d'um cão: casaes, campanarios, cannaviaes, vinhedos, leitos cultivados de batata ou fava, socalcos plantados de figueiras, etc., tudo emerge nas suas côres naturaes d'entre as pregas e as rugas do solo, inundadas por uma claridade sem raios nem sombras, n'um silencio christão e religioso.

O pinaculo da Cupula atorreada da nova egreja de S. Martinho vae-nos sahir não muito longe por detraz do espinhaço que a estrada galga mais acima: d'esse sitio do terraço ou adro da egreja de S. Martinho, a capital da Madeira queda-se no fundo assemelhando-se mais a uma planicie do que a amphitheatro a altos limites: a massa da casaria é compacta como uma applicação de seda pintada em rico estofo verdejante; e d'ahi n'um bordado a matiz florescem disseminados os termos das freguezias trepando pelos montes, apinhando-se em comoros, anichando-se nas rochas, despenhando-se nas ravinas.

Santo Antonio, n'essa phantasia do bordado, leva a palma em audacia ao Funchal, porque a agulha da civilisação pospontou os cimos mais altos da aba da cordilheira na Barreira, branquejando as habitações a mais de oitocentos metros pela encosta de um penhasco acima, passado o pico do Serrado e o Lombo Gordo,

quasi a debruçar-se sobre o valle do Curral Grande, aberto e escavado no alto da Encumeada.

É do pico dos Barcellos que se tem a mais ampla e desafogada vista sobre os dois panoramas, divididos pela lomba da freguezia de Santo Antonio, quasi a escapar-se na pedraria arida do leito da Ribeira de S. João, pouco escavada n'essa altura, sahindo da abertura de uma garganta em cotovello.

Para o lado de Camara de Lobos, o Estreito cobre com a sua construcção as rugas d'aquelle estendal de verdura, esquartelado e retalhado pelos biscoutos, ennodoado pelos barros; para o lado do Funchal o colar assenta, prezo no capitolio da cidade, que é a Senhora do Monte, estrellado pelo Terreiro da Lucta, no immenso peito da deusa, brilhante, opulento, deslumbrador na sua riqueza natural sem scintillações nem chispas de luz, refulgindo na deslumbrante joalharia. Para o sul, o mar muito azul estende-se immaculado: por cima o ceu plumbeo — murrião d'uma armadura para cobrir uma guerreira justificadamente incauta. A atmosphera e o solo estão egualmente frios! O ceu velou-se d'uma evaporação lenta para a cordilheira e como não ha aragem nem transição de temperatura brusca entre a serra e as fajãs, essa evaporação compacta e acamada conserva-se na altura planando sem se condensar... É humidade que arfa e se exhala d'essas pastas sujas d'algodão mascarrado, mas humidade que á maneira de uma geleira expelle frieza e reforça assim o abaixamento da temperatura.

Descendo a encosta do Pilar, descançando a vista no Funchal, encontra-se a estrada de Santo Antonio que sóbe atravessando a freguezia, passando na Paro-

chial e pela porta do passal aonde móra o illustre vigario Padre Fernando Augusto da Silva, auctor do *Elucidario Madeirense*, professor da Escholla Industrial e um dos mais notaveis eruditos da archeologia da sua terra.

O Padre Fernando, que guardando as maneiras do vigario parochial é um sacerdote de physionomia franca e aberta, olhar ridente, cara cheia, harmonica e proporcionada em typo romano perfeito e correcto. O seu corpo, pouco elevado, é cheio, socado, sem que a grossura lhe embote os movimentos e a natural ligeireza; e a vivacidade anima-lhe o aspecto, que se accentua ainda mais quando elle falla. É discreto por reflexão e verboso por temperamento e disposição natural, mas medindo a phrase com o calculo do pensador que conhece o mundo e que sabe a somma de palavras que deve empregar para que a sua exposição ou conversa não exceda os limites das conveniencias do colloquio; e n'isso revela-se o professor modesto, despindo dos ornamentos da rhetorica inutil a clareza do pensamento, que é geralmente tão arguto como generoso, contendo um mar de multiplicidade que banha os aspectos por que encara as coisas, mas derramando apenas as gottas precisas da dose chimica para exprimir a apreciação.

O Padre Fernando trabalha rodeado de livros n'um escriptorio rasgado por uma estreita janella voltada ao norte, que parece uma fresta, deixando penetrar no recinto uma fraca claridade; é um estudioso d'horas altas, enquanto o sol dardeja a terra e vivifica a natureza com os seus raios mais claros e quentes; e quando elle abre a porta para me mostrar o sanctuario de

Pallas, a essa hora, 5 ½ da tarde, já se não percebe o que se acha espalhado por sobre a mesa de trabalho, nem se leem os titulos das obras alinhadas nas estantes muraes da sua bibliotheca, que parece uma massa informe, cuidadosamente archivada pelas paredes, em prateleiras.

Antes de ter vizitado o homem de lettras percorri o templo aonde se manifesta o homem da egreja no exercicio da sua profissão religiosa.

A egreja é vasta e está em obras ou preparativos de decoração como os seus trabalhos archeologicos; mestres douradores, em cima de andaimes, alouram as talhas da capella mór, os cadeirados sacerdotaes recebem as applicações entalhadas nas bojudas guarnições das tribunas, os batentes das portadas do guarda-vento acabam de ser encerados, paineis decorativos com as passagens notaveis das vidas dos Santos ainda estão por encaixar nas molduras parietaes dos revestimentos das capellas. O sacerdote archeologo desdobra-se ahi em artista; o creador e o reformador juntam-se, consolidando a sua personalidade de caracter ordeiro, methodico, de homem com a visão do progresso.

As festividades religiosas de Santo Antonio são bem conhecidas e notorias e ninguem receia que n'essas obras de reformação da egreja entre o minimo sacrificio das pompas habituaes; ellas teem continuado a ser faustosas, emprehendidas com o costumado brilho, porque o Rev.^{do} Fernando desviar-se-hia da sua orientação de pastor, das suas convicções conservadoras, dos seus principios d'administração e d'economia, enfim, da comprehensão geral dos deveres clericaes, se retirasse um ceitil ás verbas destinadas aos officios

e procissões, se sacrificasse para introducção de uma obra d'arte, qualquer parcella d'homenagem que os costumes populares teem vindo accrescentando á devoção ou á glorificação dos seus santos, das suas imagens ou ás commemorações de qualquer acto ou acontecimento notavel transformado em tradicções.

Felizes parochianos de Santo Antonio, que teem n'esse vigario de perto de 60 annos e de cabello todo branco uma alma moça e d'iniciativa para os dirigir na senda do progresso da sua freguezia.

V

O Turismo no Funchal

«Never... yes... truly... Canary... Oh!... Good morning... Glorious day...» Estas e outras exclamações, phrases e interlocuções, trocadas por individuos que se cruzam na rua ou se agrupam aos bandos sob os platanos despidos da Avenida de Zarco, ou sentados ás mezas dos terraços do «Golden Gate», vestidos de flanellas brancas, gabardines claras, sedas vivas, são proprias para desmontar qualquer passageiro despreoccupado que desembarque d'um dos vapores da Companhia Nacional ou do «S. Miguel» da Empreza Insulana, da carreira dos Açôres, no mez de Janeiro, sobretudo quando ha neve a branquejar os cabeços da serra dos Balcões ou da Cumieira do Curral das Freiras; quando assopra uma brisa fresca e de bocado a bocado cae um chuveiro.

Essa geleira na montanha não é signal de mau tempo, sendo um poderoso condensador de vapores atmospherícos sahidos das zonas baixas do litoral durante as horas quentes do dia, uma garantia de mutação frequente das nuvens em agua e a manutenção constante do equilibrio hygrometrico e thermometrico entre o solo e os raios solares.

Mas faz frio, e o passageiro do «S. Miguel», em face da estação e do local em que desembarcou, entre esses trajos veranis e campestres e a algazarra exotica, encontra-se mais que surpreso, desnacionalisado, e acha-se deslocado n'um meio instavel, ficticio, que elle sente não ser o natural e proprio a qualquer terra, mas o opportuno e o de circumstancia do momento — meio em que finalmente elle acaba por se integrar, definindo-o, e realisando as caprichosas phantasias do turismo, essa exploração e expedição faceis e commodas dos tempos modernos a paizes desconhecidos.

Ao turismo do Funchal está ligada a questão politica e a organisação social da Madeira.

O turismo actua nos seus destinos economicos, e se se acha na mente dos homens publicos d'este paraizo do Atlantico, regularem em solidas e prosperas bases o seu futuro, o progresso da Ilha balança entre a conjugação das conveniencias dos extrangeiros com os interesses dos nacionaes, e n'essas conveniencias e interesses ha a harmonisar a ordem social d'um lado, com os principios da moral publica do outro.

Do conflicto da moral e da ordem resultou ha annos uma questão que não ha muitos dias teve uma manifestação que representa o principio da solução e proximo fim politico d'ella: o Funchal foi de facto alvoroçado pela noticia, annunciada na Imprensa com antecipação, nos termos das leis de 25 de Janeiro de 1911 e 14 de Maio de 1924, que regulam as arrematações da propriedade em hasta publica.

Esse annuncio referia-se á venda em hasta publica de 8 lotes de propriedades do Estado no valor de cerca de 13 mil contos e que tinham pertencido á companhia

do principe Carlos Frederico Hohenlohe, formada por capitaes allemães e constituida para funccionar, em harmonia com as condicções das leis portuguezas, nas condicções do despacho ministerial de 9 de Junho de 1903. A concessão dava privilegios á companhia de requerer, como qualquer nacional, expropriações por utilidade publica, e isentava de direitos alfandegarios os materiaes e mobiliario necessarios ás construcções e decorações dos estabelecimentos que fundasse; os concessionarios, por seu turno, obrigavam-se a prestar caução para garantia das clausulas do contracto e a prover com um certo numero d'alojamentos, a hospitalisação de tuberculosos indigentes portuguezes.

A companhia, que tinha em vista trez objectivos — explorar casinos e reunir tanto quanto possivel a industria hoteleira e a administração de sanatorios para tuberculosos — vindo prestar um auxilio á acção de S. Magestade a Rainha D. Amelia, que andava empenhada no estabelecimento por todo o paiz de «Dispensarios», recebeu um geral acolhimento da opinião publica portugueza, e naturalmente outro não menos favoravel da madeirense; e em Agosto de 1904 importava os primeiros materiaes para a installação na quinta de Santa Anna, que já tinha adquirido, na freguezia do Monte, com a quinta Bianchi e Vigia, achando-se já n'essa occasião na Madeira pessoal technico allemão para a montagem do primeiro sanatorio.

A quinta Vigia, essa foi conservada para uso do casino, e o commendador Manuel Gonçalves, que era o agente da Empreza Hohenlohe no Funchal, foi adquirindo depois para a companhia os Marmeleiros, onde foram construidos os dispensarios, a propriedade Reis

e Palmeira, tambem situada para o Monte, assim como a Confeiteira, a Torrinha e o Arrebentão.

Em 1907 a companhia, que já era senhora, na freguezia de S. Pedro da Cidade, das quintas Vigia e Bianchi, pretendeu arredondar a propriedade com a compra da quinta Pavão, que se achava encravada entre as suas. O proprietario da Estancia, que era subdito inglez, recusando-se a entrar em qualquer negocio, a companhia lançou mão do meio violento da expropriação, cujos direitos foram contestados pela parte interessada.

A contenda, em que intervieram os governos allemão e inglez, pois que a ella estavam ligados interesses de nacionaes e se tratava por isso de uma questão de direito internacional privado, visto não serem claras na lei portugueza as condicções d'expropriações e de liberdade de jogo, acabou por o governo portuguez rescindir o contracto (lei de 3 de Novembro de 1909), satisfazendo á firma Carlos Frederico de Hohenlohe, como indemnisação, cerca de 1.160 contos, ficando com as propriedades que no dia 29 de Janeiro passado eram annunciadas para serem vendidas em hasta publica.

Mais flagrante do que este acontecimento não seria facil citar outro exemplo para demonstrar as difficuldades administrativas que existem para ajustar esta peça que é a vida social madeirense no mechanismo politico do districto e integral-a no apparelho delicado que é o Estado, na sua marcha constitucional a caminho do progresso nacional.

Haveria uma grande obra politica a realisar n'este districto e que se não tornaria incompativel com os

interesses geraes economicos da fazenda publica: seria uma organisação administrativa integralmente neutral, estabelecida sobre uma plataforma de liberdade de commercio regulando-se por um regimen de pautas minimas, arrecadando o fisco uma percentagem variavel correspondente á riqueza publica na proporção d'aquella com que os outros districtos do paiz contribuem, pelas arrecadações geraes das contribuições e impostos. Com esta autonomia, em que a administração local estabeleceria o regimen fiscal que mais lhe conviesse, organisaria o systhema economico que melhor lhe servisse o orçamento, crearia as medidas de fomento convenientes ao desenvolvimento do turismo; e não seria de se fazer esperar uma iniciativa governativa que transformasse a Ilha em poucos annos n'uma terra modello de organisação social, porque não lhe faltam recursos para, dentro das suas aptidões e faculdades, estabelecer os elementos de progresso necessarios ás suas aspirações.

Mas como seria possivel, a não ser por uma constituição que outorgasse a cada districto uma autonomia geral com faculdades legislativas proprias, estabelecer principios de moral constitucional sobre bases equitativas para com os outros districtos, n'um regimen de administração conveniente aos interesses da Madeira?

Não se pode combater a reforma federalista de districtos autonomos com o pretexto de que aquelles que possuem mais recursos, os que se acham mais preparados politicamente para uma autonomia, os que são mais ricos industrialmente ou agricolamente, são os unicos aptos a usufruirem esses direitos de liberdade; isso seria submetter logo d'entrada a solução d'um pro-

blema que é actualmente o latente no regimen unitario e centralisador existente.

A reforma traria o estabelecimento de uma Dieta ou Congressos Districtaes que regulariam, como os actuaes parlamentos, o regimen equitativo de faculdades orçamentaes locaes; e nada ficaria alterado nos organismos administrativos que não fosse a liberdade districtal d'acção em tudo que dissesse respeito ao progresso districtal.

É incontestavel que a Madeira, vivendo d'um commercio d'exportação, e constituindo o turismo uma importante fonte economica d'abastecimento social interno, precisa organisar as suas normas administrativas no sentido proprio a engrossar esses caudaes de riqueza. Os phenomenos que se observam são os seguintes: a França tem chegado a importar da Madeira 17 mil hectolitros de vinho, a Allemanha 97, a Inglaterra 4, a Suecia 11, a Dinamarca 9, o Brazil 7; para manter um commercio externo de vinhos que se pode computar em 10 mil pipas de 418 litros cada (pipas d'embarque) annualmente, convem-lhe, é claro, que n'esses paizes esteja estabelecido um regimen de pautas minimas para o commercio portuguez; ora é certo que, na legislação de qualquer paiz, não se abre excepção pautal para regiões, e que portanto não depende da constituição administrativa do districto portuguez, melhor ou peor favor de direitos pautaes nas alfandegas extrangeiras; mas ha as relações commerciaes a concorrerem para isso, a permuta a influir no desenvolvimento mercantil; e portanto um paiz exportador torna-se em boas condicções de trafico, nas relações entre duas nações, poderosos factores de progresso commercial, favore-

cendo, nas praças ligadas por meio de transportes regulares, os interesses communs dos agentes exportadores, n'ellas estabelecidos.

N'esse sentido de estreitamento de relações entre duas praças commerciaes, uma organisação districtal que tenha em mira essa politica mercantil exerce mais facilmente uma influencia benefica junto dos elementos officiaes do paiz interessado do que um governo central, centralisador.

Assim a Madeira, cuja conveniencia é vender a sua producção disponivel de 3 mil tonneladas d'assucar no mercado de Lisboa, precisa portanto achar condicções favoraveis ahi; assim a Madeira tem vantagem em preparar bem o terreno de permuta nas praças clientes do seu vinho da Madeira, pois que conquistará para as mercadorias que alli possa ir buscar fontes seguras d'importação para as vendas no mercado do Funchal, onde os *touristes* consumidores d'ellas exercem a faculdade de compra.

Esses regimens não se podem negociar propriamente visando uma região, e tem-se como exemplo a extincção ha dias do privilegio que estavam gozando os madeirenses de transportarem mercadorias de cabotagem em vapores extrangeiros, em constituições politicas unitarias; e só nas Federações os Estados adquirem uma esphera d'acção livre e independente, por isso que se restringem mais os interesses das collectividades.

Resalta na organisação fazendaria da Madeira o problema das pautas como um dos mais importantes na sua economia orçamental e depende da distribuição dos direitos sobre as mercadorias d'importação a am-

plitude a trazer aos serviços proprios e ligados ao turismo.

Este anno — e não foi o primeiro — os hoteis da Madeira estiveram replectos d'hospedes e incertamente poderiam em Janeiro dispôr d'alojamento até meados de Março. Ha pois uma manifesta necessidade de desenvolver a industria hotelleira nas proporções em que se está dando a progressão do movimento turistico da ilha. Essa necessidade não se manifesta na parte recreativa no que diz respeito a casinos, porque estando o Funchal servido por duas excellentes casas d'esta natureza, proporcionando distracções diversas, como bailes, jogos, reuniões, concertos, só nos dias semanaes, quartas e sabbados, e nos extraordinarios annunciados na Imprensa, é que se reune na Quinta Pavão ou na Quinta Victoria, numerosa assembléa; fóra d'isso, não concorrem aos dois estabelecimentos mais do que uma media de 30 a 40 pessoas, metade das quaes só alli apparecem acompanhando aquelles que se interessam nas roletas; e pelas sallas de baile não deslisam 3 pares por junto de *fox-trot*.

Vê-se pois claramente que enquanto a clientella que repousa augmenta n'uma proporção rapida, o *touriste* que precisa distracção não a satisfaz em geral nos casinos.

Mas no movimento turistico da Madeira dá-se — e isso é o que importa — um augmento progressivo annual de população fluctuante que precisa d'installações hotelleiras convenientes; e á roda da satisfação d'ellas é que se debate o problema, complicado pela importação de materiaes d'installação, de construcção e de mobiliario, que soffrem presentemente pe-

zadissimos tributos á sua entrada nas Alfandegas da Ilha.

As exigencias de capital estão-se diariamente a multiplicar e as faculdades d'acquisição a diminuirem; alem de que ha uma restricção d'acção de ramo de negocio, porque as emprezas hotelleiras progridem na evolução lenta dentro da industria estabelecida e não pelo investimento de capitaes e emprego d'elles na creação d'uma exploração estranha ou nova, que é sempre de arriscados resultados.

A evolução d'uma industria hotelleira no Funchal é a razão mesmo das necessidades d'importação regular para fornecimentos de casa; mas como proceder a esses abastecimentos, se os direitos d'entrada a todas as mercadorias são prohibitivos?

Os 12 hoteis existentes no Funchal não alojam mais de 800 pessoas, se bem que alguns tenham já ampleado e estejam a amplear as suas installações, como o «Bella Vista», o «Reid's», o «Sovoy», o «Golden Gate».

Todos os dias estão a chegar vapores, alguns dos quaes trazem regularmente passageiros, como os transatlanticos da Africa do Sul e os pertencentes á «Mala Real», alem de enumeros cruzeiros de recreio que de quando em quando fazem escala pelo porto, despejando para terra levas de meio milhar de viajantes de cada vez. D'essa navegação, que anda por uma media de 70 a 80 vapores por mez, ha sempre a esperar passageiros dos portos d'Inglaterra ou mesmo na viagem de retorno dos portos d'Africa ou das republicas americanas. Mesmo das Canarias chegam vapores, e esses trazem então a classe especial de *touristes* das ilhas atlanticas que deixam as costas da Mancha ou o seu

paiz de domicilio para vizitarem as Canarias e a Madeira e passarem na ilha que melhor lhes convem os 3 a 4 mezes da estação propria.

É certo que a maioria d'essa gente só desembarca por algumas horas, mas é certo tambem que se trata de progresso de turismo em geral, a influir por forma latente e persistente na civilisação insular. E se as acomodações hotelleiras não progredirem e se as installações não augmentarem, essa via de progresso estagna e o reclamo deixa de ter a efficacia e de exercer a acção positiva que actualmente se verifica.

Se ao menos a industria nacional provesse ao uso e ao consumo dos extrangeiros? Mas não provê, por exiguidade de producção, e a mão d'obra é cara ou d'inferior qualidade. É mesmo a industria nacional o principal factor d'aggravo ao systhema proteccionista do regimen aduaneiro do paiz.

Quando será possivel tornar acceitavel á moral politica da administração do Estado, um regimen excepcional de porto franco e d'autonomia á Ilha da Madeira que lhe permittam desenvolver a sua acção administrativa n'um objectivo de progresso turistico, do qual resultaria indiscutivelmente, não só o desenvolvimento rapido do fomento insular como o melhoramento immediato dos serviços publicos, e mesmo augmento de riqueza social, e mais potencial tributario portanto?

VI

A Sociedade

Quando, no artigo sobre Ponta do Sol, tratámos da Fazenda da Lombada pertencente a João Esmeraldo, referimo-nos á divisão do vinculo no seculo XVII — em harmonia com as disposições da Instituição deixadas pelo Instituidor aos dois filhos dos dois matrimonios — entre dois descendentes do ramo unico que os reunira ainda no seculo XVI, Antonio Carvalhal Esmeraldo, casado com D. Sebastiana Valente Quental e Luiz Esmeraldo d'Athouguia, esposo de D. Izabel Esmeraldo.

Antonio Carvalhal, a quem pertencia o quinhão de Valle da Bicca, constituido em morgado, transmittiu-o ao ramo dos Ornellas e Vasconcellos, que o administraram até á extincção dos vinculos; Luiz Esmeraldo e sua mulher foram os administradores do outro morgado de Santo Espirito, que pertenceu á casa Carvalhal.

Os negociantes d'origem italiana Giorgi & Comp.ª, fixados ha muito tempo no Funchal, adquiriram ha pouco mais de 30 annos em hasta publica as terras do morgado de Santo Espirito; a parte do Valle da Bicca aonde os administradores possuiam o solar do Jangão com a ermida annexa de Nossa Senhora da Piedade

foi vendida em 1920 pelo Conselheiro Ayres d'Ornellas de Vasconcellos por 600 contos a um syndicato, que a retalhou pelos antigos rendeiros da casa que agricultavam os terrenos.

Essa venda em hasta publica do morgado de Santo Espirito levado á praça pela casa Carvalhal é bem um exemplo do que foi a abolição dos morgados e capellas, o desmembramento das casas vinculares, obrigadas pelas leis de 30 de Julho de 1860 e 19 de Maio de 1863, que extinguiram os vinculos, e a volta á velha legislação portugueza da divisão da herança e faculdade de disposição unica da terça dos bens globaes.

O morgado abolido; a partilha obrigatoria pelos filhos ligitimos nascidos do matrimonio, retalhou essa terra que as leis pombalinas tinham ainda unido e juntado mais, facultando aos senhores dos grandes vinculos annexarem os pequenos que delle dependiam, oriundos do mesmo instituidor e vinculados em ramos collateraes.

O que se deu na casa Ornellas e Vasconcellos, na famillia Carvalhal e na casa Torre Bella, que foram desligadas dos morgadios vinculados, se bem que os descendentes d'estas famillias, que eram os grandes e mais nobres da Madeira, não fossem numerosos e que portanto não seria n'este caso o retalhamento directo a causa do desmembramento dos vinculos no ultimo administrador, a faculdade d'alienação anteriormente deffendida trouxe da mesma forma essa desunião da propriedade.

A desaggregação da terra do novo regimen deu logar á formação de nucleos de pequenos proprietarios, e assim se constituiu uma sociedade em que a

propriedade deixou de ser a base do capital e a fonte de receita dos seus detentores, para formar, como outr'ora os pequenos morgadios, um seguro e auxiliar de vida apenas e que obrigava a iniciativas de caracter commercial, industrial, burocratico ou mesmo agricola.

Assim ficou constituida a sociedade portugueza moderna, que pouco mais edade tem do que 60 annos; e no Funchal, n'essa existencia amphibia anglo-portugueza, partilhada entre o turismo e a economia particular, é que essa sociedade nos apparece flagrante e mais distincta do que n'outro qualquer meio provinciano ou insular, porque em nenhuma outra parte se dá com a mesma intensidade a lucta pela melhora das condicções da existencia.

A carestia da vida necessaria pela frequencia dos extrangeiros, as exigencias de decoro social que o contacto com os povos das grandes nações mais bem providas dos elementos civilisados impõem ao madeirense, são talvez os principaes factores d'essa lucta que se manifesta na vida ficticia dos casinos, dos hoteis, dos cafés, obrigada pela convivencia com o estranho de passagem, d'onde talvez se espera o embrião da carreira elevadora das condicções sociaes.

Debate-se esse mundo moderno em franca promiscuidade: são estudantes de lyceu e d'eschola superior, verbosos, apparentemente desprendidos de preconceitos, que acotovellam os janotas filhos de familias brazonadas que se anicham n'alguma casa commercial ou assistem n'um escriptorio d'agenciação e que nas horas vagas procuram subir na escala social ou habilitarem-se a emprego mais respeitavel; os estudantes, esses que buscam os preparatorios aos misteres liberaes consumar

mas seguem os passos dos doutorados em lettras e sciencias e que arrastam as mesmas preoccupações indifferentistas dos jovens pelos mesmos locaes de ociosidade depois da tarefa diaria, ás vezes lucrativa mas raramente proveitosa.

D'esta communidade de vida nasce uma democracia d'amizades que, se não entra geralmente as portas do lar, invade os casinos e as reuniões publicas o sufficiente para misturar as classes que deviam mover-se em espheras definidas e que perdem por isso, n'esse Capharnaum de vaidades, o senso da expontaneidade e da personalidade. É portanto no casino, ao contacto com as mulheres, que se unifica a educação heteroclita principiada nos cafés e na praça publica, obrigada pelas condicções particulares da vida intima, mal orientada, porque essa educação deveria obedecer a um plano de trabalhos a bases scientificas e positivas e só casualmente sugeita a derivação, por parcimonioso aviso, para repouso sabiamente ponderado.

As mulheres ressentem-se do mal e dos effeitos da accentuada mistura social, entregando-se continuadamente ás distracções em commum sem disporem de tempo para a preparação do estudo e da vida intima.

O mal não será talvez exclusivamente da Madeira; o mal está assaz generalisado pela democracia, ainda infantil; e se bem que nos grandes centros os effeitos da promiscuidade social se notem menos, porque a massa da população é mais densa e se não distingue muito aquella parte que não partilha dos vicios dos seus contemporaneos, ainda assim a sellecção de classe, mais generalisada, attenua grandemente as consequencias da demagogia delirante, encontrando tambem um

refugio na vulgarisação da instrucção popular, nos cursos, nos theatros, nos museus, nas exposições, isto é, em todas as iniciativas tendentes á cultura intellectual, que começam por absorver e attrair e depois produzem os seus fructos na acção social.

Os nucleos ou classes de cidadãos que se retiram do contacto da amalgama mundana são os senhores de casas nobres, os grandes negociantes de vinhos com tradicções commerciaes, os dos grandes industriaes, os dos membros das firmas dos bancos e agencias e os dos professores, dos homens de sciencia, dos advogados, dos padres e dos medicos.

N'essas classes a vida é séria, cheia de responsabilidades e encontra-se o orgulho do *métier*. O bem estar derrama-se no *chalet* de prazer, circundado de fartas latadas de vinha e ornamentação de pergolas de rozas no quintal, trepadeiras floridas subindo pelas paredes e varandas da habitação: na cidade o terraço da casa amainclado deitando para a rua, coberto de flores, ou o caramanchão ralado como os mucharabies, é do estylo; e é ahi que ás tardes se reune a familia á sésta, se toma chá, ou se bebe o café depois das refeições.

No seculo passado, cada casa abastada possuia os seus cavallos e os seus carros particulares a patins puxados por *poneys* ou tirados por bois, agora a motocyclette para os filhos ou os automoveis para uso proprio entram na sumptuaria locomotora do casal. É n'esse automovel de transporte que, depois das noites do casino, os ranchos se installam e vão até Santa Cruz a leste ou a Camara de Lobos a oeste da cidade em passeio nocturno recreativo, que ás vezes envolve

qualquer sentimento d'idyllio amoroso. Esse idyllio começa geralmente a uma das mezas do terraço da «Pavão» ou da «Victoria», ou ás grades da primeira na contemplação da bahia, onde brilham luzes avermelhadas d'electricidade dos albois dos transatlanticos que fluctuam no mar banhado pela claridade prateada do luar. *Flirt* ou namoro, a differença, com a tendencia para a homogeneidade dos costumes a que já me referi, é quasi nenhuma: o par dança e repete-a tanto quanto lhe permittem as conveniencias do decoro ou a audacia mutua; bebe *cocktails* bem alcoolisados nos intervallos e troca sentimentos debruçado á grade. Entre portuguezes visa o casamento, e o dialogo é menos vivo para dar margem ás intenções mais significativas; entre individuos de nacionalidade diversa, a approximação não tem significado e os actos são tão livres e expontaneos como inconsequentes: n'estas condicções, o primeiro é sempre classificado, o segundo sugeito aos mais diversos commentarios, porque não se sabe o fim a que se destina; pode levar comtudo esse favoritismo retribuido a juncções arriscadas, mesmo para aquelles que se contentam com pouca coisa.

O namoro caseiro, esse, com raras excepções, é de janella, e as ruas do Funchal não são menos theatro d'essas scenas romanticas do que as de Lisbôa ou de Ponta Delgada; e ha namorados que levam annos, em prejuizo da musculatura e esthetica do pescoço, n'esses chamados vulgarmente *gargarejos,* sem aspirarem á usufruição dos juros d'esse cabedal affectivo abdicado e que tão tarde chega a entrar em activo no balanço da felicidade conjugal.

Creio mesmo que nos idyllios de janella não chega

a entrar a troca mutua de projectos futuros, nem combinações presentes solidas para a consolidação dos interesses communs. Falla-se muito do alheio, do proximo e talvez de commercio e de politica: de resto é a conversa quasi vulgarisada nos meios chamados ellegantes, aonde é raro o relato, a explicação, a procura do conhecimento ou da investigação e aonde é habitual o commentario, a censura, a apreciação, a insinuação e a ridicularisação sobre assumptos estafados, em que entra sempre uma ponta d'escandalo.

Ha maldade? não! um simples receio de praticar o bem, e o bem na sociedade tornou-se uma pratica d'alcance collectivo, em que a caridade entra n'uma percentagem de 80 p. c. sobre os outros sentimentos. Claro que essa caridade assim praticada tem effeitos d'evidencia individual, mas o bom coração e a moral christã misturam-se a patentear a acção. Assim, com bazares se accode ás casas de caridade arruinadas pelos estacionamentos das rendas proprias e devido á exhiguidade dos auxilios do Estado nas verbas d'assistencia distribuidas, abrem-se asylos, melhora-se a misericordia, reformam-se orphanatos.

Querer e proporcionar bem ao proximo cahiu em desuso e é um vexame para o espirito sceptico que não admitte nem vê o infortunio na divertida mascarada da existencia quotidiana. E de facto não será mascarada essas feições de mulheres e raparigas de labios encarminsados, de faces pulverisadas ou caiadas de branco clownescamente, a preparar o artificio do physico para coroar a já bem lamentavel deturpação das naturaes e expontaneas maneiras filhas da sentimentalidade innata e aperfeiçoadas na cultura da moral!?

Á aberração sceptica da indifferença pelo bello, mistura-se a timidez dissimuladora da apresentação natural, e assim se conjugam no caracter, essa feição que se concretisa na psychologia d'uma visão geral accentuadamente caustica, trocista ou inclinada á maldade.

A indulgencia, o espirito da sellecção, o culto, a reverencia, a homenagem, o sentimento e o interesse pela qualidade superior não se exteriorisam, porque seriam pueris manifestações d'uma pieguice de mau gosto.

Affirmar contudo que com essa corrupção das velhas tradicções portuguezas se perdeu a iniciativa do progresso, vontade ao trabalho, o amor da patria, a fraternidade social, enfim todos esses sentimentos que impulsionam um povo á evolução da civilisação, seria talvez exaggerar, considerando que as forças propulsoras não estão n'esse meio de transição e de espera mas por detraz da industria que progride, da agricultura que melhora, das artes que florescem, do commercio que se accentua. É ahi, nos mechanismos das fabricas d'assucar e nas installações das casas de vinhos, nos embutidos das caixas de madeira ou nos interlançados da obra de vime, nos bordados que se abrem nas gollas largas dos vestidos das senhoras, e a dentro dos *guichets* das casas bancarias que se deve ir buscar a grande expansão da actividade economica que fervilha na airosa cidade do Funchal e no engenho dos seus habitantes.

Quem a quizer ver na industria hotelleira, no turismo, no commercio e no embellezamento que vise as conveniencias dos extrangeiros, está fóra dos principios

politicos que regem os povos bem administrados ou com sabia orientação economica; e a opinião é propria dos demagogos da confusão das classes no convivio social.

De resto, o espirito da collectividade não define nem se integra na personalidade do madeirense encarada individualmente. O madeirense é um caracter pretencioso, é certo, vaidoso mesmo, justificado talvez no exaggerado orgulho da sua terra, mas lhano, de tracto afavel, obsequiador, laborioso e de iniciativa.

FIM.

INDICE

PARTE I

A Arte na Madeira

Pág.

I — O Funchal Archeologico 3
II — Vestigios da colonisação do Funchal 17
III — Os monumentos da fundação da cidade 24
IV — A freguezia de Santa Maria Maior 37
V — Simão Gonsalves da Camara, o «Magnifico» 46
VI — Vizitando egrejas 57

PARTE II

A Madeira Rural

I — A extructura physica da Madeira 67
II — O aproveitamento do solo e do clima 77
III — A agricultura 87
IV — A canna saccharina 98
V — A bananeira e a vinha 108

PARTE III

A Madeira Pictoresca

I — A Encumeada e a Costa Sul 119
II — O Curral das Freiras 127
III — Ponta do Sol 137
IV — Santo Antonio da Serra 151
V — O Passeio da Camacha 162
VI — A Quinta do Palheiro e o Jardim da Serra 171

PARTE IV

A Madeira Social

Pág.

I — Os Inglezes. 183
II — O vinho 195
III — As Minas de Vulcano 205
IV — Os auctores do «Elucidario» e Santo Antonio 214
V — O Turismo no Funchal 225
VI — A Sociedade 235

INDICE DAS ESTAMPAS

	Pág.
Fachada principal da Sé	5
Trajo feminino tradicional	22
«Bodo nas festas do Espirito Santo» por Lucas Cranach	40
Meza a embutidos	55
Platibanda da abside da Sé	80
Altar de Santo Antonio da Sé	98
Altar de S. Miguel na egreja do Collegio	112
Portas e janella da casa do Esmeraldo	120
Janella jeminada da casa do Esmeraldo	140
Tryptico do Soccorro com os retratos dos doadores	165
Tryptico de S. Pedro	188
O primeiro templo construido na Madeira	188